

COLECCIÓN

COLEÇÃO

O R E L L A N A



LAZARILHO DE TORMES

edição bilingüe



Tradução de **PEDRO CÂNCIO DA SILVA**

Prefácio de **MARIO M. GONZÁLEZ**

Edição espanhola de **MILAGROS RODRÍGUEZ CÁCERES**

SCRITTA
EDITORIAL

Embajada de España

CONSEJERÍA DE EDUCACIÓN

LAZARILHO
DE TORMES

edição bilingüe



Tradução de
PEDRO CÂNCIO DA SILVA
Introdução
MARIO M. GONZÁLEZ
Edição espanhola
MILAGROS RODRÍGUEZ CÁCERES
Revisão da Tradução
HELOISA COSTA MILTON

LAZARILHO
DE TORMES
edição bilingüe



Embajada de Espana

CONSEJERIA DE EDUCACION

Edición de **Milagros Rodríguez Cáceres**

LAZARILLO DE TORMES



Embajada de España
Consejería de Educación

Tradução de **Pedro Cântio da Silva**

LAZARILHO DE TORMES

Prefácio de **Mario M. Gonzalez**

Coordenador da Coleção: Assessoria linguística da “Consejería de Educación”

da Embaixada da Espanha

Projeto da Coleção: Felipe B. Pedraza Jiménez

Capa: Vande Rotta Gomide

Ilustrações de Capa e Miolo: Fátima Regina Cavenaghi Joachim

Revisão da tradução: Heloisa Costa Milton

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Lazarilho de Tormes ; tradução Pedro Câncio da Silva.
— São Paulo: Página Aberta; Brasília, DF:
Consejería de Educación de la Embajada de Espana,
1992. — (Coleção-Collección Orellana; 4)

Edição bilingüe espanhol-português.
Bibliografia.

1. Ficção espanhola I. Silva, Pedro Câncio da.
II. Série.

92-1112

CDD-863

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção: Literatura espanhola 863
2. Romances: Literatura espanhola 863

Direitos Reservados:

Editora Página Aberta Ltda.
Rua Dona Germaine Burchard, 286
Fone: (011) 262-1155 • 871 -5550 - Fax (011) 864-9320
05002-São Paulo-SP

ÍNDICE

Palavras preliminares.....	9
Introdução.....	11
<i>As primeiras edições.....</i>	<i>11</i>
<i>O autor.....</i>	<i>12</i>
<i>O gênero.....</i>	<i>13</i>
<i>O anti-herói.....</i>	<i>16</i>
<i>O primeiro romance picaresco.....</i>	<i>17</i>
<i>A estrutura.....</i>	<i>18</i>
<i>O sentido crítico.....</i>	<i>23</i>
<i>As traduções do lazareto ao português.....</i>	<i>24</i>
Bibliografia mínima sobre o lazareto.....	25
Nota do tradutor.....	27
Critério da edição.....	27
PRÓLOGO.....	30
TRATADO PRIMEIRO	
<i>Lázaro conta sua vida e de quem foi filho.....</i>	<i>31</i>
TRATADO SEGUNDO	
<i>De como Lázaro se pôs a serviço de um clérigo e o que lhe aconteceu.....</i>	<i>49</i>
TRATADO TERCEIRO	
<i>De como Lázaro se pôs a serviço de um escudeiro e o que lhe aconteceu.....</i>	<i>65</i>
TRATADO QUINTO	
<i>De como Lázaro se pôs a serviço de um buleiro e o que lhe aconteceu.....</i>	<i>89</i>
TRATADO QUARTO	
<i>De como Lázaro se pôs a serviço de um frade das Mercês e o que lhe aconteceu ..</i>	<i>89</i>
TRATADO SEXTO	
<i>De como Lázaro se pôs a serviço de um capelão e o que lhe aconteceu.....</i>	<i>101</i>
TRATADO SÉTIMO.....	103
<i>De como Lázaro se pôs a serviço de um meirinho e o que aconteceu.....</i>	<i>103</i>



PALAVRAS PRELIMINARES

Magnífico documento social do homem e da terra de Espanha ao longo do Século de Ouro, Lazarilho de Tormes, como obra que dá origem a um dos gêneros mais representativos da Literatura Espanhola, a novela picaresca, haveria de ser uma das obras eleitas pela Coleção Orellana. Através desse relato autobiográfico do anti-herói Lázaro, abre-se diante de nós esse satírico e irônico painel que reflete primorosamente uma fauna social que vive na Espanha de meados do século XVI.

Queremos parabenizar-nos com o professor Pedro Câncio da Silva que traz para mais próximo do público lusofone esta obra singular; com a professora Heloisa Costa Milton que com sua supervisão minuciosa conseguiu fazer com que o texto adquirisse perfeita ressonância em nossa época; com o professor Mário González que, na Introdução, nos apresenta de maneira tão completa e tão rica de detalhes esse texto que configura o novo gênero.

Não podemos deixar de lembrar que a Coleção Orellana é um projeto longamente idealizado pelo professor Felipe B. Pedraza Jiménez que, com olhar de criador, continua carinhosamente a acompanhar, da Espanha, cada um destes volumes, que além de seu caráter didático, se propõem a apresentar textos essenciais da Literatura Espanhola ou Hispano-americana.

Agradecemos de modo muito particular à eficiência, à dedicação e ao carinho de Maria Cibele González Pellizzari e de Denise Maria Rodríguez, sem os quais este trabalho não conseguiria chegar a bom termo.

Para encerrar estas Palavras Preliminares, nosso mais profundo agradecimento ao Senhor Joaquín Summers Gámez, Conselheiro de Educação da Embaixada da Espanha, que tem sido quem realmente viabiliza e tem dado continuidade a este maravilhoso trabalho de tão entenhado contacto entre culturas.

Assessoria lingüística
da “Consejería de Educación”
da Embaixada da Espanha



INTRODUÇÃO

O *Lazarillo de Tormes* merece um lugar de especial relevância na história da literatura, na medida em que é um dos fundamentos da modernidade literária. Ele pode ser entendido como uma das primeiras manifestações do gênero conhecido como romance e, dentro deste, é o primeiro romance picaresco. No entanto, além destes aspectos e das análises e interpretações que o texto possa merecer, seu aparecimento se configura, para os leitores de hoje, cercado de enigmas que achamos interessante relacionar.

AS PRIMEIRAS EDIÇÕES

Datam do ano 1554 as três edições mais antigas do *Lazarillo* hoje conhecidas. Nenhuma delas indica o nome do autor. O fato de existirem três textos, dois deles quase que idênticos, publicados no mesmo ano e em três diferentes lugares (Burgos, Antuérpia e Alcalá de Henares), tem levado os críticos a entender que houve uma ou duas edições anteriores que teriam sido a base comum daquelas que chegaram até os nossos dias. Essa hipótese parece-nos ter-se firmado definitivamente com os estudos de Francisco Rico.¹

O texto impresso em Burgos costuma ser identificado com uma linguagem mais descuidada que a dos outros dois e, assim, julga-se ser o mais próximo do original. Ao mesmo tempo, os textos de Antuérpia e Alcalá poderiam derivar de uma outra edição intermediária, pois guardam maiores semelhanças. O de Alcalá apresenta ainda uma série de acréscimos (seis ao todo, perfazendo um total aproximado de duas mil palavras) que parecem ser de outra mão que não a do autor do texto original. Rico chega a várias conclusões, nas quais pareceria ter colocado o ponto final para diversas questões que alimentaram a polêmica sobre o *Lazarillo* ao longo do século XX. Assim:

a) a primeira impressão do texto teria ocorrido entre 1552 e 1553, muito provavelmente em Burgos, na mesma gráfica de Juan de Junta, o impressor da edição de Burgos de 1554;

(1) Vide “Introducción” in *Lazarillo de Tormes*, Madrid, Cátedra, 1988, Letras Hispánicas 44, p. 11*-139* e “*La princeps del Lazarillo*. Texto, capitulación y epígrafes de un texto paródico” in *Problemas del Lazarillo*, Madrid, Cátedra, 1988, p. 113-151. Vide também: Ble-cua, Alberto: “Introducción crítica” in *La vida de Lazarillo de Tormes*, Madrid, Castalia, 1972, p.7-70.

b) Juan de Junta teria tido inicialmente acesso ao manuscrito do autor do *Lazarillo*, que não conteria nem a divisão em “tratados” nem as epígrafes dos mesmos; mais ainda, o texto não teria tido sequer um título. Este, bem como as epígrafes e a divisão, teriam sido obra de um ajudante da gráfica de Juan de Junta, que provou ter pouca imaginação na criação do título e epígrafes, bem como ter lido muito superficialmente o texto. Assim, cometeu vários despropósitos que, já nos nossos dias, não encontrariam explicação se continuassem a ser atribuídos ao autor do texto.

Além da existência de várias edições iniciais simultâneas, tudo leva a admitir o sucesso do *Lazarillo*. De fato, o impacto causado pelo livrinho e a idéia de que a história admitia uma continuação levaram à publicação do *Lazarillo* original junto com uma *Segunda parte*, igualmente anônima, em Antuérpia, já em 1555. E, logo mais, em 1559, a obra seria censurada: nesse ano, o *Lazarillo* foi incluído no *Catalogus librorum qui prohibeatur* do Grande Inquisidor Valdés, publicado em Valladolid. Em função da censura, o *Lazarillo* só seria publicado novamente em 1573, na versão mutilada conhecida como o *Lazarillo castigado*, onde, pela mão de Juan López de Velasco, foram suprimidos, na íntegra, os tratados IV e V e diversas frases avulsas. Na Espanha, o texto completo do *Lazarillo* só voltaria a ser impresso em 1834, em Barcelona, um mês depois de abolida a Inquisição. A censura proibiu também a *Segunda parte* anônima que, ao contrário do *Lazarillo* de 1554, não voltaria a ser impressa na Espanha, sequer com cortes, até 1844.²

O AUTOR

Durante muitos anos, a autoria do *Lazarillo* foi tema para longa polêmica, na qual cada crítico achou ter encontrado a solução para um dos maiores enigmas da história da literatura.

Em 1607, o bibliógrafo flamenco Valère André Taxandro, no seu *Catalogus clarorum Hispaniae scriptorum*, atribuiu o *Lazarillo* a Diego Hurtado de Mendoza (1503 - 1575). Essa atribuição foi reiterada em 1608 por Andre Schott em sua *Hispaniae bibliotheca* e tem sido a mais aceita por aqueles que desejavam encontrar, a qualquer preço, o nome de um autor para o *Lazarillo*. Salientemos que até na primeira “tradução” brasileira do *Lazarillo* ao português — na verdade uma adaptação realizada em 1939 por Antônio Lages, no Rio de Janeiro — a obra é atribuída ao mencionado autor.

Não menos de outros sete nomes — dentre os quais caberia salientar o de Sebastián de Horozco (1510 - 1580) — têm sido apontados pelos diversos críticos co-^{2*}

(2) Uma outra *Segunda Parte do Lazarillo*, de autoria de Juan de Luna, seria publicada em Paris, em 1620. No mesmo ano, em Madri, Juan Cortés de Tolosa publicava seu *Lazarillo de Manzanares* que, com alguma dificuldade, pode ser visto como uma continuação do primeiro *Lazarillo*.

mo sendo o do autor do *Lazarillo*³. No entanto, hoje é unânime a aceitação do caráter anônimo do texto. Francisco Rico aponta uma solução que, se não resolve a questão factual—quem foi o escritor, o autor material do *Lazarillo*?—explica o fato de o livro ter sido publicado de forma anônima, solução esta que resolve o problema ao nível do texto enquanto tal: o *Lazarillo foi* publicado anonimamente porque, para os seus leitores, quem conta a sua própria vida é Lázaro de Tormes. Se a grande novidade era que um desclassificado contasse sua própria história, não teria sentido para a verossimilhança da obra — que pretende apoiar-se numa absoluta aparência de verdade — que um outro aparecesse na função de “autor” na capa do livro.⁴

Da nossa parte, embora admitindo como muito lógica a teoria de Rico, achamos que não deve ser desprezado o fato de que o anonimato da obra permitiu ao seu autor ficar livre das possíveis conseqüências da publicação de uma obra que denunciava mordazmente a corrupção social da época. Muito mais quando essas denúncias atingiam em cheio o clero. O fato de a obra vir a ser censurada apenas cinco anos depois das primeiras edições por nós conhecidas demonstra até que ponto a classe dominante se sentiu atingida. Logicamente, levamos em conta que a publicação se deu ainda sob Carlos I (1517-1556) e a proibição já sob Felipe II (1556-1598), quando a Contra-Reforma se iniciava. Mas entendemos que os textos censurados no livro já eram representativos do pensamento heterodoxo — talvez erasmista — que vinha sendo alvo da perseguição desde a época do imperador. Assim sendo, entendemos que a motivação realista do texto leva a um recurso, o anonimato, que serve de proteção para alguém que, mesmo dentro do sistema, é marginal ao mesmo.

O GÊNERO

Sem dúvida, o que mais importa para a história da literatura com relação ao *Lazarillo de Tormes* é a profunda inovação que a obra significa em termos de modalidade narrativa. O texto anônimo abre o caminho para o romance. No entanto, convém levantar as hipóteses a respeito de como os contemporâneos entenderam a novidade que lhes era colocada nas mãos e que, se diferia—e muito — de quanto estavam acostumados a ver impresso, não podia deixar de ter um apoio na realidade cultural imediata.

Foram necessários muitos anos para que nós, leitores atuais do *Lazarillo*, entendêssemos o que era, talvez, bastante óbvio para o leitor do século XVI: o livro reproduzia um escrito dirigido a alguém. A razão da existência do texto aparece co-

(3) Veja-se, na “Introducción” de Francisco Rico, acima mencionada, um resumo das atribuições da autoria do *Lazarillo*, bem como uma rápida análise das razões que permitem rejeitá-las todas.

(4) Vide Rico, Francisco: *Problemas del "Lazarillo"*, Madrid, Cátedra, 1988 p. 157-158; ou “Introducción” in *Lazarillo de Tormes*, Madrid, Cátedra, 1988 p.31* a 44*.

mo sendo exatamente essa, com o acréscimo de que era dirigido como resposta a uma solicitação formulada por escrito:

“Já que Vossa Mercê escreve solicitando que se lhe escreva para relatar o caso detalhadamente, julguei melhor não começar pelo meio, mas pelo princípio, para que se tenha completa informação da minha pessoa (pág. 31)”.

Responder por escrito a um pedido de maiores detalhes sobre um caso significava — e significa — escrever uma carta. Lázaro de Tormes escrevia o que devia ser uma carta. Pelo que nos consta, o primeiro leitor atual a registrar a afinidade do Lazarilho com o gênero epistolar teria sido Cláudio Guillén, em 1957. Diz Guillén:

“O *Lazarilho* é, em primeiro lugar, uma epístola falada” (...) “Digo que se trata de uma epístola falada, com termos um pouco contraditórios, porque parece que escutássemos, sorratamente, a confissão que Lázaro faz ao amigo do seu protetor”. (...) “...a confissão pública de Lázaro... tem como ouvinte não o leitor mas a pessoa que solicitou o relato”. (...) A redação do Lazarilho é, antes de mais nada, um ato de obediência”.⁵

Fernando Lázaro Carreter retomaria a leitura do *Lazarilho* como carta, feita por Guillén. Mas com ressalvas. Diz o crítico:

“Por outra parte, não sabemos se Guillén acerta quando a chama de epístola falada. Trata-se de uma carta, sem mais, com alguns precedentes no gênero novelesco, que agigantam a originalidade do nosso autor”.⁶

O “sem mais” de Lázaro Carreter nos parece ser excessivamente excludente. O *Lazarilho* é bem mais do que uma carta, sem dúvida.

Mais uma vez, é Francisco Rico quem parece ter colocado uma pedra definitiva sobre o assunto ao provar que a impressão do Lazarilho coincide exatamente com o age da moda da publicação de cartas ou coleções de cartas.⁷

(5) “La disposición temporal del Lazarillo de Tormes”. *Hispanic Review*, XXV, 1957, p.268. Os grifos são nossos. Guillén já analisara o sentido de confissão do Lazarilho na sua tese de doutoramento, de 1953, *The Anatomies of Roguery* (Cambridge, Harvard University, 1987), p.431-441.

(6) “*Lazarillo de Tormes*” en la *picaresca*, Barcelona, Ariel, 1972, p. 42. Grifo nosso.

(7) Vide “Lazarillo de Tormes, o la polisemia” in *La novela picaresca y el punto de vista*, Barcelona, Seix Barral, 1970, p. 15-21; “Nuevos apuntes sobre la carta de Lázaro” in *Problemas del “Lazarillo”*, Madrid, Cátedra, 1988, p.73-92; ou “Introducción” in *Lazarillo de Tormes*, Madrid, Cátedra, 1988, p.65* a 77*.

Apesar do respeito que nos merece a obra crítica do professor Rico, achamos que o *Lazarillo* deve ser considerado na perspectiva da inovação que significa e que o mencionado crítico tão bem tem apontado. Assim, parece-nos que o *Lazarillo* não é uma epístola que possa ser identificada com as muitas outras que, na época, passam a ser publicadas. E isto não apenas porque, como Rico levanta, a fingida epístola acabe sendo um romance, mas porque essa carta carrega o sentido confessional que Guillén apontara ao considerá-la uma “epístola falada”. Assim, preferiríamos entender que o *Lazarillo* adota elementos formais próprios daquilo que seria uma “epístola confessional”.

Mesmo admitindo com Antonio Gómez-Moriana⁸ semelhanças estruturais do *Lazarillo* com as autobiografias confessionais, o texto anônimo vai muito além do modelo destas, do mesmo modo que supera o de uma simples carta, na medida em que, a partir da fusão de elementos formais de ambos os gêneros, cria um terceiro: o romance.

O que separará fundamentalmente o romance das cartas ou confissões será o fato de aquele se inscrever na ficção. O autor do *Lazarillo* se apodera de traços de modelos de narrativas documentais e acrescenta a estes um sentido de paródia dos textos ficcionais mais difundidos na primeira metade do século XVI na Espanha: os livros de cavalaria. Isto aparece, por um lado, mediante traços secundários: Lázaro “de” Tormes, como Amadís “de” Gaula, nasce à beira de um rio; o autor utiliza expressões típicas da linguagem arcaizante dos livros de cavalaria: “de toda su fuerza” (“com toda sua força”(49); “contóme su hacienda” (“contou-me a sua história”(83); “dándome relación de su persona valerosa” (“prestando-me contas de sua valorosa pessoa” (89))⁹; e no início se anuncia a narrativa de “coisas tão assinaladas e, porventura, nunca ouvidas nem vistas” (31). Mas o eixo do relacionamento possível com os livros de cavalaria está na eliminação do narrador onisciente daqueles e na sua substituição pelo narrador-protagonista; na criação do leitor moderno; no protagonista que deixa de ser o herói modelar da ficção de cavalaria para dar lugar ao anti-herói que parodia aquele, ponto por ponto; no “grosseiro estilo” (29) propositadamente adotado; e no “realismo” da nova ficção.

A eliminação do narrador onisciente no *Lazarillo*, nos coloca, Como diz Américo Castro¹⁰, no interior da experiência do próprio protagonista. Dessa maneira, já não estaremos perante a reiteração de um estereótipo narrativo que não pode sofrer maiores variações, como era o caso do herói dos livros de cavalaria. O texto

(8) Vide “Sobre la función del ‘yo’ narrante en el *Lazarillo de Tormes*” in Boletín de Filología Española, 42-45,1972; “La subversión del discurso ritual. Una lectura del *Lazarillo de Tormes*” in Imprévue, 1980,2, p.37-67; e “Autobiografie et discours rituel” in Poétique, 56, nov. 1983, p. 444-460.

(9) Cf. Rico, Francisco: *Lazarillo de Tormes*, Madrid, Cátedra, 1988, p. 14, n.6; p.45, n. 142; p.98, n. 120.

(10) “El *Lazarillo de Tormes*”, in *Hacia Cervantes*, Madrid, Taurus, 1957, p. 107.

não mais será a expressão do que acontece a alguém, mas, do homem existindo no que acontece¹¹. E a série de acontecimentos não ficará aberta — como nos livros mencionados — mas se fecha na conclusão de um processo explicado no universo existencial do protagonista. O *Lazarillo* já é, assim, um romance.¹²

Igualmente pertence ao universo do romance a criação de um leitor moderno a partir do enunciado no “Prólogo” sobre as duas leituras possíveis do texto:

“Eu tenho por bem que coisas tão assinaladas e, porventura, nunca ouvidas nem vistas, cheguem ao conhecimento de muitos e não caiam na sepultura do esquecimento, porque pode ser que alguém, ao lê-las, encontre qualquer coisa que lhe agrade e deleite aqueles que não as aprofundarem.” (31)

Ou seja, o narrador deixa aberta a possibilidade de se ler o texto concordando com ele (“agrade”) quanto a um sentido mais profundo, que não seria necessariamente percebido pelos leitores que, numa leitura menos penetrante, atingissem apenas o deleite. Coloca-se, assim, a base do leitor moderno — o leitor de romances — decodificador de textos cuja estrutura fechada envolve sentidos abertos. Neste caso, o leitor deveria, na sua leitura, avaliar a perspectiva — falsa, talvez — que de si próprio traçava o narrador a partir da culminação de suas aventuras.¹³

O ANTI-HERÓI

No contexto da colocação das bases do romance, além da incorporação do narrador de primeira pessoa à narrativa ficcional, o *Lazarillo* significa fundamentalmente a instauração do anti-herói como protagonista e eixo estrutural de um texto ficcional narrativo.

(11) Cf. Castro, Américo: *De la edad conflictiva*, 4a., Madrid, Taurus, 1976, p. 210.

(12) Não podemos deixar de registrar a excelente argumentação de Francisco Rico (“Lázaro de tormes y el lugar de la novela” in *Problemas del Lazarillo*, Madrid, Cátedra, 1988, p. 153-180) que tão acertadamente analisa como se processa, no *Lazarillo*, a passagem do leitor do universo do pseudodocumento ao da ficção, dando-se assim, origem ao romance.

(13) Esta função do leitor faz parte da construção do gênero romance, que será complementada por Cervantes, no seu *Dom Quixote*, dirigido explicitamente a um, até então, “desocupado leitor” (Cf. “Prólogo à Primeira parte do Quixote). Com efeito, no *Quixote*, o narrador, mesmo que de terceira pessoa, não é onisciente, e deixa para o leitor a tarefa de escolher entre as diversas perspectivas da realidade que os personagens do romance lhe apresentam.

Lázaro se mostra anti-heróico à luz dos heróis modelares — modelares no tipo e na “conduta” — presentes na ficção da época, isto é, nas novelas de cavalaria. O herói dessas narrações se caracteriza por levar aos extremos mais inverossímeis uma série de qualidades vistas como positivas pelos seus leitores contemporâneos. O exercício das virtudes do cavaleiro andante se dá no sentido de projetar benefícios para além de si próprio, arriscando simultaneamente tudo aquilo que ele é e possui, particularmente a própria vida. Lázaro de Tormes é o negativo desse herói, não apenas porque carece de todas as suas virtudes, mas porque todas as suas ações se projetam em proveito próprio.

Esse sentido deliberadamente anti-heróico do protagonista não apenas está no caráter paródico do texto com relação aos livros de cavalaria (que já vimos) mas também na sua frontal oposição ao valor fundamental da sociedade da época: a honra. Isto começa pela deliberada exposição, no “Prólogo”, de uma genealogia nada honrosa do protagonista e se desenvolve mediante a exposição de uma existência que culmina numa clara situação de desonra. A invocação da honra como motivação de sua narrativa, feita no mesmo “Prólogo” aparece, assim, como de sentido irônico e satírico; muito mais quando as três categorias sociais ali referidas como movidas pelo impulso de serem honradas — o soldado, o clérigo e o senhor — sintetizam a totalidade dos pouco honrados amos de Lázaro, com exceção do Cego.

O protagonista do *Lazarillo* empreende, assim, a derrubada dos mitos da heroicidade mediante a denúncia do vazio em que se apóia a sociedade que cultua esse mito.

O PRIMEIRO ROMANCE PICAresco

Na época do aparecimento do *Lazarillo*, a palavra “pícaro” servia em espanhol para designar, talvez, os rapazes que ajudavam nas cozinhas. Estendeu-se, depois, a todo tipo de desocupado ou subempregado que, sobrevivendo pela astúcia, atingia facilmente a delinqüência. Em 1599, apareceria a primeira parte do romance *Guzmán de Alfarache*, de Mateo Alemán (1547 - *post* 1615). O protagonista do mesmo foi imediatamente identificado com os pícaros da vida real e seus leitores perceberam logo claras analogias entre o Guzmán e o *Lazarillo*. Passou-se, assim, a falar em “romances picarescos” para designar estes dois e uma série de textos publicados na Espanha durante a primeira metade do século XVII. Os acima mencionados, junto com *El Buscón*, de Francisco de Quevedo (1580-1645), costumam ser vistos como o núcleo desse conjunto clássico espanhol.

O romance picaresco iria se projetar, posteriormente, no restante da Europa onde — principalmente na Alemanha, Inglaterra e França — registram-se romances inspirados no modelo espanhol, publicados durante os séculos XVII e XVIII. Nos séculos XIX e XX é possível verificar, em diversas literaturas, especialmente ibero-americanas, o aparecimento de narrativas que, propositadamente ou não, respondem ao que poderia ser um conceito de romance picaresco.

O *Lazarillo de Tormes* é o ponto de partida dessa longa série. Tentar definir o que é um romance picaresco não é tarefa fácil. Um trabalho nesse sentido merecidamente conhecido é o artigo de Claudio Guillén “Toward a definition of the picaresque”.¹⁴ No entanto, procurando um enunciado mais sintético, propomos entender aqui romance picaresco como sendo a pseudo-autobiografia de um anti-herói, definido como um marginal à sociedade, o qual narra suas aventuras que, por sua vez, são a síntese crítica de um processo de ascensão social pela trapaça e representam uma sátira da sociedade contemporânea do pícaro, seu protagonista.

O principal traço formal da picaresca é — ao menos no seu início — o seu caráter autobiográfico, ou seja, o narrador de primeira pessoa. No entanto, já na Espanha do século XVII, haverá romances picarescos com narrador de terceira pessoa, o que nos leva a não impor a autobiografia como *condido sine qua non* para o caráter picaresco de um romance. No *Lazarillo*, a introdução da primeira pessoa narrativa significa um dos traços da ruptura com o modelo do narrador onisciente de terceira, cuja autoridade era fundamental nos livros de cavalaria.

É conveniente levar em conta que Lázaro, e os pícaros clássicos em geral, apresentam-se como portadores de um projeto pessoal de ascensão social. No entanto, eles excluem desse projeto o trabalho, já que este, na Espanha dos Austrias (1517 - 1700), aparecia muito mais como um obstáculo à ascensão, visto que a não dependência do trabalho era requisito para a obtenção de títulos de nobreza. O “homem de bem” com quem o pícaro aspira a se confundir não pertence ao universo do trabalho. Pelo contrário, é definido por uma aparência que o separa deste. Assim sendo, o pícaro procura parecer, o quanto antes, um “homem de bem” e, para tanto, terá na obtenção da roupa adequada um dos seus alvos mais imediatos.

A realização do projeto ascensional do pícaro não pode ter, então, outro caminho que o da aventura, que é inseparável da trapaça, aspectos que, mesmo que minimamente, já constam do processo a que se submete Lázaro.

Assim sendo, os romances picarescos terão sempre um forte sentido de sátira social. No caso dos romances picarescos espanhóis clássicos, a sátira aponta os mecanismos de ascensão social válidos numa sociedade que rejeitava por princípio os valores básicos da burguesia e na qual o parecer prevalecia nitidamente sobre o ser.

A ESTRUTURA

Foi corrente durante anos (ou séculos) a afirmação que *Lazarillo* — e após ele toda a picaresca — se caracterizava pela falta de composição, tendo como único traço estrutural a seqüência de aventuras.

(14) Vide Literature as system: essays toward the theory of literary History. Princeton, Princeton Univ. Press, 1971, p. 71-106.

A noção de que o *Lazarillo* pudesse ter “continuações” — e que ampara as que começaram a ser publicadas logo após o aparecimento do livro — prova que os leitores contemporâneos à sua publicação — como muitos outros até os nossos dias — não viram nele um fecho final e, por conseguinte, não percebiam que o texto estivesse montado sobre uma estrutura com começo, meio e fim. Talvez para os leitores do século XVI isto possa explicar-se, na medida em que, ao descobrirem o caráter ficcional do *Lazarillo*, perceberiam também seu caráter paródico com relação aos textos ficcionais preferidos nesse século. Estes se caracterizavam pela sua serialização infinita de aventuras, serialização esta apoiada tanto no caráter plano quanto na invencibilidade do protagonista, o cavaleiro andante, que assim era praticamente imortal na infinita possibilidade de continuar vencendo sempre.

Um outro fato que contribuiu para ver no *Lazarillo* uma sequência inorgânica foi, sem dúvida, a incoerente fragmentação em “tratados”, que permitia pensar numa obra inacabada. Hoje, se aceitarmos a tese de Rico antes mencionada, no sentido de que a fragmentação em capítulos não foi obra do autor do texto, impõe-se uma leitura que prescindia dessas divisões, em parte ao menos. Assim sendo, nós, leitores do século XX, cada vez mais, tendemos a perceber que o *Lazarillo* não é uma sequência infinita de aventuras.

Dessa maneira, pensamos que, após o chamado “Prólogo” (31), temos quatro sequências narrativas que chamaremos: 1) “Infância” (31-35) (abrangendo até a despedida da mãe, que entrega Lázaro ao Cego); 2) “Aprendizado” (35-95) (abrangendo os três primeiros atos, e passível de ser subdividida em três sub-sequências, uma para cada um destes); 3) “Progressão” (95-107) (abrangendo do Frade da Mercê até o Capelão); 4) “Integração” (107-111) (do Aguazil até o final).

A totalidade do *Lazarillo* pode ser vista como a narração de um processo em que o protagonista evolui da mais absoluta passividade até o desenvolvimento de uma atividade — o ofício de pregoeiro; o que significa partir das origens da personagem para chegar até a defesa pública da sua condição de homem honrado, cujo corolário é a redação da carta a “Vossa Mercê”, isto é, a composição do texto.

Assim, o máximo da passividade dá-se ao longo da sequência “Infância”, onde, ao nascer da personagem, se sucede a contemplação, o ver acontecer uma série de episódios (a prisão e desterro do pai, a sua partida para Gelves onde iria morrer, o amancebamento da mãe, o nascimento do meio irmão, os furtos do Zaide, a denúncia e condenação de ambos, o serviço da mãe na estalagem da Solana, a chegada do cego, a entrega ao mesmo).

A sequência do “Aprendizado” está marcada pela fome, cujo desaparecimento marcará também a passagem para a sequência seguinte, a da “Progressão”. Mas, ao contrário do que o leitor esperaria, ao longo do “Aprendizado” Lázaro não avança na solução da própria fome; pelo contrário, se com o Cego ele encontra como se alimentar e, até, como beber vinho, isto se faz bem mais difícil com o Clérigo de Maqueda, de cuja religiosidade Lázaro poderia esperar melhor tratamento; e, já com o Escudeiro—cuja aparência leva Lázaro a pensar em ter achado a solução definitiva para a fome — o drama não apenas cresce ao máximo, mas Lázaro mal sobrevive, e passa a sustentar ele próprio ao seu amo.

Mas essa inversão crescente das expectativas define exatamente o caráter de “aprendizado” da seqüência. Lázaro aprende ao longo de uma versão amplificada da primeira lição de vida que recebera: a do Cego que frustra a sua inocente expectativa de ouvir um grande barulho dentro do touro de pedra à saída de Salamanca. Naquela oportunidade, Lázaro chegara à conclusão que marca um dos momentos típicos dos pícaros clássicos, o da conscientização:

“Pareceu-me que, naquele momento, despertei da simploriedade em que, como menino, achava-me adormecido. Então pensei: Ele tem razão, tenho que abrir os olhos e estar atento, pois sou sozinho, e devo pensar em como me proteger” (35).

Mas Lázaro iria levar muitos outros golpes contra diversos touros de pedra antes de sair da sua simplicidade. A decepção crescente na expectativa de matar a fome seria um deles. Uma outra inversão nos fatores do aprendizado seria o final do relacionamento com seus amos. A maturidade seria atingida a partir do Frade das Mercês, o primeiro de quem Lázaro se desliga conscientemente. Depois, se separará do Buleiro, rescindirá o contrato verbal com o Capelão e desfará o trato com o Aguazil. Mas, com os três primeiros amos, a ruptura final da relação é conflitiva, numa inversão crescente da norma, que acaba no paradoxo: se com o Cego Lázaro provoca a ruptura violentamente, com o Clérigo será despedido e, com o Escudeiro, chegará ao inesperado abandono por parte do seu amo, fato que motiva a reflexão final de Lázaro:

“Assim, tal como contei, deixou-me meu pobre terceiro amo, com quem reconheci até onde chegava a minha má sorte. Pois deixando ver tudo o que ela podia contra mim, fazia meus negócios saírem todos ao contrário. Porque, enquanto os amos são abandonados pelos criados, comigo não foi assim, mas foi o meu amo quem me deixou e fugiu de mim” (89).

Lázaro está no anticlímax da sua trajetória de ascensão social. No entanto, aprendera não apenas a lidar com a fome, mas a — daí em diante — ser o dono da situação com relação aos amos.

A seqüência que chamamos “Progressão” significa o caminho para a saída definitiva desse anticlímax. E se desenvolve através de quatro amos: o Frade das Mercês, o Buleiro, o Mestre pintor de pandeiros e o Capelão. Apenas o segundo e o quarto merecem de Lázaro uma narração mais extensa. Não porque os demais sejam capítulos não desenvolvidos — como a crítica pensou muitas vezes — mas porque a carta de Lázaro está explicitamente montada sobre uma seleção de momentos que servem para a melhor compreensão do “caso” que ele deve esclarecer perante o destinatário da mesma. Assim, por exemplo, Lázaro não se detém em narrar todos os fatos acontecidos na sua relação com o Cego; dentre eles, escolhe explicitamente os que acha mais ilustrativos. Diz concretamente:

“Para que Vossa Mercê veja até onde chegava o engenho deste astuto cego, contarei um caso, dos muitos que com ele me aconteceram, no qual me parece ter demonstrado bem sua grande astúcia”(41);

“Mas, para não me prolongar, deixo de recordar muitas coisas, tão engraçadas quanto dignas de nota, acontecidas com este meu primeiro amo...” (45).

Por outra parte, sabemos hoje, graças a Rico ¹⁵, que a fragmentação do texto que dá ao episódio com o Frade a relevância de ser todo um “tratado” do livro, não teria sido obra do autor do *Lazarillo*.

O Buleiro e o Capelão são, assim, os dois momentos de maior importância na sequência. O primeiro por ser a mais explícita e relevante amostra de hipocrisia, traço comum a todos os amos de Lázaro. O segundo porque, mediante sua relação contratual com Lázaro, leva este a um universo novo, o do mínimo comércio e iniciativa individual que, se jamais poderia tomá-lo rico, fornece-lhe os recursos indispensáveis para atingir um mínimo degrau de aparências, a partir do qual Lázaro encontrará como integrar-se socialmente, na sequência final da narrativa.

O início da sequência “Progressão” está marcado pela ausência do fantasma da fome. A boa vida do Frade mercedário pareceria ter tido boas repercussões no estômago do seu criado, que não mais alude à angustiante e crescente falta de comida. O fim da relação virá por causa dos sapatos rotos e das “outras coisinhas que não conto” (89), a respeito de cujo enigmático sentido não achamos que seja necessário polemizar aqui.

Após a experiência com o Buleiro, onde não consta a fome — pelo contrário, a edição de Alcalá acrescenta “embora me desse bem de comer, à custa dos padres e outros clérigos de onde ia pregar” (101) — e após a rápida função de ajudante do Mestre pintor de pandeiros, Lázaro conhece o Capelão da catedral toledana, o que significa uma grande inovação: pela primeira vez, Lázaro não é um servo, mas um empregado, com certa autonomia até. Pela primeira vez, há um contrato, mesmo que verbal, que será a base da relação.¹⁶ Pela primeira e única vez, também, Lázaro pertence ao universo do trabalho num mundo vizinho ao da produção (já que o ofício real tem uma conotação de emprego público que o afasta da relação econômica de mercado). Mas Lázaro entende que não é esse o caminho mais curto para se firmar definitivamente do ponto de vista sócio-econômico. Explicitamente, avalia o episódio como um degrau para atingir outras instâncias:

(15) Vide “*La princeps del Lazarillo*. Texto, capitulación y epígrafes de un texto paródico” in *Problemas del Lazarillo*, Madrid, Cátedra, 1988, p. 113-151.

(16) Sempre tivemos presente a semelhança que existe entre o contrato de Lázaro com o Capelão e o que, já faz alguns anos, os motoristas de frota de táxis da cidade de São Paulo assinam, ou, pelo menos, assinavam com os donos das mesmas: devem pagar uma taxa diária, o restante será deles; aos sábados podem usar o carro e o total do lucro fica para o motorista.

“Foi este o primeiro degrau que subi para chegar a ter uma boa vida, porque consegui tudo o que queria” (101).

Concretamente, o que Lázaro consegue são os recursos para adquirir a mínima aparência de “homem de bem”. Após poupar durante quatro anos, consegue comprar uma roupa usada e uma espada. E ele próprio associa isto à rejeição do trabalho:

“Desde que me vi em roupas de homem de bem, disse ao meu amo que ficasse com seu burro, que eu não queria mais continuar naquele ofício” (101).

Entendemos essa frase de Lázaro como o ponto de partida, na picaresca, da oposição “pícaro-homem de bem”¹⁷, os dois pólos da escala sócio-econômica cujos degraus normais (o trabalho, a especulação) não são válidos na Espanha dos Austrias, onde o conquistador é o modelo social consagrado como mecanismo de acumulação de riquezas e ascensão social. Como já dissemos, Lázaro e os demais pícaros procuram se valer da aparência — valor fundamental nessa sociedade — para tentar subir.

No início da seqüência “Integração”, Lázaro, vestido de homem de bem, espada na cintura, pensa por um instante que, aproveitar essa aparência para se colocar ao serviço da justiça, lhe pudesse abrir as portas da boa vida procurada. Mas logo descobre que isso envolve reais perigos. E o nosso herói parte à procura de águas mais tranquilas.

Lázaro faz significativos rodeios para explicar como escapou de vez da vida de sacrifícios que até então levava. Explica que estava a procura de um modo de viver mais definitivo, à procura de sossego e pensando na velhice; que contou com o favor de amigos e senhores; que obteve, assim, o que procurava: “um ofício real, por ver que só progredim os que o têm” (103), ou seja, o único caminho de ascensão social que encaixava no seu projeto. E faz outro rodeio para dizer o nome do ofício real obtido:

“Tenho o cargo de apregoar os vinhos que nesta cidade se vendem, e em leilões, e anunciar as coisas perdidas, acompanhar os que sofrem perseguições da justiça e proclamar seus delitos: pregoeiro, falando claramente”. (103).

A descrição prévia do ofício e a ressalva final nos fazem pensar que Lázaro tem vergonha de declará-lo. Afinal, consta que o ofício de pregoeiro era um dos de mais baixa categoria, superior apenas em hierarquia ao de carrasco que, junto com ele, eram os dois únicos a que podiam ser admitidos os cristãos novos.¹⁷

(17) Lázaro se define como “homem de bem” pela sua roupa; o seu modelo, nisto, é o Escudeiro, que a toda hora se definia a si mesmo como “homem de bem”, e cuja caricatura neste momento Lázaro vem a ser.

Mas pregoeiro era ofício real, caminho para se arrumar na vida, segundo acaba de declarar. Se não pelo salário, com certeza pelas relações que ele possibilitaria. Por exemplo, com o Arcipreste de San Salvador, amigo de Vossa Mercê, o destinatário da carta. A história da ascensão social, que no fundo é muito mais importante do que a explicação do “caso” invocado no “Prólogo”, estava completa.

O SENTIDO CRÍTICO

Da análise anterior decorre claramente que Lázaro não é apenas o protagonista de uma história pessoal de ascensão social até certo ponto inusitada, se levarmos em conta o imobilismo social pregado durante séculos pelas classes dominantes e ainda muito forte na Espanha do século XVI. É muito mais o agente da denúncia do preço a ser pago por essa ascensão.

Lázaro começa sendo a criança que simplesmente vê os fatos acontecerem. Muito cedo, no entanto, era ainda capaz de analisar alguns desses fatos. Assim, a primeira das suas reflexões registradas pelo narrador vê a contradição do meio-irmão negro que se assusta da cor escura do seu pai:

“Quantos devem existir no mundo que fogem dos outros porque não se veêm a si mesmos!” (33).

Mas essa mesma reflexão serve para que constatemos que, no final de sua história, Lázaro é capaz de lembrá-la ao escrever, mas não de perceber que, na sua situação final, pode-lhe ser aplicada integralmente. O que nos coloca perante a constatação de que alguma coisa de mais grave deve ter acontecido ao longo da história de Lázaro.

O acontecido é, sem mais, a perda dessa precoce capacidade crítica — ou, ao menos, da capacidade de formular o pensamento crítico — porque a ascensão de Lázaro culmina numa integração nos estratos inferiores da classe dominante; o que exige silenciar essa capacidade.

Assim sendo, nesse processo de alienação de Lázaro reside o sentido crítico mais forte do romance. Porque, ao longo da sua trajetória, Lázaro se depara com seres que, fundamentalmente, negam nas suas ações o que parecem ser. E o grande aprendizado de Lázaro, inicialmente destinado a simplesmente sobreviver, evolui para idêntica salvação do parecer. O seu próprio relato não será, em última instância, senão um gesto destinado a justificar perante “Vossa Mercê” o seu caráter de “homem de bem” que, na verdade, não tem mais apoio que o daqueles com quem aprendeu a fingir.

Assim, no conjunto, não é o mais grave a denúncia da hipocrisia dos homens vinculados à Igreja, alvo principal, sem dúvida, da crítica, nem a caricatura da honra realizada com base no Escudeiro. O mais grave é a incapacidade de Lázaro de se ver a si próprio como membro do mesmo universo corrompido que denuncia; a sua

incapacidade de perceber que o Arcipreste que agora o protege é tão corrupto como todos os eclesiásticos anteriores; ou que ele próprio não é senão caricatura da caricatura que era o Escudeiro.

Por outro lado, parece-nos pertinente a conexão que outros críticos já fizeram.¹⁸ Acontece que o protagonista do *Lazarillo* é um funcionário do Império, talvez o menor de todos, mas faz parte da estrutura que encarna a ideologia sustentadora dessa sociedade de aparências. Nela, o indivíduo é massacrado, como é massacrado o eu de Lázaro que, quando enunciado no início do texto, já não tem outra função, a não ser a de apoio para uma sociedade alienante e um Estado todo-poderoso. A vizinhança entre a história de Lázaro e esse Estado fica explícita quando o texto se fecha com a menção da entrada do Imperador em Toledo e das festas havidas na ocasião. Não se trata de pretender com isso datar os fatos, mas de situar uma história aparentemente insignificante no contexto que lhe dá um último sentido.

AS TRADUÇÕES DO LAZARILHO AO PORTUGUÊS

A primeira tradução ao português — feita por A. de Faria Barreiros, a partir do *Lazarillo castigado* de 1573 — foi publicada em Lisboa, em 1786. Depois dela, registramos as seguintes: Paris, 1838, por José da Fonseca (mencionada por Joseph L. Laurenti, na sua *Bibliografía de la literatura picaresca* (Metuchen, The Scarecrow Press, 1973, p. 88), mas que nunca conseguimos localizar; Paris, 1838, por G. F. Grandmaison y Bruno, feita a partir do francês e reunindo num só texto o *Lazarillo* de 1554 — que conclui agora com o primeiro capítulo da continuação de 1555 — e a *Segunda Parte*, de Luna; depois, a primeira tradução do *Lazarillo* feita no Brasil (Rio de Janeiro, 1939), na verdade uma recriação livre de Antônio Lages; mais duas portuguesas: a de Lisboa, 1971, por Ricardo Alberty, e a de Barcelos, 1977, por Arsenio Mota, esta última incluindo a continuação de Juan de Luna. A última tradução publicada que conhecemos é a de Stella Leonardos (Rio de Janeiro, 1984).

Mario M. González

(18) Vide Rodríguez-Puértolas, Julio: 'Lazarillo de Tormes' o la desmitificación del império" in *Literatura, historia, alienación*, Barcelona, Labor 1976, p. 173-199.

BIBLIOGRAFIA MÍNIMA SOBRE O LAZARILHO

- AGUADO-ANDREUT, Salvador: *Algunas observaciones sobre el Lazarillo de Tormes*. Guatemala, Ed. Universitaria, 1965.
- AYALA, Francisco: *El Lazarillo: nuevo examen de algunos aspectos*. Madrid, Taurus, 1971.
- BATAILLON, Marcel: "Introduction" in *La vie de Lazarillo de Tormes*. París, 1958. Tradução ao espanhol: *Novedad y fecundidad del Lazarillo de Tormes*. Madrid, Anaya, 1958.
- CASTRO, Américo: "Perspectiva de la novela picaresca" in *Hacia Cervantes*. Madrid, Taurus, 1957, p. 83-105.
- _____ : "El Lazarillo de Tormes" in *Hacia Cervantes*. Madrid, Taurus, 1957, p.107-113.
- GARCÍA DE LA CONCHA, Víctor: *Nueva lectura del Lazarillo*. Madrid, Castalia, 1981.
- GUILLÉN, Claudio: "La disposición temporal del Lazarillo de Tormes" in *Hispanic Review*, XXV, 1957, p. 264-279.
- GÓMEZ-MORIANA, Antonio: "La subversión del discurso ritual. Una lectura del *Lazarillo de Tormes*" in *Imprévue*, 1980,1, p. 63-89.
- _____ : "La subversión del discurso ritual - II" in *Imprévue*, 1980,2, p. 37-67.
- GONZÁLEZ, Mario: "Quando o imperador entrou em Toledo" in *O romance picaresco*. Sao Paulo, Ática, 1988, p.7-16.
- LÁZARO CARRETER, Femando: *Lazarillo de Tormes en la picaresca*. Barcelona, Ariel, 1972.

MALDONADO DE GUEVARA, Francisco: *Interpretación del Lazarillo de Tormes*. Madrid, Universidad de Madrid, 1957.

RICO, Francisco: "Introducción" in *La novela picaresca española*, I. Barcelona, Planeta, 1967.

: "Lazarillo de Tormes o la polisemia" in *La novela picaresca y el punto de vista*. Barcelona, Seix Barral, 1970, p. 13-55.

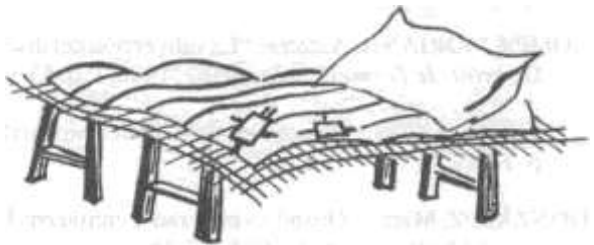
: "Introducción" in *Lazarillo de Tormes*. Madrid, Cátedra, 1988.

: *Problemas del Lazarillo*. Madrid, Cátedra, 1988.

RODRÍGUEZ-PUERTOLAS, Julio: "*Lazarillo de Tormes* o la desmitificación del imperio" in *Literatura, historia, alienación*. Barcelona, Labor, 1976, p.173-199.

SIEBER, Harry: "Language and society" in *La vida de Lazarillo de Tormes*. Baltimore and London, The Johns Hopkins University Press, 1978.

Mario M. González



NOTA DO TRADUTOR

A tradução procurou ser fiel ao texto original, porém tenta sempre levar em conta o leitor brasileiro dos nossos dias e facilitar sua compreensão do romance sem a necessidade de notas de rodapé.

Optou-se por três formas de tratamento apenas: “você” para o “tú” do original; “o senhor” para o “vos”; e “Vossa Mercê” para “Vuestra Merced”.

Foram corrigidos, na tradução, certos desvios sintáticos do original, especialmente os que misturam a primeira e terceira pessoas.

Mantivemos o sistema monetário do texto. Assim, “meia-branca” e “branca” indicam a “media blanca” e “blanca”, moeda esta última equivalente a meio maravedi. Trinta e dois maravedis equivaliam a um real; quinze reais valiam um castelhano.

CRITÉRIO DA EDIÇÃO

A presente edição do Lazariño de Tormes dá continuidade à iniciativa de oferecer aos estudiosos e ao público brasileiro em geral algumas das obras capitais da literatura espanhola. Neste caso, optou-se pela apresentação bilíngue do texto para assim permitir a melhor compreensão do mesmo e manter a possibilidade de se avaliar os recursos estilísticos do original. Não são incluídas notas de rodapé, no intuito de se fazer mais ágil a leitura do texto.

Para a definição do texto espanhol, optou-se pela primazia da edição original de Burgos. Os acréscimos da edição de Alcalá vão incorporados ao texto, porém destacados em itálico. A grafia foi modernizada a fim de facilitar sua leitura pelo leitor contemporâneo. Optou-se por eliminar a divisão em tratados ou capítulos, que — de acordo com a teoria de Francisco Rico — não constaria do manuscrito original. Os títulos tradicionais dos mesmos foram mantidos à margem para orientação do leitor na utilização das referências bibliográficas que os levem em conta.

Edición de Milagros Rodríguez Cáceres

LAZARILLO DE TORMES



Embajada de España
Consejería de Educación

Tradução de Pedro Câncio da Silva

LAZARILHO DE TORMES

Prefácio de Mario M. Gonzalez

Prólogo

Yo por bien tengo que cosas tan señaladas y por ventura nunca oídas ni vistas vengan a noticia de muchos y no se entierren en la sepultura del olvido, pues podría ser que alguno que las lea halle algo que le agrade, y a los que no ahondaren tanto los deleite. Y a este propósito dice Plinio que no hay libro, por malo que sea, que no tenga alguna cosa buena. Mayormente que los gustos no son todos unos, mas lo que uno no come, otro se pierde por ello; y así vemos cosas tenidas en poco de algunos que de otros no lo son. Y esto para que ninguna cosa se debería romper ni echar a mal, si muy detestable no fuese, sino que a todos se comunicase, mayormente siendo sin perjuicio y pudiendo sacar de ella algún fruto. Porque, si así no fuese, muy pocos escribirían para uno solo, pues no se hace sin trabajo, y quieren, ya que lo pasan, ser recompensados, no con dineros, mas con que vean y lean sus obras y, si hay de qué, se las alaben. Y a este propósito dice Tulio: “La honra cria las artes”.

¿ Quién piensa que el soldado que es primero del escala tiene más aborrecido el vivir? No, por cierto; mas el deseo de alabanza le hace ponerse al peligro. Y, así, en las artes y letras es lo mismo. Predica muy bien el presentado y es hombre que desea mucho el provecho de las ánimas; mas pregunten a su merced si le pesa cuando le dicen: “¡Oh qué maravillosamente lo a hecho vuestra reverencia!” Justó muy ruinmente el señor don Fulano, y dio el sayete de armas al truhán porque le loaba de haber llevado muy buenas lanzas: ¿ qué hiciera si fuera verdad ?

Y todo va de esta manera; que, confesando yo no ser más santo que mis vecinos, nonada, que en este grosero estilo escribo, no me pesará que hayan parte y se huelguen con ello todos los que en ella algún gusto hallaren, y vean que vive un hombre con tantas fortunas, peligros y adversidades.

Suplico a Vuestra Merced reciba el pobre servicio de mano de quien lo hiciera más rico si su poder y deseo se conformaran. Y pues Vuestra Merced escribe se le escriba y relate el caso muy por extenso, parescióme no tomalle por el medio, sino del principio, por que se tenga entera noticia de mi persona; y también por que consideren los que heredaron nobles estados cuán poco se les debe, pues Fortuna fue con ellos parcial, y cuánto más hicieron los que, siéndoles contraria, con fuerza y maña remando, salieron a buen puerto.

Tratado Primero *Cuenta Lázaro su vida y cuyo hijo fue*

Pues sepa Vuestra Merced, ante todas cosas, que a mí llaman Lázaro de Tormes, hijo de Tomé González y de Antonia Pérez, naturales de Tejares, aldea de Salamanca. Mi nacimiento fue dentro del río Tormes, por la cual causa tomé el sobrenombre, y fue de esta manera: mi padre, que Dios perdone, tenía cargo de proveer una

Prólogo

Eu tenho por bem que coisas tão assinaladas e, porventura, nunca ouvidas nem vistas, cheguem ao conhecimento de muitos e não caiam na sepultura do esquecimento, porque pode ser que

alguém, ao lê-las, encontre qualquer coisa que lhe agrade, e deleite aqueles que não as aprofundarem. A este propósito disse Plínio que não há livro, por pior que seja, que não tenha alguma coisa boa; principalmente porque os gostos não são todos iguais, pois o que um não come, outro devora. Assim, vemos coisas desprezadas por alguns e estimadas por outros. Isto porque nenhuma coisa deve ser destruída ou desprezada, se não for bastante detestável, mas, pelo contrário, comunicada a todos, principalmente se ela não for prejudicial e se for possível tirar dela algum fruto. Porque, se assim não fosse, muito poucos escreveriam para um só, porque não se faz isto sem trabalho e os que o tiveram, querem ser recompensados, não com dinheiro, mas com que conheçam e leiam suas obras e, se houver razão para isso, as louvem. A este propósito afirmou Túlio: “A honra cria as artes”.

Quem pensa que o soldado, que é o primeiro da escala, tem uma vida mais aborrecida que outros? Com certeza não é assim, mas o desejo de reconhecimento o força a expor-se ao perigo, acontecendo de modo semelhante na carreira das artes e das letras. Prega muito bem o teólogo, sendo homem que muito deseja o proveito das almas, mas perguntem a sua mercê se não gosta de ouvir dizer: “Oh, que sermão maravilhoso pronunciou Vossa Reverência!” O senhor dom Fulano combateu muito mal, e deu ao truão o gibão porque o elogiou de haver dado bons lançasos: que faria ele se o elogio fosse verdadeiro?

Mas a vida é assim mesmo; ao confessar que não sou melhor que meus vizinhos, não me pesará que participem e se divirtam com esta insignificância, que neste grosseiro estilo escrevo, quantos nela encontrarem algum valor e vejam como vive um homem, vítima de tantas desgraças, perigos e adversidades.

Suplico a Vossa Mercê que receba o pobre serviço de quem o teria feito mais rico, se a sua capacidade e desejo fossem proporcionais. Já que Vossa Mercê escreve solicitando que se lhe escreva para relatar o caso, julguei melhor não começar pelo meio, mas pelo princípio, para que se tenha completa informação da minha pessoa. Também para que considerem os poucos méritos que possuem aqueles que herdaram nobres condições, visto que a Fortuna foi com eles parcial, e quanto mais fizeram aqueles que, sendo-lhes ela contrária, remando com força e manha, chegaram a bom porto.

Tratado Primeiro

Lázaro conta sua vida e de quem foi filho

Antes de mais nada, saiba Vossa Mercê que me chamam Lázaro de Tormes, filho de Tomé González e de Antona Pérez, naturais de Tejares, aldeia de Salamanca. Meu nascimento se deu dentro do rio Tormes, motivo que explica meu sobrenome; e foi assim: meu pai, que Deus o tenha, era encarregado de alimentar a moenda de

molienda de una aceña que está ribera de aquel río, en la cual fue molinero más de quince años; y estando mi madre una noche en la aceña, preñada de mí, tomóle el parto y parióme allí. De manera que con verdad me puedo decir nacido en el río.

Pues siendo yo niño de ocho años, achacaron a mi padre ciertas sangrías mal hechas en los costales de los que allí a moler venían, por lo cual fue preso, y confesó y no negó, y padesció persecución por justicia. Espero en Dios que está en la gloria, pues el Evangelio los llama bienaventurados. En este tiempo se hizo cierta armada contra moros, entre los cuales fue mi padre, que a la sazón estaba desterrado por el desastre ya dicho, con cargo de acemilero de un caballero que allá fue; y con su señor, como leal criado, fenesció su vida.

Mi viuda madre, como sin marido y sin abrigo se viese, determinó arriarse a los buenos por ser uno de ellos, y vínose a vivir a la ciudad y alquiló una casilla, y metióse a guisar de comer a ciertos estudiantes, y lavaba la ropa a ciertos mozos de caballos del comendador de la Magdalena, de manera que fue frecuentando las caballerizas.

Ella y un hombre moreno de aquellos que las bestias curaban vinieron en conocimiento. Este algunas veces se venía a nuestra casa y se iba a la mañana. Otras veces, de día llegaba a la puerta, en achaque de comprar huevos, y entrábase en casa. Yo, al principio de su entrada, pesábame con él y habíale miedo, viendo el color y mal gesto que tenía; mas de que vi que su venida mejoraba el comer, fuile queriendo bien, porque siempre traía pan, pedazos de carne y en el invierno leños, a que nos calentábamos.

De manera que, continuando la posada y conversación, mi madre vino a darme un negrito muy bonito, el cual yo brincaba y ayudaba a calentar. Y acuérdome que estando el negro de mi padrastró trebejando con el mozuelo, como el niño vía a mi madre y a mí blancos y a él no, huía de él, con miedo, para mi madre, y señalando con el dedo decía: “¡Madre, coco!” Respondió él riendo: “¡Hideputa!”

Yo, aunque bien mochacho, noté aquella palabra de mi hermanico y dije entre mí: “¡Cuántos debe de haber en el mundo que huyen de otros porque no se veen a sí mesmos!”

Quiso nuestra fortuna que la conversación del Zaide, que así se llamaba, llegó a oídos del mayordomo, y, hecha pesquisa, hallóse que la mitad por medio de la cebada que para las bestias le daban hurtaba, y salvados, leña, almohazas, mandiles, y las mantas y sábanas de los caballos hacía perdidas, y cuando otra cosa no tenía, las bestias desherraba, y con todo esto acudía a mi madre para criar a mi hermanico. No nos maravillamos de un clérigo ni de un fraile porque el uno hurta de los pobres y el otro de casa para sus devotas y para ayuda de otro tanto cuando a un pobre esclavo el amor le animaba a esto.

Y probósele cuanto digo y aún más, porque a mí con amenazas me preguntaban, y, como niño, respondía y descubría cuanto sabía con miedo, has-

um moinho, que fica à margem daquele rio, onde foi moleiro por mais de quinze anos; e estando minha mãe uma noite no moinho, grávida de mim, vieram-lhe as dores do parto, ganhando-me ali mesmo. De modo que me considero nascido no rio.

Quando eu tinha oito anos, acusaram meu pai de certas sangrias malfeitas nos sacos que ali traziam para moer, pelo que foi preso, confessou e não negou, sendo, por esse motivo, perseguido pela justiça. Confio em Deus que ele esteja na glória, pois o Evangelho os chama bem-aventurados. Nesse tempo, organizou-se uma armada para lutar contra os mouros, sendo nela incluído meu pai, que estava condenado ao desterro por causa das sangrias malfeitas, recebendo a incumbência de arrieiro de um cavaleiro que participou da expedição. Com seu senhor, como fiel criado, terminou seus dias.

Minha viúva mãe, como se visse sem marido e sem proteção, decidiu aproximar-se dos bons para ser um deles. Foi viver na cidade, onde alugou uma casinha, dedicando-se a cozinhar para certos estudantes, e lavava a roupa para os tratadores dos cavalos do comendador da Madalena, de modo que foi freqüentando as cavaliças.

Ela e um homem moreno, um dos que tratavam dos animais, conheceram-se. Ele, às vezes, vinha a nossa casa e ia embora de manhã. Outras vezes, durante o dia chegava-se à porta, com a desculpa de comprar ovos, e entrava em casa. No começo de suas visitas, eu não gostava dele, tendo-lhe até medo, por causa de sua cor e de seus maus gestos; mas, desde que percebi que com sua vinda melhorava a comida, comecei a querer-lhe bem, pois sempre trazia pão, pedaços de carne e, no inverno, lenha com que nos aquecíamos.

De modo que, com a repetição das pousadas e das conversações, minha mãe deu-me um negrinho, muito bonito, que eu fazia pular sobre meus joelhos e a quem ajudava a aquecer. Lembro-me de que, estando o negro do meu padraço brincando com o menino, como este via que minha mãe e eu éramos brancos e o pai não, fugia para minha mãe, com medo e, indicando com o dedo, dizia: “Mãe, olha o bicho!” Respondeu ele, rindo; “Filho da puta!”

Eu, embora jovem, notei aquelas palavras de meu irmãozinho e pensei: “Quantos devem existir no mundo que fogem dos outros porque não se vêem a si mesmos!”

Para azar nosso, a conversa do Zaide, assim ele se chamava, com minha mãe chegou aos ouvidos do mordomo que, depois de investigar, constatou que a metade da cevada entregue a meu padraço, para os animais, ele furtava, bem como farelos, lenha, rascadeiras, panos de limpeza, dando como perdidas as mantas e os xairéis dos cavalos. Quando não tinha outra coisa, tirava as ferraduras dos animais, e com tudo isto socorria a minha mãe para criar meu irmãozinho. Não nos admiremos de um clérigo ou de um frade, porque um rouba dos pobres e o outro do convento para dar às suas devotas e para ajudar a outro tanto, quando a um pobre escravo o amor o levava a isto.

Tudo quanto digo foi provado e ainda mais, pois a mim interrogavam com ameaças e, sendo eu um menino, com medo, respondia e descobria tudo o

ta ciertas herraduras que por mandado de mi madre a un herrero vendí. Al triste de mi padrastró azotaron y pringaron, y a mi madre pusieron pena por justicia, sobre el acostumbrado centenario, que en casa del sobredicho comendador no entrase ni al lastimado Zaide en la suya acogiese.

Por no echar la soga tras el caldero, la triste se esforzó y cumplió la sentencia; y, por evitar peligro y quitarse de malas lenguas, se fue a servir a los que al presente vivían en el mesón de la Solana. Y allí, padesciendo mil importunidades, se acabó de criar mi hermanico hasta que supo andar, y a mí hasta ser buen mozo, que iba a los huéspedes por vino y candelas y por lo demás que me mandaban.

En este tiempo vino a posar al mesón un ciego, el cual, paresciéndole que yo sería para adestrarle, me pidió a mi madre, y ella me encomendó a él, diciéndole cómo era hijo de un buen hombre, el cual, por ensalzar la fe, había muerto en la de los Gelves, y que ella confiaba en Dios no saldría peor hombre que mi padre, y que le rogaba me tratase bien y mirase por mí, pues era huérfano. El respondió que así lo haría y que me recibía no por mozo, sino por hijo. Y así le comencé a servir y adestrar a mi nuevo y viejo amo.

Como estuvimos en Salamanca algunos días, paresciéndole a mi amo que no era la ganancia a su contento, determinó irse de allí; y cuando nos hubimos de partir, yo fui a ver a mi madre, y, ambos llorando me dio su bendición y dijo:

— Hijo, ya sé que no te veré más. Procura de ser bueno, y Dios te gué. Criado te he y con buen amo te he puesto; válete por tí.

Y así, me fui para mi amo, que esperándome estaba.

Salimos de Salamanca, y, llegando a la puente, está a la entrada de ella un animal de piedra, que casi tiene forma de toro; y el ciego mandóme que llegase cerca del animal, y, allí puesto, me dijo:

— Lázaro, llega el oído a este toro y oirás gran ruido dentro de él.

Yo, simplemente, llegué creyendo ser así. Y como sintió que tenía la cabeza par de la piedra, afirmó recio la mano y diome una gran calabazada en el diablo del toro, que más de tres días me duró el dolor de la cornada, y díjome:

— Necio, aprende, que el mozo del ciego un punto ha de saber más que el diablo.

Y rio mucho la burla.

Parecióme que en aquel instante desperté de la simpleza en que, como niño, dormido estaba. Dije entre mí: “Verdad dice éste, que me cumple avisar el ojo y avisar, pues solo soy, y pensar cómo me sepa valer”.

Comenzamos nuestro camino, y en muy pocos días me mostró jerigonza. Y, como me viese de buen ingenio, holgábase mucho y decía: “Yo oro ni plata no te lo puedo dar; mas avisos para vivir muchos te mostraré”. Y fue así, que, después de Dios, éste me dio la vida y, siendo ciego, me alumbró y adestró en la carrera de vivir.

que sabia; até certas ferraduras que a mandado de minha mãe vendi a um ferreiro. Açoitaram meu triste padraço e nele pingaram gordura quente e minha mãe condenaram, além da habitual sentença de cem açoites, a nunca mais entrar na casa do referido comendador, nem receber em sua casa o coitado do Zaide.

Para não piorar as coisas, a infeliz fez um esforço e cumpriu a sentença. E, para evitar perigos e livrar-se das más línguas, foi servir aos que nesse tempo viviam na estalagem de Solana. Ali, sofrendo mil incômodos, terminou de criar meu irmãozinho, até ele aprender a andar, e a mim até eu ser um bom rapaz, servindo para buscar vinho e velas para os hóspedes e fazer tudo o mais que me mandavam.

Nesse tempo, veio pousar na estalagem um cego, o qual pensando que eu serviria para guiá-lo, pediu-me a minha mãe. Ela confiou-me ao cego, advertindo-o de que eu era filho de um bom homem, o qual, para louvar a fé, morreria na armada de Gelves, e disse confiar em Deus que eu não saísse pior homem que meu pai. Pediu-lhe que me tratasse bem e olhasse por mim, pois era órfão. Ele respondeu que assim faria, recebendo-me não como criado, mas como filho. Assim comecei a servir e a guiar o meu novo e velho amo.

Depois de passarmos alguns dias em Salamanca, meu amo resolveu partir, porque não estava contente com o que ali ganhava. Quando chegou a hora da partida, fui ver minha mãe e, chorando, despedimo-nos; ela abençoou-me e disse:

15

— Filho, sei que não verei mais você. Procure ser bom e que Deus o guie. Eu criei você e depois entreguei a um bom amo. Faça-se sozinho.

Assim fui para meu amo, que estava à minha espera.

Saímos de Salamanca e, chegando à ponte, está a sua entrada um animal de pedra, que quase tem a forma de um touro; o cego ordenou que me aproximasse do animal, e ali me disse:

— Lázaro, encoste o ouvido a este touro e ouvirá um grande ruído dentro dele.

Ingenuamente eu atendi, acreditando ser verdade. Quando percebeu que eu tinha a cabeça junto à pedra, bateu firme com a mão, fazendo-me dar uma grande cabeçada no maldito touro, de modo que, por mais de três dias, suportei as dores da cornada; e disse-me:

20

— Estúpido, aprenda que um guia de cego tem que saber mais que o diabo.

E riu muito da burla.

Pareceu-me que, naquele momento, despertei da simplicidade em que, como menino, achava-me adormecido. Então pensei: “Ele tem razão, tenho que abrir os olhos e estar atento, porque sou sozinho, e devo pensar em como me defender”.

Começamos a nossa caminhada e, em poucos dias, ensinou-me a sua gíria. Regozijava-se muito com meu talento e afirmava: “Nem ouro, nem prata posso lhe oferecer, mas conselhos para viver muitos lhe darei”. E assim aconteceu, porque, depois de Deus, foi ele quem me deu a vida e, apesar de cego, abriu-me os olhos, ensinando-me a viver.

Huelgo de contar a Vuestra Merced estas niñerías, para mostrar cuánta virtud sea saber los hombres subir siendo bajos, y dejarse bajar siendo altos cuánto vicio.

Pues, tomando al bueno de mi ciego y contando sus cosas, Vuestra Merced sepa que, desde que Dios crió el mundo, ninguno formó más astuto ni sagaz. En su oficio era un águila: ciento y tantas oraciones sabía de coro; un tono bajo, reposado y muy sonable, que hacía resonar la iglesia donde rezaba; un rostro humilde y devoto, que con muy buen continente ponía cuando rezaba, sin hacer gestos ni visajes con boca ni ojos, como otros suelen hacer. Allende de esto, tenía otras mil formas y maneras para sacar el dinero. Decía saber oraciones para muchos y diversos efectos: para mujeres que no parían, para las que estaban de parto, para las que eran malcasadas, que sus maridos las quisiesen bien. Echaba pronósticos a las preñadas, si traían hijo o hija. Pues en caso de medicina decía que Galeno no supo la mitad que él para mucla, desmayos, males de madre. Finalmente, nadie le decía padecer alguna pasión que luego no le decía: “Haced esto, haréis esto otro, coced tal hierba, tomad tal raíz”. Con esto andábase todo el mundo tras él, especialmente mujeres, que cuanto les decía creían. De éstas sacaba él grandes provechos con las artes que digo, y ganaba más en un mes que cien ciegos en un año.

Mas también quiero que sepa Vuestra Merced que, con todo lo que adquiría y tenía, jamás tan avariento ni mezquino hombre no vi; tanto, que me mataba a mí de hambre, y así no me demediaba de lo necesario. Digo verdad: si con mi sotileza y buenas mañas no me supiera remediar, muchas veces me finara de hambre. Mas, con todo su saber y aviso, le contaminaba de tal suerte, que siempre, o las más veces, me cabía lo más y mejor. Para esto le hacía burlas endiabladas, de las cuales contaré algunas, aunque no todas a mi salvo.

Él traía el pan y todas las otras cosas en un fardel de lienzo que por la boca se cerraba con una argolla de hierro y su candado y su llave; y al meter de todas las cosas y sacallas, era con tan gran vigilancia y tanto por contadero, que no bastara hombre en todo el mundo hacerle menos una migaja. Mas yo tomaba aquella lacería que él me daba, la cual en menos de dos bocados era despachada. Después que cerraba el candado y se descuidaba, pensando que yo estaba entendiendo en otras cosas, por un poco de costura, que muchas veces del un lado del fardel descosía y tornaba a coser, sangraba el avariento fardel, sacando no por tasa pan, mas buenos pedazos, torreznos y longaniza. Y ansí, buscaba conveniente tiempo para rehacer, no la chaza, sino la endiablada falta que el mal ciego me faltaba.

Todo lo que podía sisar y hurtar traía en medias blancas, y cuando le mandaban rezar y le daban blancas, como él carecía de vista, no había el que se la daba amagado con ella, cuando yo la tenía lanzada en la boca y la media aparejada, que, por presto que él echaba la mano, ya iba de mi cambio aniquilada en la mitad del justo precio. Quejábame el mal ciego, porque al tiento luego conocía y sentía que no era blanca entera, y decía:

Sinto satisfação em contar a Vossa Mercê estas ninharias, para mostrar quanta virtude há nos homens que sabem subir, vindo do nada, e quanto vício em deixar-se rebaixar do alto.

Voltando ao meu bom cego e contando as suas artimanhas, saiba Vossa Mercê que, desde que Deus criou o mundo, a ninguém fez mais astuto e sagaz. Em seu ofício era uma águia. Sabia de cor cento e tantas orações. Rezava em tom grave, pausado e sonoro, fazendo ecoar sua voz na igreja. Assumia uma expressão de humildade e devoção quando rezava, sem fazer gestos nem movimentos com a boca ou com os olhos, como outros costumam fazer. Além disso, possuía outras mil maneiras e ardis para conseguir dinheiro. Dizia saber orações para muitos e diferentes fins: para mulheres estéreis, para as que estavam de parto, para as mal-casadas se tomarem amadas pelos maridos. Fazia previsão às grávidas, se iam ganhar menino ou menina. Sobre a medicina, dizia que Galeno não soube a metade do que ele sabia para curar dor de dentes, desmaios e doenças do útero. Se alguém se queixasse de alguma paixão, logo ele receitava: “Faça isto, faça aquilo, colha tal erva, tome tal raiz”. Por causa disto, andava todo mundo atrás dele, especialmente as mulheres, porque acreditavam em tudo o que lhes dizia. Delas tirava grande proveito com as artimanhas que conto, ganhando mais num mês do que cem cegos num ano.

Mas também quero que saiba Vossa Mercê que, com tudo o que adquiria e possuía, jamais vi um homem tão avarento e mesquinho, tanto que me matava de fome, pois eu não comia nem a metade do necessário. Na verdade, se não contasse com a minha astúcia e as boas manhas para me virar, muitas vezes teria morrido de fome. Porém, apesar de todo o seu saber e prevenção, eu o enganava, de modo que, quase sempre, me cabia o maior e melhor. Para isso, eu fazia grandes trapaças, das quais contarei algumas, ainda que nem todas sejam sem prejuízo meu.

Ele trazia o pão e tudo o mais numa bolsa de pano, fechada com uma argola de ferro e cadeado e sua chave. Ao pôr ou tirar dela qualquer coisa, tinha tanto cuidado e tanto controle que nenhum homem do mundo poderia roubar-lhe uma migalha. Eu aceitava a miséria que ele me dava, a qual eu liquidadava em menos de duas dentadas. Depois que fechava o cadeado, descuidava-se, pensando que eu estava ocupado em outras atividades; mas eu, por um lado da costura que descosia e depois tomava a costurar, retirava não apenas pão, mas bons pedaços de torresmo e lingüiça. Assim, aguardava a ocasião conveniente, não para repetir o feito, mas para aliviar a maldita dieta que o mau cego me impunha.

Tudo o que podia subtrair e furtar trazia em moedas de meia branca e, quando o mandavam rezar e lhe davam brancas, como ele não enxergava, mal faziam menção de lhe entregar a moeda, já eu a tinha escondido na boca e estava com meia branca pronta na mão. De modo que, por mais rápido que ele avançasse, a esmola já lhe chegava pela metade. O mau cego queixava-se comigo, porque pelo tato logo conhecia e percebia que não era uma branca inteira, e dizia:

— ¿ Qué diablo es esto, que después que conmigo estás no me dan sino medias blancas, y de antes una blanca y un maravedí hartas veces me pagaban? en ti debe estar esta desdicha.

También él abreviaba el rezar y la mitad de la oración no acababa, porque me tenía mandado que, en yéndose el que la mandaba rezar, le tirase por cabo del capuz. Yo así lo hacía. Luego él tomaba a dar voces, diciendo:

“¿ Mandan rezar tal y tal oración?”, como suelen decir.

Usaba poner cabe si un jarrillo de vino cuando comíamos, y yo muy de presto le asía y daba un par de besos callados y tomábale a su lugar. Mas turóme poco, que en los tragos conocía la falta y, por reservar su vino a salvo, nunca después desamparaba el jarro, antes lo tenía por el asa asido. Mas no había piedra imán que así trajese a sí como yo con una paja larga de centeno que para aquel menester tenía hecha, la cual, metiéndola en la boca del jarro, chupando el vino, lo dejaba a buenas noches. Mas, como fuese el traidor tan astuto, pienso que me sintió, y dende en adelante mudó propósito, y asentaba su jarro entre las piernas y atapábale con la mano, y así bebía seguro.

Yo, como estaba hecho al vino, moría por él; y viendo que aquel remedio de la paja no me aprovechaba ni valía, acordé en el suelo del jarro hacerle una fuentecilla y agujero sutil, y delicadamente con una muy delgada tortilla de cera taparlo; y al tiempo de comer, fingiendo haber frío, entrábame entre las piernas del triste ciego a calentarme en la pobrecilla lumbre que teníamos, y al calor de ella, luego derretida la cera por ser muy poca, comenzaba la fuentecilla a destilarme en la boca, la cual yo de tal manera ponía, que maldita la gota se perdía. Cuando el pobreto iba a beber, no hallaba nada; espantábase, maldecíase, daba al diablo el jarro y el vino, no sabiendo qué podía ser.

— No diréis, tío, que os lo bebo yo — decía —, pues no le quitáis de la mano.

Tantas vueltas y tientos dio al jarro, que halló la fuente y cayó en la burla; mas así lo disimuló como si no lo hubiera sentido. Y luego otro día, teniendo yo rezumando mi jarro como solía, no pensando el daño que me estaba aparejado ni que el mal ciego me sentía, sentéme como solía. Estando recibiendo aquellos dulces tragos, mi cara puesta hacia el cielo, un poco cerrados los ojos por mejor gustar el sabroso licor, sintió el desesperado ciego que agora tenía tiempo de tomar de mi venganza, y con toda su fuerza, alzando con dos manos aquel dulce y amargo jarro, le dejó caer sobre mi boca, ayudándose, como digo, con todo su poder, de manera que el pobre Lázaro, que de nada de esto se guardaba, antes, como otras veces, estaba descuidado y gozoso, verdaderamente me pareció que el cielo, con todo lo que en él hay, me había caído encima.

Fue tal el golpe, que me desatino y sacó de sentido, y el jarrazo tan grande, que los pedazos de él se me metieron por la cara, rompiéndomela por muchas partes, y me quebró los dientes, sin los cuales hasta hoy día me quedé. Desde aquella hora quise mal al mal ciego; y, aunque me quería y regala-

— Que diabo é isto que, desde que você está comigo, não me dão mais do que moedas de meia branca e antes me davam uma branca e muitas vezes um maravedi? Deve ser você a causa desta infelicidade.

Ele também abreviava as rezas, dizendo as orações pela metade, porque havia dado ordem para puxá-lo pela ponta da capa, logo que se afastasse quem o mandara rezar. Assim eu procedia. Logo ele recomeçava a gritar, dizendo: “Quem manda rezar esta ou aquela oração?”, como dizem os cegos.

Enquanto comíamos, ele costumava pôr ao seu lado um jarrinho de vinho, que eu apanhava com rapidez, dava-lhe dois silenciosos beijos, repondo-o logo no lugar. Mas não me durou muito, pois nos longos tragos ele notava a falta, de modo que, para defender seu vinho, jamais facilitou o jarro, trazendo-o sempre seguro pela asa. Mas não havia ímã mais poderoso, que tanto para si puxasse, como eu com uma comprida palha de centeio. Com ela enfiada no jarro, chupava o vinho, deixando o velho a ver navios. Mas, como o danado era muito astuto, penso que percebeu tudo. Daí em diante mudou de atitude, passou a colocar o jarro entre as pernas, tapando-o com uma das mãos, e assim bebia tranqüilamente.

Como eu estava habituado ao vinho, sentia a sua falta e, vendo que o artifício da palha não me valia mais, resolvi fazer no fundo do jarro um pequeno orifício e, com muito jeito, tapá-lo com uma leve camada de cera.

Na hora de comer, fingindo ter frio, refugiava-me entre as pernas do triste cego, para me aquecer junto ao nosso pequeno fogo. Logo que a cera derretia com o calor, começava a fontezinha a destilar o vinho para a minha boca, que eu colocava de maneira que nenhuma gota se perdia. Quando o coitado ia beber, não encontrava nada. Ficava espantado, maldizia-se e mandava ao diabo o jarro e o vinho, sem compreender o que estava acontecendo.

— Não vá pensar, tio, que eu bebo o vinho — dizia—pois o senhor não tira a mão dele.

Tanto virou e apalpou o jarro, que localizou a fonte, percebendo a armadilha em que havia caído; porém, soube disfarçar como se nada houvesse descoberto. No dia seguinte, dispondo-me a fazer destilar o jarro como de costume, sem pensar no castigo que me esperava e, sem saber que o mau cego havia descoberto tudo, instalei-me no mesmo lugar de sempre. Quando eu recebia aqueles doces tragos, com o rosto voltado para o céu, com os olhos meio fechados, para apreciar melhor o saboroso licor, pressentiu o desesperado cego que chegara a hora de se vingar de mim. Levantando com as duas mãos aquele doce e amargo jarro, deixou-o cair sobre a minha boca com toda a força, de maneira que o pobre Lázaro, que nada esperava daquilo mas, pelo contrário, como das outras vezes, estava descuidado e cheio de prazer, teve a impressão de que o céu, com tudo o que nele existe, lhe caía em cima.

A pancada foi tão forte que fiquei tonto e perdi os sentidos. O jarro bateu com tanta violência, que os cacos enterraram-se no meu rosto, machucando-me em vários lugares, quebrando-me os dentes, sem os quais estou até hoje. A partir daquela hora comecei a odiar o mau cego que, embora me estimasse, agra-

ba y me curaba, bien vi que se había holgado del cruel castigo. Lavóme con vino las roturas que con los pedazos del jarro me había hecho, y sonriéndose decía:

—¿ Qué te parece, Lázaro? Lo que te enfermó te sana y da salud.

Y otros donaires, que a mi gusto no lo eran.

Ya que estuve medio bueno de mi negra trepa y cardenales, considerando que, a pocos golpes tales, el cruel ciego ahorraría de mí, quise yo ahorrar de él; mas no lo hice tan presto, por hacello más a mi salvo y provecho. Y aunque yo quisiera asentar mi corazón y perdonalle el jarrazo, no daba lugar el maltratamiento que el mal ciego dende allí adelante me hacía, que sin causa ni razón me hería, dándome coscorriones y repelándome. Y si alguno le decía por qué me trataba mal, luego contaba el cuento del jarro, diciendo:

—¿ Pensaréis que este mi mozo es algún inocente? Pues oíd si el demonio ensayara otra tal hazaña.

Santiguándose los que lo oían, decían:

—¡ Mira quién pensara de un muchacho tan pequeño tal ruindad!

Y reían mucho el artificio y decíanle:

— Castigaldo, castigaldo, que de Dios lo habréis.

Y él, con aquello, nunca otra cosa hacía.

Y en esto, yo siempre le llevaba por los peores caminos, y adrede, por le hacer mal y daño; si había piedras, por ellas; si lodo, por lo más alto; que, aunque yo no iba por lo más enjuto, holgábame a mí de quebrar un ojo por quebrar dos al que ninguno tenía. Con esto, siempre con el cabo alto del tien-to me atentaba el colodrillo, el cual siempre traía lleno de tolondrones y pelado de sus manos. Y aunque yo juraba no lo hacer con malicia, sino por no hallar mejor camino, no me aprovechaba ni me creía, mas tal era el sentido y el grandísimo entendimiento del traidor.

Y por que vea Vuestra Merced a cuánto se extendía el ingenio astuto ciego, contaré un caso de muchos que con él me acaescieron, en el cual me parece dio bien a entender su gran astucia. Cuando salimos de Salamanca, su motivo fue venir a tierra de Toledo, porque decía ser la gente más rica, aunque no muy limosnera. Arrimábase a este refrán: “Más da el duro que el desnudo”. Y venimos a este camino por los mejores lugares. Donde hallaba buena acogida y ganancia, deteníamos; donde no, a tercero día hacíamos San Juan.

Acaesció que, llegando a un lugar que llaman Almorox al tiempo que cogían las uvas, un vendimiador le dio un racimo de ellas en limosna.

Y como suelen ir los cestos maltratados, y también porque la uva en aquel tiempo está muy madura, desgranábasele el racimo en la mano; para echarlo en el fardel, tornábase mosto, y lo que a él se llegaba. Acordó de hacer un banquete, así por no lo poder llevar como por contentarme, que aquel día me había dado muchos rodillazos y golpes. Sentámonos en un valladar y dijo:

40

45

dasse e me curasse, notei que estava feliz pelo cruel castigo que me dera. Lavou-me com vinho os ferimentos que tinha causado e, sorrindo, dizia:

O que você acha, Lázaro? O que causou em você a doença, cura e dá saúde.

E outras gracinhas, que a meu ver não tinham graça nenhuma.

Assim que fiquei meio curado do negro castigo e das minhas feridas, considerando que, com outros golpes semelhantes, o cruel cego se livraria de mim, resolvi então eu me livrar dele. Só não o fiz imediatamente, para ter maior garantia e tirar melhor proveito. Embora tentasse acalmar meu coração e perdoar-lhe a maldade do jarro, não desculpava o mau tratamento que o maldito cego dali em diante me infligia, pois sem motivos nem justificativa me feria, dando-me cascudos e puxões de cabelo. Se alguém lhe perguntava porque me tratava tão mal, logo contava o conto do jarro, dizendo:

— Pensam que este moço é algum santo? Então vejam se o próprio diabo tentaria coisa semelhante.

Benzendo-se, os que ouviam, comentavam:

— Veja só, quem pensaria que um rapaz tão jovem fosse capaz de tanta maldade!

Riam-se muito da minha artimanha e diziam:

— Castigue, castigue, que Deus vai recompensá-lo!

Ele, com tais conselhos, não fazia outra coisa.

Por isto, eu o conduzia, de propósito, pelos piores caminhos, para lhe fazer mal e causar dano: se havia pedra, por cima delas; se lodo, pela parte mais funda. Embora eu não fosse pelo mais seco, não me importava de vazar-me um olho para vazar dois a quem não tinha nenhum. Por isso ele me batia constantemente com o cabo do grande bastão na nuca, a qual eu tinha sempre cheia de galos e pelada pelas suas mãos. Embora eu jurasse que não fazia por mal, mas porque não achava caminho melhor, de nada adiantava, pois não me ouvia, nem acreditava mais em mim, tal era a intuição e a grande esperteza do traidor.

Para que Vossa Mercê veja até onde chegava o engenho deste astuto cego, contarei um caso dos muitos que com ele me aconteceram, no qual me parece ter demonstrado bem sua grande astúcia. Quando saímos de Salamanca, a sua intenção era vir à terra de Toledo, porque dizia ser de gente mais rica, embora pouco afeita a dar esmolas. Apoiava-se no provérbio: “Rende mais o coração duro de um rico que a miséria caridosa de um pobre”. Atingimos este ponto pelos melhores lugares. Onde encontrava boa acolhida e bom lucro, demorávamos; caso contrário, ao fim do terceiro dia, íamos embora.

Aconteceu que, chegados a um lugar chamado Almorox, na época da colheita, um vindimador lhe deu um cacho de uvas como esmola. Como não costumam ter cuidado com os cestos e, também, porque nessa época as uvas estão muito maduras, desmanchava-se o cacho nas mãos. Se o colocasse na bolsa de provisões, ficaria mosto, podendo até estragar outras coisas. Resolveu então fazer um banquete, primeiro porque não podia levar o cacho e, depois, para me agradar, já que naquele dia me havia dado muitas joelhadas e tapas. Sentamo-nos à beira de um barranco e disse:

40

45

Agora quiero yo usar contigo de una liberalidad, y es que ambos comamos este racimo de uvas y que hayas de él tanta parte como yo. Partillo hemos de esta manera: tú picarás una vez y yo otra, con tal que me prometas no tomar cada vez más de una uva. Yo haré lo mesmo hasta que lo acabemos, y de esta suerte no habrá engaño.

Hecho así el concierto, comenzamos; mas luego al segundo lance, el traidor mudó propósito y comenzó a tomar de dos en dos, considerando que yo debería hacer lo mismo. Como vi que él quebraba la postura, no me contenté ir a la par con él, mas aún pasaba adelante: dos a dos, y tres a tres, y como podía, las comía. Acabado el racimo, estuvo un poco con el escobajo en la mano y, meneando la cabeza, dijo:

— Lázaro, engañado me has; juraré yo a Dios que has tú comido las uvas tres a tres.

— No comí — dije yo —;¿ mas por qué sospecháis eso?

Respondió el sagacísimo ciego:

— Sabes en qué veo que las comiste tres a tres? En que comía yo dos a dos y callabas.

[A lo cual yo no respondí. Yendo que íbamos así por debajo de unos soportales, en Escalona, adonde a la sazón estábamos, en casa de un zapatero había muchas sogas y otras cosas que de esparto se hacen, y parte de ellas dieron a mi amo en la cabeza; el cual alzando la mano tocó en ellas y, viendo lo que era, díjome:

— Anda presto, mochacho, salgamos de entre tan mal manjar, que ahoga sin comerlo.

Ya que bien descuidado iba de aquello, miré lo que era, y como no vi sino sogas y cinchas, que no era cosa de comer, díjele:

—Tío,¿ por qué decís eso?

Respondióme:

— Calla, sobrino, según las mañas que llevas, lo sabrás, y verás cómo digo verdad.

Y así pasamos adelante por el mismo portal, y llegamos a un mesón, a la puerta del cual había muchos cuernos en la pared, donde ataban los recueros sus bestias, y como iba tentando si era allí el mesón adonde él rezaba cada día por la mesonera la oración de la Emparedada, así de un cuerno, y con un gran sospiro, dijo:

— ¡Oh mala cosa, peor que tienes la hechura! ¡De cuántos eres deseado poner tu nombre sobre cabeza ajena, y de cuán pocos tenerte, ni aun oír nombre por ninguna vía!

Como le oí lo que decía, dije:

— Tío,¿ qué es esto que decís?

— Calla, sobrino, que algún día te dará este que en la mano tengo alguna mala comida y cena.

—No le comeré yo— dije—, y no me la dará.

50

60

65

— Agora vou praticar uma liberalidade com você, que é comermos este cacho de uvas em partes iguais. Vamos reparti-lo desta maneira: Você tira uma uva e eu outra, com a promessa de que não tirará mais do que uma de cada vez. De minha parte, farei o mesmo até acabarmos, assim não haverá engano.

Feito o acordo, começamos; mas logo na segunda vez o traidor mudou de plano e começou a tirar as uvas duas a duas, supondo que eu devia fazer o mesmo. Vendo que faltava ao combinado, não me contentei em ir a par com ele, mas ainda lhe passava adiante, duas a duas e três a três e, como podia, comia. Terminado a cacho, ficou um momento com o engajo na mão e, sacudindo a cabeça, disse:

— Lázaro, você me enganou. Juro por Deus que comeu as uvas três a três.

— Não comi — respondi —; mas, por que o senhor desconfia?

Respondeu o esertíssimo cego:

— Sabe o que me diz que você comeu três a três? E que eu comi duas a duas e você não disse nada.

[Ao que eu não respondi. Assim, íamos nós caminhando soh alguns soppontais em Escalona, onde ficamos em casa de um sapateiro; havia ali muitas cordas e outras coisas que fazem de esparto, e algumas bateram na cabeça do meu amo. O qual, levantando as mãos, tocou e, percebendo o que era, disse-me:

—Ande depressa, rapaz, saiamos de tão má comida, que faz mal sem que a comamos.

Eu, que ia muito distraído, olhei para ver de que se tratava e, vendo só cordas e cinchas, que não era coisa de comer, disse-lhe:

— Tio, por que o senhor diz isso?

Respondeu-me então:

— Cale-se, sobrinho, segundo as manhas que tem, saberá e verá como digo a verdade.

Assim passamos adiante pelo mesmo portal, e chegamos a uma estalagem, à porta da qual havia muitos chifres pregados à parede, onde os arrieiros atavam seus animais e, quando procurava reconhecer se era ali a estalagem onde todos os dias ele costumava rezar pela estalajadeiro a oração da Emparedada, agarrou um chifre e, dando um grande suspiro, disse:

— Oh, coisa ruim, e ainda pior que o feito! Quantos desejam pôr você na cabeça alheia e quão poucos desejam tê-lo, sequer ouvir o seu nome!

Como o ouvi, perguntei:

— Tio, o que é que está dizendo?

—Cale-se, sobrinho, que isto que tenho nas mãos um dia lhe dará mau almoço e pior jantar.

—Não o comerei eu—disse — e ninguém me dará para comer.

50

60

65

— *Yo te digo verdad; si no, verlo has, si vives.*

Y así pasamos adelante, hasta la puerta del mesón, adonde pluguiere a Dios nunca allá llegáramos, según lo que me suscedía en él.

Era todo lo más que rezaba por mesoneras, y por bodegoneras y turroneras y rameras, y así por semejantes mujercillas, que por hombre casi nunca le vi decir oración.]

Reíme entre mí, y aunque mochacho, noté mucho la discreta consideración del ciego. 70

Mas por no ser prolijo, dejo de contar muchas cosas, así graciosas como de notar, que con este mi primer amo me acaescieron, y quiero decir el despidiente y, con él, acabar.

Estábamos en Escalona, villa del duque de ella, en un mesón, y diome un pedazo de longaniza que le asase. Ya que la longaniza había pringado y comídose las pringadas, sacó un maravedí de la bolsa y mandó que fuese por él de vino a la taberna. Púsome el demonio el aparejo delante los ojos, el cual, como suelen decir, hace al ladrón, y fue que había cabe el fuego un nabo pequeño, larguillo y ruinoso, y tal que, por no ser para la olla, debió ser echado allí, Y como al presente nadie estuviese sino él y yo solos, como me vi con apetito goloso, habiéndome puesto dentro el sabroso olor de la longaniza, del cual solamente sabía que había de gozar, no mirando qué me podría suceder, pospuesto todo el temor por cumplir con el deseo, en tanto que el ciego sacaba de la bolsa el dinero, saqué la longaniza y muy presto metí el sobredicho nabo en el asador; el cual, mi amo, dándome el dinero para el vino, tomó y comenzó a dar vueltas al fuego, queriendo asar al que de ser cocido, por sus deméritos, había escapado.

Yo fui por el vino, con el cual no tardé en despachar la longaniza; y cuando vine, hallé al pecador del ciego que tenía entre dos rebanadas apretado el nabo, al cual aún no había conocido por no lo haber tentado con la mano. Como tomase las rebanadas y mordiese en ellas, pensando también llevar parte de la longaniza, hallóse en frío con el frío nabo. Alteróse y dijo:

—¿Qué es esto, Lazarillo?

—¿Lacerado de mí! — dije yo —,¿ Si queréis a mí echar algo?¿ Yo no vengo de traer el vino? Alguno estaba ahí y por burlar haría esto. 75

— No, no — dijo él —, que yo no he dejado el asador de la mano; no es posible.

Yo tomé a jurar y perjurar que estaba libre de aquel trueco y cambio; mas poco me aprovechó pues a las astucias del maldito ciego nada se le escondía. Levantóse y asíome por la cabeza y llegóse a olerme. Y como debió sentir el huelgo, a uso de buen podenco, por mejor satisfacerse de la verdad, y con la gran agonía que llevaba, asiéndome con las manos abríame la boca más de su derecho y desatentamente metía la nariz, la cual él tenía luenga y afilada, ya aquella sazón, con el enojo, se había aumentado un palmo; con el

—*Eu digo a verdade; se você viver, verá.*

Assim passamos adiante, chegando à porta da estalagem, à qual prouvera a Deus que nunca chegássemos, pelo que ali aconteceu.

A maior parte das suas orações era por estalajadeiros, taberneiras e rameiras, e assim por semelhantes mulherzinhas, que por homem quase nunca o vi dizer uma oração.]

Eu ria comigo mesmo e, embora jovem, bem percebia a discreta advertência do cego. 70

Mas, para não me prolongar, deixo de recordar muitas coisas, tão engraçadas quanto dignas de nota, acontecidas com este meu primeiro amo, e quero contar como foi a despedida e encerrar este assunto.

Estávamos em Escalona, vila do duque do mesmo nome, numa estalagem, e ele me deu um pedaço de lingüiça para assar. Quando a lingüiça já estava pronta e ele tinha comido com pão a gordura que pingara, tirou da sacola um maravedi e mandou-me buscar vinho na taberna. Foi o demônio quem me mostrou a oportunidade pois, como diz o provérbio, a ocasião faz o ladrão; junto do fogo estava um pequeno nabo, comprido e meio podre que, certamente por não prestar para o cozido, tinha sido jogado ali. Como naquele momento os únicos presentes éramos ele e eu e me sentisse com grande apetite por causa do gostoso cheiro da lingüiça, que era a única coisa com que iria me deliciar, sem me preocupar com as consequências, pus o medo de lado. Atendendo apenas ao desejo, enquanto o cego tirava o dinheiro da sacola, tirei a lingüiça e enfiei rapidamente o nabo no espeto. O meu amo, enquanto me entregava o dinheiro para o vinho, pegou e começou a rodá-lo sobre o fogo, querendo assar o que, por não prestar, se livrara de ser cozido.

Fui buscar o vinho e, no caminho, despachei a lingüiça; ao voltar, encontrei o pecador do cego apertando o nabo entre duas fatias de pão, crente de que era a lingüiça, por não havê-la tasteado com a mão. Como pegasse as fatias e as mordesse pensando também tirar parte da lingüiça, ficou gelado com o frio nabo. Alterou-se e disse:

— Que é isto, Lazarilho?

— Desgraçado de mim! — disse eu. O senhor está me acusando de alguma coisa? Por acaso não fui buscar vinho? Alguém que esteve aqui, por brincadeira, fez isso. 75

— Não, não — disse ele —, porque eu não larguei o espeto da mão; isso não é possível.

Jurei e tomei a jurar que estava inocente daquele truque e troca, porém de pouco adiantou, pois à astúcia do maldito cego nada escapava. Levantou-se e agarrou-me pela cabeça para cheirar. Como devia sentir o meu hálito, ele, à semelhança de um cão de caça, para melhor esclarecer a verdade e com a grande aflição em que se encontrava, segurando-me firme, com as mãos abria a minha boca o mais que podia e, sem consideração alguma, nela metia o nariz. Tinha o longo e afilado e, naquele momento, por causa de sua fúria, aumentara um

pico de la cual me llegó y con la brevedad del tiempo, la negra longaniza aún no había hecho asiento en el estómago y lo más principal, con el destiempo de la cumplidísima nariz medio casi ahogándome, todas estas cosas se juntaron y fueron causa que el hecho y golosina se manifestase y lo suyo fuese vuelto a su dueño. De manera que, antes que el mal ciego sacase de mi boca su trompa, tal alteración sintió mi estómago, que le dio con el hurto en ella, de suerte que su nariz y la negra mal mascada longaniza a un tiempo salieron de mi boca.

¡Oh gran Dios, quién estuviera aquella hora sepultado, que muerto ya lo estaba! Fue tal el coraje del perverso ciego, que, si al ruido no acudieran, pienso no me dejara con la vida. Sacáronme de entre sus manos, dejándose las llenas de aquellos pocos cabellos que tenía, arañada la cara y rasguñado el pescuezo y la garganta. Y esto bien lo merecía pues por su maldad me venían tantas persecuciones.

Contaba el mal ciego a todos cuantos allí se allegaban mis desastres, y dábales cuenta una y otra vez así de la del jarro como de la del racimo, y agora de lo presente. Era la risa de todos tan grande, que toda la gente que por la calle pasaba entraba a ver la fiesta; mas con tanta gracia y donaire recontaba el ciego mis hazañas, que, aunque yo estaba tan maltratado y llorando, me parecía que hacía injusticia en no se las reír.

Y

en cuanto esto pasaba, a la memoria me vino una cobardía y flojedad que hice, por que me maldecía, y fue no dejalle sin narices, pues tan buen tiempo tuve para ello, que la meitad del camino estaba andado; que, con sólo apretar los dientes, se me quedaran en casa, y, con ser de aquel malvado, por ventura lo retuviera mejor mi estómago que retuvo la longaniza, y, no pareciendo ellas, pudiera negar

la demanda. Pluguiera a Dios que lo hubiera hecho, que eso fuera así que así.

Hiciéronnos amigos la mesonera y los que allí estaban, y con el vino que para beber le había traído laváronme la cara y la garganta. Sobre lo cual discantaba el mal ciego donaires, diciendo:

— Por verdad, más vino me gasta este mozo en lavatorios al cabo del año que yo bebo en dos. A lo menos, Lázaro, eres en más cargo al vino que a tu padre, porque él una vez te engendró, mas el vino mil te ha dado la vida.

Y luego contaba cuántas veces me había descalabrado y arpadado la cara, y con vino luego sanaba.

— Yo te digo — dijo — que, si un hombre en el mundo ha de ser bienaventurado con vino, que serás tú.

Y reían mucho los que me lavaban, con esto, aunque yo renegaba. Mas el pronóstico del ciego no salió mentiroso, y después acá muchas veces me acuerdo de aquel hombre, que sin duda debía tener espíritu de profecía, y me pesa de los sinsabores que le hice, aunque bien se lo pagué, considerando lo que aquel día me dijo salirme tan verdadero como adelante Vuestra Merced oirá.

Visto esto y las malas burlas que el ciego burlaba de mí, determiné de todo en todo dejalle, y como lo traía pensado y lo tenía en voluntad, con este

80

85

palmo, e com a ponta atingiu-me a goela. Então, devido ao grande medo que tinha e porque fora comida há tão pouco tempo, a maldita linguiça ainda não me assentara no estômago; e ainda mais com os toques daquele enorme nariz, que me deixara meio sufocado. Todas essas coisas se juntaram e foram causa de que o fato e a guloseima se manifestassem e a linguiça fosse devolvida ao seu dono. De forma que, antes que o mau cego tirasse a tromba da minha boca, senti tal alteração no estômago, que lhe restitui o furto por cima, de sorte que seu nariz e a famigerada linguiça mal mastigada saíram da boca ao mesmo tempo.

Oh! grande Deus, antes queria ver-me sepultado, porque morto eu já estava! Foi tal a maldade do perverso cego que, se não acudissem ao ruído, não me deixaria vivo. Arrancaram-me de suas mãos, deixando-as cheias dos poucos cabelos que ainda restavam, com o rosto arranhado e o pescoço e a garganta rasgados. Isto bem que ele merecia, pois, por causa de sua maldade, vinham-me semelhantes aborrecimentos.

O mau cego contava minhas façanhas a todos que se aproximavam de nós, detalhando-as uma a uma, desde a história do jarro, até a do cacho de uvas e agora a da linguiça. Os presentes riam com tanta vontade que os que passavam pela rua, entravam para ver a festa. Com tanta graça e gesticulação o cego narrava minhas aventuras que, embora eu estivesse todo maltratado e choroso, parecia-me injusto não rir também.

Enquanto isto se passava, lembrei-me de uma covardia e fraqueza que tive e de que me maldizia, que foi não o deixar sem nariz, pois tive tempo suficiente para isso, porque metade do caminho já fora percorrido. Era só apertar os dentes e o nariz ficaria em casa, e, mesmo sendo daquele malvado, talvez caísse melhor no estômago do que a linguiça e, não vomitando, eu poderia negar a acusação. Tomara Deus que eu tivesse feito, pois para mim teria sido igual.

A estalajadeira e os que ali estavam reconciliaram-nos e, com o vinho que eu havia trazido para ele beber, lavaram-me o rosto e a garganta. Sobre isto discorria com humor o cego, dizendo:

— Na verdade, mais vinho consome este rapaz sendo lavado durante um ano, do que eu bebo em dois. Ao menos. Lázaro, você deve mais ao vinho que ao seu pai, porque ele gerou você uma só vez e o vinho mil vezes lhe deu a vida.

Depois, contava quantas vezes tinha me escalavrado e arranhado o rosto e com vinho logo me curara.

— Eu digo — disse — que se um homem, no mundo, há de ser bem-aventurado em vinho, esse será você.

Riam muito os que me lavavam, embora eu resmungasse. Mas o prognóstico do cego não saiu tão errado e, de lá para cá, muitas vezes me lembro daquele homem que, sem dúvida, devia ter o dom de profecia. Arrependo-me dos dissabores que lhe causei, apesar de os ter pagado caro, considerando que o que naquele dia me disse saiu tão certo como adiante Vossa Mercê ouvirá.

Por isto e pelas gozações que o cego me fazia, decidi deixá-lo. Como já tinha o plano pronto e era esse o meu desejo, com esta última que me fez reforcei a

80

85

postrer juego, que me hizo afirmélo más. Y fue así, que luego otro día salimos por la villa a pedir limosna y había llovido, y andaba rezando debajo de unos portales que en aquel pueblo había, donde no nos mojamos, mas como la noche se venía y el llover no cesaba, díjome el ciego:

— Lázaro, esta agua es muy porfiada y cuanto la noche más cierra, más recia; acojámonos a la posada con tiempo.

Para ir allá habíamos de pasar un arroyo, que con la mucha agua iba grande. Yo le dije:

— Tío, el arroyo va muy ancho; mas, si queréis, yo veo por donde travesemos más afna sin nos mojar, porque se estrecha allí mucho, y saltando pasaremos a pie enjuto.

Parecióle buen consejo, y dijo:

— Discreto eres; por esto te quiero bien. Llévame a ese lugar donde el arroyo se ensangosta, que agora es invierno y sabe mal el agua, y más llevar los pies mojados.

Yo, que vi el aparejo a mi deseo, saquéle de bajo de los portales y llevélo derecho de un pilar o poste de piedra que en la plaza estaba. Sobre el cual y sobre otros cargaban saledizos de aquellas casas, y dígole:

— Tío, éste es el paso más angosto que en el arroyo hay.

Como llovía recio y el triste se mojaba, y con la prisa que llevábamos de salir del agua, que encima de nós caía, y, lo más principal, porque Dios le cegó aquella hora el entendimiento (fue por darme de él venganza), creyóse de mí y dijo:

— Ponme bien derecho y salta tú el arroyo.

Yo le puse bien derecho enfrente del pilar, y doy un salto y póngome detrás del poste, como quien espera tope de toro, y díjele.

— Sus! Saltá todo lo que podáis, por que deis de este cabo del agua.

Aún apenas lo había acabado de decir, cuando se abalanza el pobre ciego como cabrón y de toda su fuerza arremete, tomando un paso atrás de la corrida para hacer mayor salto, y da con la cabeza en el poste, que sonó tan recio como si diera con una gran calabaza, y cayó luego para atrás medio muerto y hendida la cabeza.

— Cómo, y olistes la longaniza y no el poste? Olé, olé! — le dije yo.

Y dejéle en poder de mucha gente que lo había ido a socorrer, y tomé la puerta de la villa en los pies de un trote, y, antes que la noche viniese, di comigo en Torrijos. No supe más lo que Dios de él hizo ni curé de lo saber.

90

95

Tratado Segundo

Cómo Lázaro se asentó con un clérigo, y de las cosas que con él pasó

Otro día, no pareciéndome estar allí seguro, fui a un lugar que llaman Maqueda, donde me toparon mis pecados con un clérigo que, llegando a pedir limosna, me preguntó si sabía ayudar a misa. Yo dije que sí, como

100

idéia. Assim foi que, logo no dia seguinte, saímos pela vila a pedir esmola. Havia chovido muito na noite anterior e, como também chovesse durante o dia, ele rezava debaixo de alguns soportais que havia naquele povoado, onde não nos molhávamos. Mas como a noite se aproximava e a chuva não passava, disse-me o cego:

— Lázaro, esta chuva não pára e, à medida que escurece, ela aumenta. Recolhamo-nos à pousada a tempo.

Para lá chegar tínhamos que passar um arroio que, por causa da chuva, estava muito cheio. Eu lhe disse:

— Tio, o arroio subiu muito; se quiser, eu procuro um lugar por onde possamos atravessar mais facilmente, sem nos molharmos, porque há um lugar muito estreito que de um salto poderemos atravessar tranquilamente.

Pareceu-lhe uma boa medida e afirmou:

— Você é muito vivo e por isso gosto de você. Leve-me a esse lugar onde o arroio se estreita, porque estamos no inverno e a água fria faz mal e pior ainda a quem ficar com os pés molhados.

Vendo que tudo se preparava de acordo com o meu desejo, levei-o para fora dos portais. Conduzi-o diretamente a um pilar ou poste de pedra da praça, sobre o qual e sobre outros iguais se apoiavam as sacadas daquelas casas, e disse-lhe:

— Tio, aqui está o passo mais estreito do arroio.

Como chovia forte e o pobre se molhava e como estávamos com pressa tentando fugir da água que caía sobre nós e, sobretudo, porque Deus naquela hora, para conceder-me a vingança, cegou-lhe o entendimento, acreditou em mim e disse:

— Ponha-me no lugar certo e pule você o arroio.

Coloquei-o bem em frente a um pilar e dei um salto, pondo-me atrás do poste, como quem espera a investida de um touro, e disse-lhe:

— Força! Dê o maior salto que puder, para cair deste lado da água.

Nem bem tinha terminado de falar, abalança-se o pobre cego como um bode e, com toda a sua força, arremete dando um passo atrás, antes de se lançar, para o salto ser maior. Bate com a cabeça no poste, que souu tão forte como se fora uma grande abóbora, e caiu para trás meio morto e com a cabeça rachada.

—Como? Cheirou a lingüiça e o poste não? Cheire! Cheire! - disse-lhe eu.

Deixei-o entregue a muita gente que fora socorrê-lo e saí pela porta da vila numa corrida a toda pressa e, antes que a noite viesse, cheguei em Torrijos. Não soube mais o que Deus fez dele e nem procurei saber.

90

95

Tratado Segundo

De como Lázaro se pôs a serviço de um clérigo e o que lhe aconteceu

Não me parecendo estar ali a salvo, no dia seguinte parti para um lugar chamado Maqueda, onde, para mal dos meus pecados, topei com um clérigo que, chegando eu a pedir-lhe esmola, perguntou-me se sabia ajudar à mis-

100

era verdad; que, aunque maltratado, mil cosas buenas me mostró el pecador del ciego, y una de ellas fue ésta. Finalmente, el clérigo me rescibió por suyo.

Escapé del trueno y di en el relámpago, porque era el ciego para con éste un Alejandro Magno, con ser la misma avaricia, como he contado. No digo más sino que toda la laceria del mundo estaba encerrada en éste; no sé si de su cosecha era o lo había anexado con el hábito de clerecía.

El tenía un arcaz viejo y cerrado con su llave, la cual traía atada con una agujeta del paletoque; y en viniendo el bodigo de la iglesia, por su mano era luego allí lanzado y tomada a cerrar el area. Y en toda la casa no había ninguna cosa de comer, como suele estar en otras algún tocino colgado al humero, algún queso puesto en alguna tabla o, en el armario algún canastillo con algunos pedazos de pan que de la mesa sobran; que me parece a mí que, aunque de ello no me aprovechara, con la vista de ello me consolara.

Solamente había una horca de cebollas, y tras la llave, en una cámara en lo alto de la casa. De éstas tenía yo de ración una para cada cuatro días, y cuando le pedía la llave para ir por ella, si alguno estaba presente, echaba mano al falsopecto y con gran continencia la desataba y me la daba, diciendo:

— Toma y vuélvela luego, y no hagáis sino golosinar.

Como si debajo de ella estuvieran todas las conservas de Valencia, con no haber en la dicha cámara, como dije, maldita la otra cosa que las cebollas colgadas de un clavo, las cuales él tenía tan bien por cuenta, que, si por malos de mis pecados me desmandara a más de mi tasa, me costara caro. Finalmente, yo me finaba de hambre.

Pues ya que conmigo tenía poca caridad, consigo usaba más. Cinco blancas de carne era su ordinario para comer y cenar. Verdad es que partía conmigo del caldo, que de la carne ¡ tan blanco el ojo!, sino un poco de pan, y ¡ pluguiera a Dios que me demediara!

Los sábados cómense en esta tierra cabezas de camero, y enviábame por una, que costaba tres maravedís. Aquélla le cocía, y comía los ojos y la lengua y el cogote y sesos y la carne que en las quijadas tenía; y dábame todos los huesos roídos, y dábamelos en el plato, diciendo;

— Toma, come, triunfa, que para ti es el mundo. ¡Mejor vida tienes que el Papa!

“Tal te la dé Dios”, decía yo paso entre mí.

A cabo de tres semanas que estuve con él vine a tanta flaqueza, que no me podía tener en las piernas de pura hambre. Vime claramente ir a la sepultura, si Dios y mi saber no me remediaran. Para usar de mis mañas no tenía aparejo, por no tener en qué dalle salto. Y aunque algo hubiera, no podía cegalle, como hacía al que Dios perdone (si de aquella calabazada feneció), que todavía, aunque astuto, con faltalle aquelpreciado sentido, no me sentía; mas este otro, ninguno hay que tan aguda vista tuviese como él tenía.

Cuando al ofertorio estábamos, ninguna blanca en la concha caía que no era de él registrada: el un ojo tenía en la gente y el otro en mis manos. Bai-

sa. Respondi que sim, e era verdade, pois embora me maltratasse, várias coisas boas o pecador do cego me ensinou, sendo essa uma delas. Finalmente, o clérigo recebeu-me como seu criado.

Escapei do trovão e dei com o relâmpago. Como contei, o cego era um Alexandre Magno, em comparação ao clérigo, apesar de ser a avareza em pessoa. Afirmando que ele guardava em si toda a mesquinhez do mundo, só não sei dizer se lhe era própria ou se lhe viera junto com o hábito de clérigo.

Possuía uma velha arca fechada à chave, a qual trazia amarrada a um cordão do capote. Mal chegava da igreja com o pão das oferendas, ele mesmo o guardava na arca, fechando-a novamente. Em toda a casa não havia nada para comer, como é costume em outras: algum toicinho pendurado na chaminé, algum queijo na prateleira ou no armário, um cesto qualquer com pedaços de pão sobrados da mesa. Parece que, mesmo que não me aproveitasse destas coisas, me consolaria só em vê-las.

Havia apenas uma réstia de cebolas, fechada à chave, num quarto que ficava no alto da casa. Delas, eu tinha como ração uma de quatro em quatro dias e, quando lhe pedia a chave para ir buscar a minha cebola, se alguém estava presente, ele metia a mão num bolso interior e, com solenidade, me entregava, dizendo:

— Tome e devolva-a depressa, e não pense só no seu deleite.

105

Como se aquela chave guardasse todas as conservas de Valência, quando não havia no tal quarto, como disse, maldita coisa que a réstia de cebolas pendurada num prego. Tinha-as bem contadas e, se por mal dos meus pecados, pegasse além da minha quota, eu pagaria caro. Assim sendo, eu morria de fome.

Usava comigo de pouca caridade, mas se tratava muito bem. Cinco brancas de carne era normalmente o que comia no almoço e na janta. Verdade seja dita, ele repartia o caldo comigo, porque da carne eu só sentia o cheiro; tocava-me um pedaço de pão e provesse a Deus que chegasse a matar a metade da minha fome!

Aos sábados, comem-se nessa terra cabeças de carneiro e ele mandava-me comprar uma, que custava três maravedis. Eu cozinhava-a e ele comia os olhos, a língua, o pescoço, os miolos e a carne das queixadas e dava-me todos os ossos roídos. Passava-me o prato, depois de comer, dizendo:

— Tome, coma, triunfe, que o mundo é seu. Você tem melhor vida que o Papa.

“Deus lhe dê o mesmo”, eu dizia para comigo.

110

Depois de três semanas com ele, fiquei em tal fraqueza, que não conseguia manter-me em pé, de tanta fome. Vi-me claramente a caminho da sepultura, se Deus e a minha sabedoria não me valessem. Não tinha como usar das minhas artimanhas, porque não havia nada para deitar mão. Mesmo que houvesse algo, não poderia enganá-lo, como eu fazia ao que Deus perdoe (se daquela cabeçada morreu), que, apesar de tudo, embora astuto, por faltar-lhe aquele precioso sentido, não me via. Mas em relação a este, não checi ninguém com melhor vista.

Quando estávamos no ofertório, nenhuma branca caía na bandeja das esmolas, que ele não contasse: ele tinha um olho nas pessoas e o outro nas mi-

lábanle los ojos en el casco como si fueran de azogue, cuantas blancas ofrecían tenía por cuenta, y, acabado el ofrecer, luego me quitaba la concheta y la ponía sobre el altar.

No era yo señor de asirle una blanca todo el tiempo que con él viví o, por mejor decir, morí. De la taberna nunca le traje una blanca de vino; mas aquel poco que de la ofrenda había metido en su arcas, compasaba de tal forma, que le turaba toda la semana. Y, por ocultar su gran mezquindad, decíame:

— Mira, mozo, los sacerdotes han de ser muy templados en su comer y beber, y por esto yo me desmando como otros.

Mas el lacerado mentía falsamente, porque en cofradías y mortuorios que rezamos, a costa ajena comía como lobo y bebía más que un saludador.

Y porque dije de mortuorios, Dios me perdone, que jamás fui enemigo de la naturaleza humana sino entonces; y esto era porque comíamos bien y me hartaban. Deseaba y aun rogaba a Dios que cada día matase el suyo. Y cuando dábamos sacramento a los enfermos, especialmente la extremaunción, como manda el clérigo rezar a los que están allí, yo cierto no era el posbrero de la oración, y con todo mi corazón y buena voluntad rogaba al Señor, no que la echase a la parte que más servido fuese, como se suele decir, mas que le llevase de aqueste mundo. Y cuando alguno de éstos escapaba (Dios me lo perdone), que mil veces le daba al diablo; y el que se moría otras tantas bendiciones llevaba de mí dichas. Porque en todo el tiempo que allí estuve, que sería cuasi seis meses, solas veinte personas fallecieron, y éstas bien creo que las maté yo, o, por mejor decir, murieron a mi recuesta; porque, viendo el Señor mi rabiosa y continua muerte, pienso que holgaba de matarlos por darme a mí vida. Mas de lo que al presente padecía, remedio no hallaba; que si el día que enterrábamos yo vivía los días que no había muerto, por quedar bien vezado de la hartura, tornando a mi cotidiana hambre, más lo sentía. De manera que en nada hallaba descanso, salvo en la muerte, que yo también para mí, como para los otros, deseaba algunas veces; mas no la vía, aunque estaba siempre en mí.

Pensé muchas veces irme de aquel mezquino amo, mas por dos cosas lo dejaba la primera, por no me atrever a mis piernas, por temer de la flaqueza que de pura hambre me venía; y la otra, consideraba y decía: “Yo he tenido dos amos: el primero traíame muerto de hambre, y, dejándole, topé con este otro, que me tiene ya con ella en la sepultura; pues si de éste desisto y doy en otro más bajo, qué será sino fenescer?” Con esto no me osaba menear, porque tenía por fe que todos los grados había de hallar más ruines. Y a abajar otro punto, no sonara Lázaro ni se oyera en el mundo.

Pues estando en tal aflicción, cual plega al Señor librar de ella a todo fiel cristiano, y sin saber darme consejo, viéndome ir de mal en peor, un día que el cuitado, ruin y lacerado de mi amo había ido fuera del lugar, llegóse

nhas mãos. Seus olhos dançavam nas órbitas como se fossem de azogue. Ia contando as brancas que ofereciam e, acabado o ofertório, logo retirava a bandeja de minhas mãos, colocando-a sobre o altar.

Não tive condições de pegar-lhe uma branca durante todo o tempo que com ele vivi ou, melhor dizendo, morri. Da taberna nunca lhe comprei uma branca de vinho; mas aquele pouco da oferenda, que havia guardado na arca, bebia-o compassadamente, de modo que lhe durava toda a semana. Para disfarçar sua grande mesquinhez, dizia-me:

— Olhe, rapaz, os sacerdotes devem ser comidos na comida e na bebida e, por esse motivo, não me excedo, como outros.

Mas o miserável mentia descaradamente, porque nas confrarias e nos enterros, onde íamos rezar, comia à custa dos outros como um lobo e bebia mais que um pau-d'água.

Já que falei de enterros, Deus me perdoe, jamais fui inimigo do gênero humano senão naquela época. Isto porque nessas oportunidades comíamos bem e eu me fartava. Desejava e até rogava a Deus que todos os dias matasse um. Quando ministrávamos os sacramentos aos doentes, principalmente a extrema unção, ao mandar o clérigo rezar a todos os presentes, por certo não era eu o último nas orações e, com todo o meu coração e boa vontade, rogava ao Senhor, não que o jogasse onde melhor lhe conviesse, como se costuma dizer, mas que o levasse deste mundo. Quando algum deles escapava (Deus que me perdoe), por mil vezes pedia que o diabo o carregasse. O que morria recebia de mim outras tantas bênçãos. Porque, durante todo o tempo em que ali estive, talvez seis meses, somente vinte pessoas morreram. Estas acredito firmemente que eu as matei ou, melhor dizendo, partiram por causa dos meus pedidos; porque, vendo o Senhor o meu perigo constante de morrer de fome, penso que aceitava matá-los para me salvar a vida. Mas não achava remédio para me livrar dos males que padecia, porque, se no dia em que enterrávamos alguém eu vivia, nos dias em que não morria ninguém, habituado à fartura, quando era obrigado a voltar à minha fome diária, mais eu sentia. De modo que em nada encontrava descanso, salvo na morte, que também para mim, como para os outros, desejava algumas vezes; mas não a via, embora sempre estivesse em mim.

Pensei muitas vezes em deixar aquele mesquinho amo, mas por dois motivos desistia da idéia: o primeiro, porque não confiava nas minhas pernas, com receio da fraqueza resultante da extrema fome que passava; e o outro, porque pensava e dizia: “Eu tive dois amos: o primeiro trazia-me morto de fome e, deixando-o, topei com este outro, que, de tanta fome que me faz passar, me encaminha à sepultura; pois, se desisto deste e dou com outro pior, que será de mim, senão morrer? Devido a isto, temia mexer-me, porque tinha por fé que só acharia situações piores. A descer mais um ponto, não soaria Lázaro mais, nem seria ouvido no mundo.

Assim, estando em tal aflição, que praza ao Senhor livrar dela todo cristão fiel e, sem saber aconselhar a mim mesmo, vendo-me ir de mal a pior, num dia em que o coitado, mim e miserável do meu amo tinha saído da aldeia, ba-

acaso a mi puerta un calderero, el cual yo creo que fue ángel enviado a mí por la mano de Dios en aquel hábito. Preguntóme si tenía algo que adobar. “En mi teniades bien qué hacer, y no haríades poco si me remediásedes”, dije paso, que no me oyó. Mas, como no era tiempo de gastarlo en decir gracias, alumbrado por el Espíritu Santo, le dije:

— Tío, una llave de este arcoz he perdido, y temo mi señor me azote. Por vuestra vida, veáis si en esas que traéis hay alguna que le haga, que yo os lo pagaré.

Comenzó a probar el angélico calderero una y otra de un gran sartal que de ellas traía, y yo [a] ayudalle con mis flacas oraciones. Cuando no me cato, veo en figura de panes, como dicen, la cara de Dios dentro del arca; y, abierto, díjele:

— Yo no tengo dineros que os dar por la llave, mas tomad de ahí el pago.

Él tomó un bodigo de aquéllos, el que mejor le pareció, y, dándome mi llave, se fue muy contento, dejándome más a mí.

Mas no toqué en nada por el presente, por que no fuese la falta sentida; y aun, porque me vi de tanto bien señor, parecióme que la hambre no se me osaba allegar. Vino el mísero de mi amo, y quiso Dios no miró en la oblada que el ángel había llevado.

Y otro día, en saliendo de casa, abro mi paraíso panal y tomo entre las manos y dientes un bodigo, y en dos credos le hice invisible, no se me olvidando el arca abierta. Y comienzo a barrer la casa con mucha alegría, pareciéndome con aquel remedio remediar dende en adelante la triste vida.

Y así estuve con ello aquel día y otro gozoso; mas no estaba en mi dicha que me durase mucho aquel descanso, porque luego al tercero día me vino la terciana derecha.

Y fue que veo a deshora al que me mataba de hambre sobre nuestro arca, volviendo y revolviendo, contando y tornando a contar los panes. Yo disimulaba, y en mi secreta oración y devociones y plegarias decía: “San Juan, y ciégale!”

Después que estuvo un gran rato echando la cuenta, por días y dedos contando, dijo:

— Si no tuviera a tan buen recaudo esta arca, yo dijera que me habían tomado de ella panes; pero de hoy más, sólo por cerrar la puerta a la sospecha, quiero tener buena cuenta con ellos: nueve quedan y un pedazo.

¡“Nuevas malas te dé Dios!” — dije yo entre mí.

Parecióme con lo que dijo pasarme el corazón con saeta de montero, y comencóme el estómago a escarbar de hambre, viéndose puesto en la dieta pasada. Fue fuera de casa. Yo, por consolarme, abro el arca, y como vi el pan, comencélo de adorar, no osando rescebillo. Contélos, si a dicha el lacerado se errara, y hallé su cuenta más verdadera que yo quisiera. Lo más que yo pude hacer fue dar en ellos mil besos, y, lo más delicado que yo pude, del partido partí un poco al pelo que él estaba, y con aquél pasé aquel día, no tan alegre como el pasado.

120

125

130

leu, por acaso, à minha porta um caldeireiro, o qual eu creio que foi um anjo enviado a mim por ordem de Deus, sob aquele disfarce. Perguntou-me se havia alguma coisa para consertar. “Em mim teria muito o que fazer e não faria pouco se me remediasse”, disse tão baixinho, que não me ouviu. Mas como o momento não era para brincadeira, iluminado pelo Espírito Santo, respondi-lhe:

— Tio, perdi uma chave desta arca e tenho medo de que o amo me açoite. Pela sua vida, veja se nessas chaves que o senhor traz aí há alguma que sirva, que eu lhe pagarei.

O caldeireiro enviado pelos céus começou a experimentar, uma após outra, as chaves de um grande molho que trazia, enquanto eu o ajudava com minhas pobres orações. Quando menos esperava, vejo em figura de pães, como se costuma dizer, a cara de Deus dentro da arca; e, aberta, disse-lhe:

— Eu não tenho dinheiro para lhe pagar a chave, mas leve daí o que quiser como pagamento.

Ele tirou um dos pães, o que mais lhe agradou e, entregando-me a chave, retirou-se todo contente, deixando-me mais contente ainda.

Naquele dia, eu não toquei em nada, para que a falta não fosse notada; e também porque, vendo-me senhor de tanta fartura, nem fome senti. O miserável do meu amo voltou e, graças a Deus, não percebeu a falta do pão que o anjo tinha levado.

No dia seguinte, assim que ele saiu de casa, abri o meu paraíso panai, peguei com unhas e dentes um pão, despachei-o em dois credos, não esquecendo de fechar a arca. Muito alegre, comecei a varrer a casa, parecendo-me que, com aquele remédio, remediaría dali em diante a minha desventurada vida.

Assim, com o remédio passei feliz aquele dia e o seguinte também; mas não estava em minha sorte que durasse muito aquele descanso, porque no terceiro dia acabou-se a minha boa vida. Eis que, inesperadamente, vi aquele que me matava de fome debruçado sobre a nossa arca, mexendo e remexendo, contando e recontando os pães. Eu disfarçava e, em silenciosa oração e devoções e súplicas, rogava: “São João, cegue-o!”

Depois de ficar longo tempo fazendo a conta dos dias nos dedos, concluiu:

— Se não acreditasse na segurança desta arca, pensaria que haviam tirado pães daqui, mas, mande hoje em diante, pelo sim pelo não, vou trazê-los bem contados: ficam nove e um pedaço.

“Novas pragas mande Deus para você!” — disse, entre os dentes.

Com aquilo, pareceu-me que uma flecha envenenada atravessava o meu coração e o meu estômago começou a se impacientar devido à fome, sentindo que a dieta passada ia recomeçar. Ele saiu de casa. Para meu consolo, abri a arca e, olhando para o pão, comecei a adorá-lo, sem me atrever a recebê-lo. Conteí todos, na esperança de o miserável ter-se enganado. Achei a conta mais certa do que queria. O mais que pude fazer foi dar neles mil beijos e, com muito cuidado, tirei um pedaço do pão partido, observando a direção do corte. Com aquilo passei todo o dia, não tão alegre como antes.

120

125

130

Mas como la hambre creciese, mayormente que tenía el estómago hecho a más pan aquellos dos o tres días ya dichos, moría mala muerte; tanto, que otra cosa no hacía, en viéndome solo, sino abrir y cerrar el arca y contemplar en aquella cara de Dios, que así dicen los niños. Mas el mismo Dios que socorre a los afligidos, viéndome en tal estrecho, trujo a mi memoria un pequeño remedio; que, considerando entre mí, dije: “Este arquetón es viejo y grande y roto por algunas partes, aunque pequeños agujeros. Púedese pensar que ratones, entrando en él, hacen daño a este pan. Sacarlo entero no es cosa conveniente, porque verá la falta el que en tanta me hace vivir. Esto bien se sufre”.

Y comienzo a desmigajar el pan sobre unos no muy costosos manteles que allí estaba, y tomo uno y dejo otro, de manera que en cada cual de tres o cuatro desmigajé su poco. Después, como quien toma gragea, lo comí y algo me consolé. Mas él, como viniese a comer y abriese el arca, vio el mal pesar, y sin duda creyó ser ratones los que el daño habían hecho, porque estaba muy al propio contrahecho de como ellos lo suelen hacer. Miró todo el arcaz de un cabo a otro y vio ciertos agujeros por do sospechaba habían entrado. Llamóme, diciendo:

— Lázaro! ¡ Mira, mira qué persecución ha venido aquesta noche por nuestro pan!

Y o híceme muy maravillado, preguntándole qué sería.

—¡ Qué ha de ser! —dijo él—. Ratones, que no dejan cosa a vida.

Pusímonos a comer, y quiso Dios que aun en esto me fue bien, que me cupo más pan que la laceria que me solía dar. Porque rayó con un cuchillo todo lo que pensó ser ratonado, diciendo:

— Cómete eso, que el ratón cosa limpia es.

Y así, aquel día, añadiendo la ración del trabajo de mis manos (o de mis uñas, por mejor decir), acabamos de comer, aunque yo nunca empezaba.

Y luego me vino otro sobresalto, que fue verle andar solícito quitando clavos de las paredes y buscando tablillas, con las cuales clavó y cerró todos los agujeros de la vieja arca.

“Oh Señor mío -dije yo entonces-, a cuánta miseria y fortuna y desastres estamos puestos los nascidos y cuán poco turan los placeres de esta nuestra trabajosa vida! Heme aquí que pensaba con este pobre y triste remedio remediar y pasar mi laceria y estaba ya cuanto que alegre y de buena ventura.

Mas no quiso mi desdicha, despertando a este lacerado de mi amo y poniéndole más diligencia de la que él de suyo se tenía (pues los míseros, por la mayor parte, nunca de aquélla carecen), agora, cerrando los agujeros del arca, cerrase la puerta a mi consuelo y la abriese a mis trabajos”.

Así lamentaba yo, en tanto que mi solícito carpintero, con muchos clavos y tablillas, dio fin a sus obras, diciendo:

—Agora, donos traidores ratones, conviéneos mudar propósito, que en esta casa mala medra tenéis.

135

140

Mas como a fome aumentasse, principalmente porque o meu estômago estava habituado, naqueles dois ou três dias já referidos, a receber mais, eu morria de dor; tanto que, quando ficava sozinho, não fazia outra coisa a não ser abrir e fechar a arca e nela contemplar a cara de Deus, conforme dizem as crianças. Mas o mesmo Deus, que socorre os aflitos, vendo-me em tal sofrimento, trouxe-me à memória um pequeno remédio, porque, considerando, disse para mim: “Esta arca é velha, grande e furada em algumas partes, com pequenos buracos. Pode-se pensar que ratos entrem nela e roam o pão. Tirar um inteiro não convém, porque dará pela falta quem com tanta falta me faz viver. Isto eu posso suportar”.

Comecei a esmigalhar o pão sobre uma toalha toda ruim, ali posta. Peguei um e deixei outro, de modo que a cada um de três ou quatro esfarelei um pouco. Depois, como quem toma drágea, comi as migalhas um pouco consolado. Mas ele, como viesse jantar, abriu a arca, percebeu o estrago e, sem dúvida alguma, acreditou ser obra de ratos, porque o trabalho estava tão bemfeito como só os ratos sabem fazer. Olhou a arca de ponta a ponta e viu alguns buracos, por onde desconfiou que tinham entrado. Chamou-me, dizendo:

— Lázaro! Olhe, olhe, que maldade fizeram esta noite com nosso pão!

Fingi-me muito admirado, perguntando-lhe quem teria feito aquilo.

— Quem haveria de ser! — disse ele —. Os ratos, que não deixam escapar nada.

Pusemo-nos a comer, e graças a Deus que dessa me saí bem; porque me coube mais pão do que a miséria que me costumava dar. Ele cortou com uma faca toda a parte que pensou ter sido roída pelos ratos, dizendo:

— Coma isso, que o rato é bicho limpo.

Assim, naquele dia, aumentada a ração pelo trabalho das minhas mãos ou, mais precisamente, pelo das minhas unhas, acabamos de comer, embora eu nunca começasse.

Logo fiquei novamente espantado, porque o vi andar preocupado, arrancando pregos das paredes e providenciando pedaços de madeira, com os quais pregou e tapou todos os buracos da velha arca.

“Oh, meu Senhor—disse eu então —, a quanta miséria, desgraça e desastres estamos expostos nós, os vivos! Como são passageiros os prazeres de nossa complicada vida! Eis-me nisto, eu que pensava com este pobre e triste remédio remediar e vencer a minha miséria, considerando-me já tão alegre e feliz! Mas a sorte não quis que fosse assim e, despertando o miserável do meu amo, colocou nele mais cuidado, além do que tinha normalmente; digo isto porque os miseráveis, em sua maioria, são sempre cuidadosos. Ao fechar os buracos da arca, fechava-se a porta do meu consolo e abria-se a dos meus trabalhos”.

Assim me lamentava, enquanto o meu solícito carpinteiro, com muitos pregos e pedaços de madeira, terminou a sua obra, exclamando:

— Agora, senhores ratos traidores, convém mudar de tática, porque nesta casa pouco vão aproveitar.

135

140

De que salió de su casa, voy a ver la obra, y hallé que no dejó en la triste vieja arca agujero ni aun por donde le pudiese entrar un mosquito. Abro con mi desaprovechada llave, sin esperanza de sacar provecho, y vi los dos o tres panes comenzados, los que mi amo creyó ser ratonados, y de ellos todavía saqué alguna laceria, tocándolos muy ligeramente, a uso de esgremidor diestro. Como la necesidad sea tan gran maestra, viéndome con tanta siempre, noche y día estaba pensando la manera que temía en sustentar el vivir. Y pienso, para hallar estos negros remedios, que me era luz la hambre, pues dicen que el ingenio con ella se avisa, y al contrario con la hartura, y así era por cierto en mí.

Pues estando una noche desvelado en este pensamiento, pensando cómo me podría valer y aprovecharme del arca, sentí que mi amo dormía, porque lo mostraba con roncar y en unos resoplidos grandes que daba cuando estaba durmiendo. Levantéme muy quedito y, habiendo en el día pensado lo que había de hacer y dejado un cuchillo viejo que por allí andaba en parte do le hallase, voyme al triste arca, y por do había mirado tener menos defensa le acometí con el cuchillo, que a manera de barreno de él usé. Y como la antiquísima arca, por ser de tantos años, la hallase sin fuerza y corazón, antes muy blanda y carcomida, luego se me rindió y consistió en su costado, por mi remedio, un buen agujero. Esto hecho, abro muy paso la llagada arca, y, al tiento, del pan que hallé partido hice según de yuso está escrito. Y con aquello algún tanto consolado, tomando a cerrar, me volví a mis pajas, en las cuales reposé y dormí un poco. Lo cual yo hacía mal, echábalo al no comer; y ansí sería, porque cierto en aquel tiempo no me debían de quitar el sueño los cuidados del rey de Francia.

Otro día fue por el señor mi amo visto el daño, así del pan como del agujero que yo había hecho, y comenzó a dar a los diablos los ratones y decir:

145

— Qué diremos a esto? ¡Nunca haber sentido ratones en esta casa sino agora!

Y sin duda debía de decir verdad. Porque si casa había de haber en el reino justamente de ellos privilegiada, aquélla, de razón, había de ser, porque no suelen morar donde no hay qué comer. Toma a buscar clavos por la casa y por las paredes, y tablillas a atapárselos. Venida la noche y su reposo, luego era yo puesto en pie con mi aparejo, y cuantos él tapaba de día destapaba yo de noche.

En tal manera fue y tal priesa nos dimos, que sin duda por esto se debió decir: “Donde una puerta se cierra, otra se abre”, finalmente, parecíamos tener a destajo la tela de Penélope, pues cuanto él tejía de día rompía yo de noche, ca en pocos días y noches pusimos la pobre despensa de tal forma, que quien quisiera propiamente de ella hablar, más corazas viejas de otro tiempo que no arca la llamara, según la clavazón y tachuelos sobre sí tenía.

De que vio no le aprovechar nada su remedio, dijo:

— Este arca está tan maltratado y es de madera tan vieja y flaca, que no habrá ratón a quien se defienda; y va ya tal, que, si andamos más con él, nos dejará sin guarda. Y aun lo peor, que, aunque hace poca, todavía hará fal-

150

Quando saiu de casa, fui ver a obra. Percebi que não deixou na triste e velha arca um buraco por onde pudesse entrar um mosquito. Abri-a com a minha chave, agora inútil, sem a esperança de tirar proveito. Vi os dois ou três pães meio comidos, os que meu amo pensou terem sido roídos pelos ratos, e deles ainda tirei alguma coisa, tocando-os levemente, como fazem os bons esgrimistas. Sendo a necessidade a grande mestra e vendo-me eu sempre com tanta, pensava, dia e noite, numa maneira de me sustentar. Penso que, para achar estes tristes remédios, a fome me inspirava, porque dizem que ela aguçava a inteligência, ao contrário do que se verifica com a fartura, e assim, por certo, acontecia comigo.

Ora, estando uma noite acordado com esta idéia, pensando em como poderia valer-me e aproveitar-me da arca, observei que o meu amo dormia, porque roncava e soprava quando dormia. Levantei-me sem fazer o mínimo barulho e, como durante o dia tinha pensado no que havia de fazer e deixado uma faca velha, que por ali havia, em lugar onde achá-la, fui-me à arca e, verificando por onde era mais vulnerável, ataquei-a à faca, usando esta como se fosse broca. Como a antiquíssima arca, por ter muitos anos, estivesse sem força e coração, mais ainda, sem resistência e carcomida, entregou-se facilmente, consentindo-me fazer para meu remédio, num dos lados, um bom buraco. Feito isto, abri devagarinho a chagada arca e, apalpando, fiz no pão partido o mesmo que já disse antes. Um tanto reconfortado, tomei a fechar a arca e voltei às minhas palhas, onde repousei e dormi um pouco. Porém, eu dormia mal e atribuía a culpa à falta de comida. Acreditava mesmo, porque, naquela época, não eram certamente as preocupações do rei de França que iam me fazer perder o sono.

No dia seguinte, o senhor meu amo, dando com o estrago, tanto no pão como no buraco que eu tinha feito, começou a amaldiçoar os ratos e a dizer:

— Mas que diabo é isto? Nunca vi ratos nesta casa a não ser agora!

Certamente falava a verdade. Porque, se havia casa no reino, que justamente estaria livre deles, com razão havia de ser aquela, pois eles não vivem onde não existe o que comer. Novamente procurou pregos em toda a casa e nas paredes, e pedaços de madeira para tapar os buracos. Quando a noite chegava e a hora de dormir, logo eu me punha de pé com as minhas ferramentas. Quantos buracos ele tapava de dia, eu destapava de noite.

Tudo acontecia com tal rapidez, que poderíamos dizer: “Onde uma porta se fecha, outra se abre”. Finalmente, parecíamos ter a tela de Penélope por empreitada, pois, o que ele tecia de dia, eu desmanchava de noite. Em poucos dias e noites, botamos a pobre despensa em tal estado que, para falar dela com propriedade, não podia chamar-se arca, mas uma velha couraça de outros tempos, tamanha a quantidade de pregos e tachas.

Quando viu que de nada lhe servira o recurso, disse:

— Esta arca está tão maltratada e a madeira tão velha e podre, que não oferece resistência a nenhum rato. De modo que, se continuarmos assim, logo não prestará para nada. O pior é que, embora pouco resolvesse, ainda faria

145

150

ta faltando y me pondrá en costa de tres o cuatro reales. El mejor remedio que hallo, pues el de hasta aquí no aprovecha: armaré por de dentro a estos ratones malditos.

Luego buscó prestada una ratonera, y, con cortezas de queso que a los vecinos pedía, contino el gato estaba armado dentro del arca. Lo cual era para mí singular auxilio, porque, puesto caso que yo no había menester muchas salsas para comer, todavía me holgaba con las cortezas del queso que de la ratonera sacaba, y, sin esto, no perdonaba el ratonar del bodigo.

Como hallase el pan ratonado y el queso comido y no cayese el ratón que la comía, dábase al diablo, preguntaba a los vecinos qué podría ser comer el queso y sacarlo de la ratonera y no caer ni quedar dentro el ratón y hallar caída la trampilla del gato. Acordaron los vecinos no ser el ratón el que este daño hacía, porque no fuera menos de haber caído alguna vez. Díjole un vecino:

— En vuestra casa yo me acuerdo que solía andar una culebra, y ésta debe de ser, sin duda. Y lleva razón, que, como es larga, tiene lugar de tomar el cebo, y aunque la coja la trampilla en cima, como no entre toda dentro, tór-nase a salir.

Cuadró a todos lo que aquél dijo y alteró mucho a mi amo, y dende en adelante no dormía tan a sueño suelto, que cualquier gusano de la madera que de noche sonase pensaba ser la culebra que le roía el arca. Luego era puesto en pie, y con un garrote que a la cabecera, desde que aquello le dijeron, ponía, daba en la pecadora del arca grandes garrotazos, pensando espantar la culebra. a los vecinos despertaba con el estruendo que hacía y a mí no dejaba dormir. Ibase a mis pajas y trastornábalas, y a mí con ellas, pensando que se iba para mí y se envolvía en mis pajas o en mi sayo; porque le decían que de noche acaecía a estos animales, buscando calor, irse a las cunas donde están criaturas y aun mordellas y hacerles peligrar.

Yo las más veces hacía del dormido, y en la mañana decíame él:

— Esta noche, mozo, no sentiste nada? Pues tras la culebra anduve, y aun pienso se ha de ir para ti a la cama, que son muy frías y buscan calor.

— Plega a Dios que no me muerda — decía yo —, que harto miedo le tengo.

De esta manera andaba tan elevado y levantado del sueño, que, mi fe, la culebra (o culebro, por mejor decir) no osaba roer de noche ni levantarse al arca; mas de día, mientras estaba en la iglesia o por el lugar, hacía mis saltos.

Los cuales daños viendo él, y el poco remedio que les podía poner, andaba de noche, como digo, hecho trasgo.

Yo hube miedo que con aquellas diligencias no me topase con la llave, que debajo de las pajas tenía, y parescióme lo más seguro metella de noche en la boca. Porque ya, desde que viví con el ciego, la tenía tan hecha bolsa, que me acaesció tener en ella doce o quince maravedís, todo en medias blancas, sin que me estorbasen el comer, porque, de otra manera, no era señor de una

falta faltando e me obrigaria a uma despesa de três ou quatro reais. O melhor remédio que encontro para o caso, pois até agora nada consegui, é armar uma ratoeira lá dentro para estes malditos ratos.

Logo consegui uma ratoeira emprestada e, com cascas de queijo, que pedia aos vizinhos, constantemente armava o gato dentro da arca. Isto era de extraordinário proveito para mim, porque, embora eu não precisasse de muitos temperos para comer, regalava-me com as cascas de queijo que eu retirava da ratoeira, sem que com isto perdoasse o pão.

Como achasse o pão roído e o queijo comido e não caísse o rato que o comia, dava-se ao diabo. Perguntava aos vizinhos como é que podia o rato comer o queijo e tirá-lo da ratoeira, sem nela cair e ficar preso, e encontrar-se a armadilha desarmada. Concordaram os vizinhos em que não eram ratos os que causavam aquele estrago, porque, pelo menos uma vez, um ficaria preso. Disse-lhe um vizinho:

— Em sua casa eu me lembro que costumava andar uma cobra e, sem dúvida, deve ser ela. E se explica, pois, como é comprida, pode pegar a isca e, mesmo que a ratoeira a apanhe, não consegue prendê-la, podendo ela sair.

Todos aceitaram bem o que aquele vizinho disse. Meu amo ficou muito alterado, não dormindo mais a sono solto, porque qualquer caruncho da madeira, que fizesse barulho de noite, ele pensava que era a cobra que estava roendo a arca. Logo pulava da cama e, armado com um porrete que deixava à cabeceira, desde que aquilo lhe disseram, batia na pecadora da arca com muita força, pensando que afugentava a cobra. Acordava os vizinhos com o barulho que fazia e não me deixava dormir. Ia às minhas palhas e remexia-as todas, e a mim também, pensando que ela ia aonde eu estava e enrolava-se em minhas palhas ou em minhas roupas; porque lhe diziam que à noite estes animais, em busca de calor, costumam se meter nos berços das crianças, e até as mordem e são perigosos.

Eu, na maioria das vezes, fingia que dormia e de manhã ele me dizia:

— Esta noite, rapaz, não ouviu nada? Pois andei à procura da cobra e ainda penso que ela vai a sua cama, porque as cobras são muito frias e procuram calor.

— Praza a Deus que não me morda — dizia eu —, porque tenho muito medo.

Por esse motivo, ele andava tão tenso e com o sono tão leve que, por minha fé, a cobra (ou cobraão, melhor dito) não ousava roer nada de noite, nem tocar na arca; mas durante o dia, enquanto ele estava na igreja ou pelo pátio, realizava meus assaltos. Ele, vendo os prejuízos e procurando evitá-los, andava de noite, como disse, como um fantasma.

Tive medo de que, com aquelas providências, ele desse com a chave que eu tinha escondida debaixo das palhas. Pareceu-me mais seguro metê-la na boca durante a noite. Porque, desde o tempo em que vivera com o cego, tinha-a feito bolsa, de tal maneira que me aconteceu esconder nela doze ou quinze maravedis, todos em meias brancas, sem que me atrapalhassem para comer, pois, de outra ma-

blanca que el maldito ciego no cayese con ella, no dejando costura ni remiendo que no me buscaba muy a menudo.

Pues, así como digo, metía cada noche la llave en la boca y dormía sin recelo que el brujo de mi amo cayese con ella: mas cuando la desdicha ha de venir, por demás es diligencia. Quisieron mis hados (o, por mejor decir, mis pecados) que, una noche que estaba durmiendo, la llave se me puso en la boca, que abierta debía tener, de tal manera y postura, que el aire y resoplo que yo durmiendo echaba salía por lo hueco de la llave, que de cañuto era, y silbaba, según mi desastre quiso, muy recio, de tal manera que el sobresaltado de mi amo lo oyó y creyó sin duda ser el silbo de la culebra, y cierto lo debía parecer.

Levantóse muy paso con su garrote en la mano y, al tiento y sonido de la culebra, se llegó a mí con mucha quietud, por no ser sentido de la culebra. Y como cerca se vio, pensó que allí, en las pajas do yo estaba echado, al calor mío se había venido. Levantando bien el palo, pensando tenerla debajo y darle tal garrotazo que la matase, con toda su fuerza me descargó en la cabeza un tan gran golpe, que sin ningún sentido y muy mal descalabrado me dejó.

Como sintió que me había dado, según yo debía hacer gran sentimiento con el fiero golpe, contaba él que se había llegado a mí y, dándome grandes voces, llamándome, procuró recordarme. Mas, como me tocase con las manos, tentó la mucha sangre que se me iba y conoció el daño que me había hecho. Y con mucha priesa fue a buscar lumbre, y, llegando con ella, hallóme quejando, todavía con mi llave en la boca, que nunca la desamparé, la mitad fuera, bien de aquella manera que debía estar al tiempo que silbaba con ella.

Espantando el matador de culebras que podía ser aquella llave, miróla, sacándomela del todo de la boca, y vio lo que era, porque en las guardas nada de la suya diferenciaba. Fue luego a proballa, y con ella probó el maleficio.

Debió de decir el cruel cazador: “El ratón y culebra que me daban guerra y me comían mi hacienda he hallado”.

De lo que sucedió en aquellos tres días siguientes ninguna fe daré, porque los tuve en el vientre de la ballena, mas de cómo esto que he contado oí, después que en mí torné, decir a mi amo, el cual a cuantos allí venían lo contaba por extenso.

A cabo de tres días yo torné en mi sentido y vime echado en mis pajas, la cabeza toda emplastada y llena de aceites y unguentos, y, espantado, dije:

—¿ Qué es esto?

Respondióme el cruel sacerdote:

— A fe que los ratones y culebras que me destruían ya los he cazado.

Y miré por mí, y vime tan maltratado, que luego sospeché mi mal.

A esta hora entró una vieja que ensalmaba, y los vecinos; y comienzanme a quitar trapos de la cabeza y curar el garrotazo. Y como me hallaron vuelto en mi sentido, holgáronse mucho y dijeron:

160

165

170

neira, não era dono de uma branca sem que o cego desse por ela, que não havia costura nem remendo na minha roupa onde ele não procurasse com frequência.

Pois, como eu disse, metia todas as noites a chave na boca. Dormia, sem receio de que o bruxo do meu amo desse com ela; mas, quando a desgraça tem que acontecer, de nada servem as cautelas. Quis minha triste sina (ou melhor dizendo, os meus pecados) que numa noite, em que talvez eu dormisse com a boca aberta, a chave se pusesse entre os meus lábios e tomasse tal posição que, o ar da minha respiração, entrando pelo canudo dela, produzia um assobio, para minha má sorte, com tanta força, que o meu amo, sobressaltado, ouviu e pensou que era o silvo da cobra, que, por certo, devia ser parecido.

Levantou-se pé ante pé, com seu porrete na mão, apalpando e guiando-se pelo barulho da cobra. Aproximou-se de mim em absoluto silêncio, para não ser notado pela cobra. Quando estava perto, julgou que ali, entre as palhas onde eu estava deitado, ela tinha vindo em busca do meu calor. Levantando bem alto o porrete, pensando tê-la ao alcance e dar-lhe tal paulada que a matasse, com toda a sua força me descarregou na cabeça um grande golpe, que me deixou sem sentidos e todo escalavrado.

Quando percebeu que tinha me atingido, porque eu devia demonstrar muita dor por causa da violenta paulada, contava ele que se aproximara e, chamando-me em voz alta, procurava me despertar. Mas, ao tocar-me com as mãos, sentiu a grande quantidade de sangue que eu perdia e viu, então, o dano que tinha me causado. Com muita pressa foi buscar luz e, ao voltar, encontrou-me chorando, ainda com a metade de chave dentro, pois nunca dela me separei, e a outra metade fora da boca, na mesma posição em que devia estar quando assobiava.

Surpreso, o matador de cobras, perguntando a si próprio que chave seria aquela, olhou-a e, tirando-a da minha boca, percebeu o que era, porque os dentes daquela chave não eram diferentes dos da sua. Foi logo experimentá-la na arca e descobriu a safadeza. O cruel caçador deve ter dito: “Achei o rato e a cobra que me guerreavam e devoravam os meus bens”.

Do que aconteceu nos três dias que se seguiram não darei nenhuma notícia, porque os passei no ventre da baleia, mas sim de como, quando voltei a mim, ouvi do meu amo isto que narrei, já que ele o contava em detalhes a todos os que ali vinham.

Depois do terceiro dia, recuperei totalmente os sentidos e me encontrei deitado nas minhas palhas, com a cabeça toda enfaixada e cheia de óleos e unguentos, e perguntei muito espantado:

— Que aconteceu?

O cruel sacerdote me respondeu:

— Finalmente apanhei os ratos e a cobra que me destruíam.

Olhei para mim e me achei tão maltratado, que logo suspeitei o que tinha me acontecido.

A esta altura entrou uma velha que curava com rezas, seguida de alguns vizinhos, e começaram a tirar os trapos da minha cabeça e a curar a ferida. Quando viram que eu tinha voltado aos sentidos, ficaram contentes e disseram:

160

165

170

— Pues ha tomado en su acuerdo, placera a Dios no sera nada.

Ahi tornaron de nuevo a contar mis cuitas y a reirlas, y yo, pecador, a llorarlas. Con todo esto, diéronme de comer, que estaba transido de hambre, y apenas me pudieron demediar. Y asi, de poco en poco, a los quince dias me levante y estuve sin peligro (mas no sin hambre) y medio sano.

Luego otro dia que fui levantado, el seior mi amo me tomo por la mano y sacome la puerta fuera; y, puesto en la calle, djome:

— Lazaro, de hoy mas eres tuyo y no mio. Busca amo y vete con Dios, que yo no quiero en mi compania tan diligente servidor. No es posible sino que hayas sido mozo de ciego.

Y santiguandose de mi, como si yo estuviera endemoniado, tomase a meter en casa y cierra su puerta.

175

Tratado Tercero

Cómo Lázaro se asentó con un escudero, y de lo que le acaesció con él

De esta manera me fue forzado sacar fuerzas de flaqueza, y poco a poco, ayuda de las buenas gentes, di comigo en esta insigne ciudad de Toledo, adonde, con la merced de Dios, donde a quince dias se me cerró la herida. Y

mientras estaba malo, siempre me daban alguna limosna; mas, después que estuve sano, todos me decían:

— Tú, bellaco y gallofero eres. Busca, busca un amo a quien sirvas.

— Y adonde se hallará ése —decía yo entre mí—, si Dios agora de nuevo, como crio el mundo, no le criase?

Andando así discurriendo de puerta en puerta, con harto poco remedio, porque ya la caridad se subió al cielo, topóme Dios con un escudero que iba por la calle con razonable vestido, bien peinado, su paso y compás en orden. Miróme, y yo a él, y djome:

— Mochacho, buscas amo?

Yo le dije:

— Sí, señor.

— Pues vente tras mí —me respondió—, que Dios te ha hecho merced en topar comigo; alguna buena oración rezaste hoy.

Y seguile, dando gracias a Dios por lo que le oí, y también que me parescía, según su hábito y continente, ser el que yo había menester.

Era de mañana cuando este mi tercero amo topé, y llevóme tras sí gran parte de la ciudad. Pasábamos por las plazas do se vendía pan y otras provisiones. Yo pensaba, y aun deseaba, que allí me quería cargar de lo que se vendía, porque ésta era propia hora cuando se suele proveer de lo necesario; mas muy a tendido paso pasaba por estas cosas. “Por ventura no lo vee aquí a su contento —decía yo—, y querrá que lo compremos en otro cabo.”

De esta manera anduvimos hasta que dio las once. Entonces se entró en

180

185

— Pois voltou a si, tomara Deus que não seja nada.

Tornaram a contar as minhas dores e a rir delas e eu, pecador, a chorá-las. Com tudo isto, deram-me de comer apenas o necessário, porque eu estava transido de fome. Assim, pouco a pouco, depois de quinze dias, levantei e fiquei fora de perigo (mas não sem fome) e meio curado.

No dia seguinte, o senhor meu amo pegou-me por um braço e pôs-me fora da casa e, quando eu já estava na rua, disse-me:

— Lázaro, de hoje em diante você está livre de mim. Procure outro amo e vá com Deus, que eu não quero mais em minha companhia tão diligente criado. Não é possível que não tenha sido outra coisa que guia de cego.

E, benzendo-se de mim, como se eu estivesse com o diabo no corpo, entrou e fechou a porta na minha cara.

175

Tratado Terceiro

De como Lázaro se pôs a serviço de um escudeiro e o que lhe aconteceu

Desta maneira, fui obrigado a tirar forças da minha fraqueza e, pouco a pouco, com a ajuda de pessoas bondosas, encontrei-me na cidade de Toledo, onde, com a graça de Deus, passando quinze dias fechou minha ferida. Enquanto

estive doente, sempre me davam alguma esmola, mas, depois que fiquei bom, todos me diziam:

— Você é um velhaco e preguiçoso. Procure, procure um amo para servir.

— Onde estará ele — perguntava-me eu —, se Deus não o fizer agora do nada, como fez o mundo?

Andando eu assim, de porta em porta, com muito pouco resultado, porque a caridade já voou ao céu, fez-me Deus topar com um escudeiro que ia pela rua com razoável trajar, bem penteado, com passo vagaroso e compassado. Olhou-me, e eu a ele, e disse-me:

— Rapaz, procura amo?

Eu disse-lhe:

— Sim, senhor.

— Pois siga-me — respondeu-me —, que Deus lhe concedeu o favor de me encontrar; hoje rezou alguma boa oração.

Segui-o, dando graças a Deus pelo que ouvi, e também porque me pareceu, por sua roupa e pela aparência, ser aquele de quem eu precisava.

Era de manhã, quando encontrei este meu terceiro amo. Levou-me atrás de si por grande parte da cidade. Passávamos pelas praças onde se vendiam pão e outras provisões. Eu pensava e ainda desejava que ele quisesse me carregar com o que ali se vendia, porque aquela era a hora adequada em que se costuma prover do necessário; mas passava com longos passos por todas essas coisas. “Porventura, não vê aqui nada que lhe agrade — dizia eu — e quererá fazer as compras noutra parte?”.

Deste modo, andamos até que bateram as onze. Então entrou na cate-

180

la iglesia mayor, y yo tras él, y muy devotamente le vi oír misa y los otros oficios divinos, hasta que todo fue acabado y la gente ida. Entonces salimos de la iglesia.

A buen paso tendido comenzamos a ir por una calle abajo. Yo iba el más alegre del mundo en ver que no nos habíamos ocupado en buscar de comer. Bien consideré que debía ser hombre mi nuevo amo que se proveía en junto, y que ya la comida estaría a punto y tal como yo la deseaba y aun la había menester.

En este tiempo dio el reloj la una después de mediodía, y llegamos a una casa ante la cual mi amo se paró, y yo con él, y, derribando el cabo de la capa sobre el lado izquierdo, sacó una llave de la manga y abrió su puerta y entramos en casa. La cual tenía la entrada oscura y lóbrega de tal manera, que parece que ponía temor a los que en ella entraban, aunque dentro de ella estaba un patio pequeño y razonables cámaras.

Desque fuimos entrados, quita de sobre sí su capa, y, preguntando si tenía las manos limpias, la sacudimos y doblamos, y, muy limpiamente soplando un poyo que allí estaba, la puso en él. Y hecho esto, sentóse cabo de ella, preguntándome muy por extenso de dónde era y cómo había venido a aquella ciudad. Y yo le di más larga cuenta que quisiera, porque me parecía más conveniente hora de mandar poner la mesa y escudillar la olla que de lo que me pedía. Con todo eso, yo le satisfacé de mi persona lo mejor que mentir supe, diciendo mis bienes y callando lo demás, porque me parecía no ser para en cámara.

Esto hecho, estuvo ansí un poco, y yo luego vi mala señal, por ser ya casi las dos y no le ver más aliento de comer que a un muerto. Después de esto, consideraba aquel tener cerrada la puerta con llave ni sentir arriba ni abajo pasos de viva persona por la casa. Todo lo que yo había visto era paredes, sin ver en ella silleta, ni tajo, ni banco, ni mesa, ni aun tal arcaz como el de marras. Finalmente, ella parecía casa encantada. Estando así, díjome:

—¿ Tú, mozo, has comido?

— No, señor —dije yo—, que aún no eran dadas las ocho cuando con Vuestra Merced encontré.

— Pues, aunque de mañana, yo había almorzado, y cuando ansí como algo, hágote saber que hasta la noche me estoy ansí. Por eso, pásate como pudieres, que después cenaremos.

Vuestra Merced crea, cuando esto le oí, que estuve en poco de caer de mi estado, no tanto de hambre como por conocer de todo en todo la fortuna serme adversa. Allí se me representaron de nuevo mis fatigas y tomé a llorar mis trabajos; allí se me vino a la memoria la consideración que hacía cuando me pensaba ir del clérigo, diciendo que, aunque aquél era desventurado y mísero, por ventura toparía con otro peor. Finalmente, allí lloré mi trabajosa vida pasada y mi cercana muerte venidera. Y con todo, disimulando lo mejor que pude, le dije:

dral, e eu fui atrás dele, e, muito devotamente, vi-o ouvir a missa e os demais ofícios divinos, até que tudo acabou e as pessoas foram embora. Então saímos da igreja.

A bom e largo passo, começamos a descer uma rua. Eu ia com a maior alegria do mundo, por ver que não nos havíamos ocupado em procurar comida. Imaginei que o meu novo amo devia ser homem que se provia por atacado e que a comida já estaria pronta, tal como eu a desejava e dela, ainda, tinha necessidade.

Nesse momento bateu a uma no relógio, depois do meio-dia, e chegamos a uma casa onde meu amo parou e eu também. Deixando cair a ponta da capa sobre o lado esquerdo, tirou a chave da manga e abriu a porta e entramos em casa. A entrada era de tal forma escura e lóbrega, que dava medo a quem ali entrava, embora lá dentro houvesse um pátio pequeno e razoáveis quartos.

Assim que entramos, ele tirou a capa dos ombros e, perguntando se eu tinha as mãos limpas, sacudimo-la e a dobramos e, com todo o cuidado, soprando um banco de pedra que ali havia, colocou-a em cima dele. Feito isto, sentou-se ao lado da capa e começou a perguntar-me detalhes de minha pessoa, de onde eu era e como tinha vindo àquela cidade. Dei-lhe mais satisfação do que desejava, porque achava que eram horas mais convenientes para mandar pôr a mesa e deitar o caldo, do que para fazer o que ele me pedia. Com tudo isto, dei-lhe todas as informações sobre a minha pessoa, mentindo o melhor que sabia. Falei das minhas qualidades, escondendo o resto, porque me pareceu que não vinha a propósito.

Isto feito, esteve assim um pouco e logo achei mau sinal, por já serem quase as duas e não ver nele mais ânimo de comer do que num morto. Depois disto, considerava o fato de ele ter a porta fechada à chave e de não se ouvirem passos de alma viva na parte de cima nem de baixo da casa. Tudo o que eu havia visto eram paredes. Não havia nenhuma cadeira, nem mocho, nem banco, nem mesa, nem sequer uma arca como a de outrora. Em síntese, aquela casa parecia encantada. Estando assim, disse-me:

— Você, moço, já comeu?

— Não, senhor — respondi eu — porque ainda não eram oito horas, quando me encontrei com Vossa Mercê.

— Pois, embora fosse pela manhã, eu já havia almoçado e, quando assim como alguma coisa, quero que saiba que desse jeito fico até a noite. Por isso, passe como puder, que depois jantaremos.

Acredite Vossa Mercê que, quando ouvi isto, quase me desesperiei, não tanto de fome, mas por ver que a sorte era para mim totalmente adversa. Naquele momento, lembrei-me de todas as minhas canseiras e voltei a chorar por minhas dificuldades. Ali considerei todos os raciocínios que fazia, quando pensava deixar o clérigo dizendo que, embora aquele fosse desgraçado e miserável, talvez topasse com outro pior. Como conseqüência, finalmente, ali chorei minha sofrida vida passada e a minha, já próxima, futura morte. Contudo, disfarçando o melhor que pude, disse:

— Señor, mozo soy que no me fatigo mucho por comer, bendito Dios, De eso me podré yo alabar entre todos mis iguales por de mejor garganta, y ansí fui yo loado de ella hasta hoy día de los amos que yo he tenido.

— Virtud es ésa —dijo él—, y por eso te querré yo más; porque el har- tar es de los puercos, y el comer regladamente es de los hombres de bien.

“Bien te he entendido! —dije yo entre mí— Maldita tanta medicina y bondad como aquestos mis amos que yo hallo hallan en la hambre!”

Plíseme a un cabo del portal y saqué unos pedazos de pan del seno, que me habían quedado de los de por Dios. Él, que vio esto, díjome:

— Ven acá, mozo.¿ Qué comes?

Yo lleguéme a él y mostréle el pan. Tomóme él un pedazo, de tres que 200 eran, el mejor y más grande. Y díjome:

— Por mi vida, que parece éste buen pan!

— Y cómo, agora —dije yo—, señor, es bueno!

— Sí, a fe —dijo él—. Adonde lo hubiste? Si es amasado de manos lim- pias?

— No sé yo eso —le dije—; mas a mí no me pone asco el sabor de ello.

— Así plega a Dios —dijo el pobre de mi amo.

Y llevándolo a la boca, comenzó a dar en él tan fieros bocados como yo en lo otro. 205

— Sabrosísimo pan está —dijo—, por Dios.

Y como le sentí de qué pie coxqueaba, dime priesa, porque le vi en dispo- sición, si acababa antes que yo, se comediría a ayudarme a lo que me quedase. Y con esto acabamos casi a una. Y mi amo comenzó a sacudir con las manos unas pocas de migajas, y bien menudas, que en los pechos se le habían quedado. Y en- tró en una camareta que allí estaba, y sacó un jarro desbocado y no muy nuevo, y desdeque hubo bebido, convidóme con él. Yo, por hacer del continente, dije:

— Señor, no bebo vino.

— Agua es —me respondió—; bien puedes beber.

Entonces tomé el jarro y bebí, no mucho, porque de sed no era mi con- goja.

Ansí estuvimos hasta la noche, hablando en cosas que me preguntaba, a las cuales yo le respondí lo mejor que supe. En este tiempo, metióme en la cámara donde estaba el jarro de que bebimos, y díjome:

— Mozo, párate allí, y verás cómo hacemos esta cama, para que la se- pas hacer de aquí adelante.

Plíseme de un cabo y él del otro, y hecimos la negra cama, en la cual no había mucho que hacer, porque ella tenía sobre unos bancos un cañizo, sobre el cual estaba tendida la ropa, que, por no estar muy continuada a lavarse, no parecía colchón, aunque servía de él, con harta menos lana que era menes- ter. Aquél tendimos, haciendo cuenta de ablandalle, lo cual era imposible, porque de lo duro mal se puede hacer blando. El diablo del enjalma maldita la cosa tenía dentro de sí, que, puesto sobre el cañizo, todas las cañas se señalaban y parecían a lo propio entrecuesto de flaquísimo puerco. Y sobre

— Senhor, sou moço e não me preocupo muito em comer, bendito seja Deus. Disto posso me gabar de ser, entre os iguais a mim, moderado, e por essa razão fui até hoje louvado pelos amos a quem servi.

— Isso é virtude — observou ele —, e por isso mais lhe estimarei; porque o faltar-se é para os porcos e o comer moderadamente é para os homens de bem.

“Entendi você muito bem! — disse comigo mesmo —. Maldito tanto remédio e bondade que estes meus amos, por mim achados, acham na fome!”

Fui sentar-me a um canto da porta e tirei do peito uns pedaços de pão, que me restavam das esmolas. Quando ele viu isto, disse-me:

— Venha aqui, moço. Que come?

Aproximei-me e lhe mostrei o pão. Tirou o maior e melhor pedaço dos três que eu tinha. E disse-me: 200

— Pela minha vida, este pão parece ser bom!

— E como é bom, senhor! — disse-lhe.

— Sim, realmente — ele disse —. Onde o conseguiu? Foi amassado por mãos limpas?

— Isso eu não sei — disse-lhe —, mas eu não sinto nojo dele.

— Assim praza a Deus — disse o pobre do meu amo. 205

E, levando-o à boca, começou a dar no pão dentadas tão fortes como eu no outro pedaço.

— Meu Deus, que pão gostoso! — disse ele.

Como notei o rumo que levava, apressei-me, pois ele demonstrava disposição, se acabasse antes que eu, de ajudar-me a comer o resto. Assim, acabamos quase ao mesmo tempo. O meu amo começou a sacudir com as mãos algumas migalhas, bem miúdas, que lhe tinham caído no peito. Entrou num quartinho próximo e pegou um jarro velho e desbeichoado e, depois de beber, convidou-me a fazer o mesmo. Eu, por me fazer de rogado, disse:

— Senhor, não bebo vinho.

— É água — respondeu-me —; pode beber à vontade.

Então, peguei o jarro e bebi. Não bebi muito, porque não era a sede o que me perturbava.

Estivemos assim até anoitecer, falando de coisas que me perguntava, às quais eu respondia o melhor que sabia. Então, fez-me entrar no quarto onde estava o jarro de que bebêramos, e disse-me:

— Moço, fique ali, veja como fazemos esta cama, para que saiba prepará-la a partir de hoje.

Coloquei-me de um lado e ele do outro e fizemos a maldita cama, não havendo muito a fazer, porque sobre uns bancos havia uma esteira de bambu, sobre a qual havia uma espécie de colchão bastante sujo e com menos lã do que o necessário e que, mesmo assim, era usado. Estende-mo-lo com a preocupação de afotá-lo, sendo isto impossível, já que do duro não se pode fazer o macio. O diabo do colchão tão pouca coisa tinha dentro, que, colocado sobre a esteira, os bambus ficavam todos salientes, que mais pareciam as costelas de um porco muito magro. Sobre aquele

aquel hambriento colchón, un alfamar del mismo jaez, del cual el color yo no pude alcanzar.

Hecha la cama y la noche venida, díjome:

— Lázaro, ya es tarde, y de aquí a la plaza hay gran trecho. También, en esta ciudad andan muchos ladrones, que, siendo de noche, capean. Pasemos como podamos, y mañana, venido el día, Dios hará merced; porque yo, por estar solo, no estoy proveído, antes, he comido estos días por allá fuera. Mas agora hacerlo hemos de otra manera.

— Señor, de mí —dije yo— ninguna pena tenga Vuestra Merced, que sé pasar una noche y aun más, si es menester, sin comer.

— Vivirás más y más sano —me respondió—. Porque, que siempre he guardado esa regla por fuerza, y aun espero, en mi desdicha, tenella toda mi vida”.

“Si por esa vía es-dije entre mi-, nunca yo moriré, que siempre he guardado esa regla por fuerza y aun espero, en mi desdicha, tenella toda mi vida”.

Y acostóse en la cama, poniendo por cabecera las calzas y el jubón, y mandóme echar a sus pies, lo cual yo hice. Mas maldito el sueño que yo dormí, porque las cañas y mis salidos huesos en toda la noche dejaron de rifar y encenderse, que con mis trabajos, males y hambre, pienso que en mi cuerpo no había libra de carne; y también, como aquel día no había comido casi nada, rabiaba de hambre, la cual con el sueño no tenía amistad. Maldíjeme mil veces (Dios me lo perdone), y a mi ruin fortuna, allí lo más de la noche; y lo peor, no osándome revolver por no despertalle, pedí a Dios muchas veces la muerte.

La mañana venida, levantámonos, y comienza a limpiar y sacudir sus calzas y jubón y sayo y capa; y yo que le servía de pelillo. Y vísteseme muy a su placer, despacio. Echéle aguamanos, peinóse y púsose su espada en el talabarte y, al tiempo que la ponía, díjome:

—¡ Oh, si supieses, mozo, qué pieza es ésta! No hay marco de oro en el mundo por que yo la diese. Mas así, ninguna de cuantas Antonio hizo no acertó a ponelle los aceros tan prestos como ésta los tiene.

Y sacóla de la vaina y tentóla con los dedos, diciendo:

—¿ Vesla aquí? Yo me obligo con ella cercenar un copo de lana.

Y yo dije entre mí: “Y yo con mis dientes, aunque no son de acero, un pan de cuatro libras”.

Tomóla a meter y ciñóse, y un sartal de cuentas gruesas del talabarte. Y con un paso sosegado y el cuerpo derecho, haciendo con él y con la cabeza muy gentiles meneos, echando el cabo de la capa sobre el hombro y a veces so el brazo, y poniendo la mano derecha en el costado, salió por la puerta, diciendo:

— Lázaro, mira por la casa en tanto que voy a oír misa, y haz la cama y ve por la vasija de agua al río, que aquí bajo está, y cierra la puerta con llave, no nos hurten algo, y ponía aquí al quicio por que si yo viniere en tanto, pueda entrar.

215

220

225

faminto colchão, uma manta no mesmo estilo, cuja cor não consegui saber.

Feita a cama e chegada a noite, disse-me:

— Lázaro, já é tarde e daqui à praça há uma grande caminhada. Também, nesta cidade andam muitos ladrões que, à noite, roubam as capas das pessoas. Passemos a noite como pudermos e amanhã, à luz do dia, Deus proverá tudo, porque eu, como vivo só, não tenho nada em casa e estes dias tenho comido fora. Mas agora vamos fazer de modo diferente.

— Senhor — disse eu — nenhuma pena de mim tenha Vossa Mercê, porque posso passar uma noite ou mais ainda, se necessário, sem comer.

— Viverá mais e melhor — respondeu-me. Porque, como dizíamos, hoje, não há nada no mundo melhor para viver muito do que comer pouco.

“Se esse é o caminho — disse comigo — eu nunca vou morrer, pois sempre fui forçado a guardar essa regra. Acredito ainda que, nesta minha infelicidade, vou tê-la sempre como companheira”.

Deitou-se na cama, fazendo das calças e do gibão travesseiro. Mandou-me deitar a seus pés, o que eu fiz. Mas maldito o sono que dormi, porque os bambus e os meus salientes ossos não pararam de brigar e de se atíçarem, já que com os meus trabalhos, fomes e sofrimentos, acho que, no meu corpo, só tinha ossos. Como naquele dia eu não tinha comido nada, estava louco de fome, a qual não se dava bem com o sono. Maldisse mil vezes a mim mesmo e a minha má sorte (Deus que me perdoe) durante quase toda a noite; e, pior ainda, não ousando me virar, para não acordar meu amo, pedi a Deus, muitas vezes, que me matasse.

Na manhã seguinte, levantamo-nos e ele começa a limpar e a sacudir suas calças e gibão e saio e capa. E eu que lhe servia de criado. Veste-se com cuidado e devagar. Derramei-lhe água nas mãos, penteou-se e pôs a espada no talabarte e, enquanto a arrumava, disse-me:

— Oh, se soubesse, moço, que arma é esta! Nem por todo o ouro do mundo, desfaço-me dela. Em nenhuma, de todas as que Antônio fez, conseguiu temperar o aço como nesta.

Tirou-a da bainha e testou-lhe o fio com os dedos, dizendo:

— Vê aqui? Sou capaz de cortar lã com ela.

Eu disse comigo mesmo: “E eu com os dentes, embora não sejam de aço, um pão de quatro libras”.

Tomou a enfiá-la na bainha, apertou o cinturão e pendurou do talabarte uma sarta de contas grossas. A passo lento e corpo aprumado, fazendo com ele e com a cabeça delicados movimentos, jogando a ponta da capa sobre um ombro e, às vezes, sob o braço, e com a mão direita na cintura, saiu pela porta, dizendo:

— Lázaro, cuide da casa enquanto vou à missa, e arrume a cama e vá buscar um jarro de água no rio, que corre ali abaixo. Feche a porta à chave, para que não nos roubem alguma coisa, e esconda-a junto à porta, para que eu possa entrar, se chegar antes.

215

220

225

Y súbese por la calle arriba con tan gentil semblante y continente, que quien no le conociera pensara ser muy cercano pariente al Conde de Arcos, o, a lo menos, camarero que le daba de vestir.

“Bendito seáis vos, Señor —quedé yo diciendo—, que dais la enfermedad y ponéis el remedio.¿ Quién encontrará a aquel mi señor que no piense, según el contento de sí lleva, haber anoche bien cenado y dormido en buena cama, y, aunque agora es de mañana, no le cuenten por muy bien almorzado?¿ Grandes secretos son. Señor, los que vos hacéis y las gentes ignoran! ¡ A quién no engañará aquella buena disposición y razonable capa y sayo?¿ Y quién pensará que aquel gentil hombre se pasó ayer todo el día sin comer, con aquel mendrugo de pan que su criado Lázaro trujo un día y una noche en el arca de su seno, do no se le podía pegar mucha limpieza; y hoy, lavándose las manos y cara, a falta de paño de manos se hacía servir de la halda del sayo? Nadie, por cierto, lo sospechará. ¡ Oh, Señor, y cuántos de aquéstos debéis vos tener por el mundo derramados, que padescen por la negra que llaman honra lo que por vos no sufrirán!”

Ansí estaba yo a la puerta, mirando y considerando estas cosas y otras muchas, hasta que el señor mi amo traspuso la larga y angosta calle. Y como lo vi trasponer, toméme a entrar en casa, y en un credo la anduve toda, alto y bajo, sin hacer represa ni hallar en qué. Hago la negra dura cama y tomo el jarro y doy comigo en el río, donde en una huerta vi a mi amo en gran recuesta con dos rebozadas mujeres, al parecer de las que en aquel lugar no hacen falta, antes muchas tienen por estilo de irse a las mañanicas del verano a refrescar y almorzar sin llevar qué, por aquéllas frescas riberas, con confianza que no ha de faltar quien se lo dé, según las tienen puestas en esta costumbre aquellos hidalgos del lugar.

Y, como digo, él estaba entre ellas, hecho un Macías, diciéndoles más dulzuras que Ovidio escribió. Pero como sintieron de él que estaba bien enternecido, no se les hizo de vergüenza pedirle de almorzar, con el acostumbrado pago. Él, sintiéndose tan frío de bolsa cuanto estaba caliente del estómago, tomóle tal calofrío, que le robó la color del gesto, y comenzó a turbarse en la plática y a poner excusas no validas. Ellas, que debían ser bien instituidas, como le sintieron la enfermedad, dejáronle para el que era.

Yo, que estaba comiendo ciertos tronchos de berzas, con los cuales me desayuné, con mucha diligencia —como mozo nuevo—, sin ser visto de mi amo, tomé a casa, de la cual pensé barrer alguna parte, que era bien menester; mas no hallé con qué. Púsemme a pensar qué haría, y parecióme esperar a mi amo hasta que el día demediase, y si viniese y por ventura trajese algo que comiésemos; mas en vano fue mi experiencia.

Desde que vi ser las dos y no venía y la hambre me aquejaba, cierro mi puerta y pongo la llave do mandó y tórnome a mi menester. Con baja y enferma voz e inclinadas mis manos en los senos, puesto Dios ante mis ojos y la lengua en su nombre, comienzo a pedir pan por las puertas y casas más grandes que me parecía. Mas como yo este oficio le hobiese mamado en la leche

E vai pela rua acima, com tão gentil aspecto e aparência, que quem não o conhecesse pensaria ser um parente próximo do Conde de Arcos ou, pelo menos, o camareiro que o ajudava a vestir-se.

“Bendito seja, Senhor — fiquei eu dizendo —, que dá a doença e também o remédio! Quem encontrará aquele meu amo que não pense, pelo que aparenta, que ontem à noite jantou bem e dormiu em boa cama e, apesar de ainda ser de manhã, não julgue que vai muito bem almoçado? Grandes são, Senhor, os seus mistérios que as pessoas ignoram! A quem não enganarão aquela boa disposição e o razoável aspecto da capa e do saio? Quem irá pensar que o gentil homem passou ontem todo o dia sem comer, apenas com aquele pedaço de pão que o seu criado Lázaro trouxe, um dia e uma noite, na arca do peito, onde não devia ter ficado muito limpo; e hoje, depois de lavar as mãos e o rosto, à falta de toalha, enxugou-se com a fralda do saio? Com certeza, ninguém imaginaria. Oh, Senhor, e quantos como este deve ter espalhados pelo mundo, que padecem por essa maldita honra o que não seriam capazes de sofrer pelo Senhor!”

Assim eu fiquei à porta, olhando e considerando estas e muitas outras coisas, até que o senhor meu amo percorreu a comprida e estreita rua. Como o vi desaparecer, tomei a entrar e em menos de um credo percorri toda a casa, de alto a baixo, sem me deter em coisa nenhuma nem achar em que o fazer. Arrumei a negra dura cama, peguei o jarro e fui ao rio, onde, numa horta, vi meu amo em grande conversa com duas mulheres embuçadas, ao que parecia das que naquele lugar não faziam falta. Mas, pelo contrário, muitas delas até têm por hábito ir, nas manhãzinhas de verão, refrescar-se e almoçar por aquelas frescas margens, sem nada levar, confiantes em que não há de faltar quem lhes ofereça o que comer, como costumam fazer os fidalgos do lugar.

Como ia dizendo, ele estava no meio delas, feito um Macias, dizendo-lhes mais galanteios do que todos os que Ovídio escreveu. Mas, ao perceberem que ele estava todo derretido, não tiveram vergonha de pedir que lhes desse almoço, em troca da costumeira recompensa. Ele, que tinha tanto frio no bolso como calor no estômago, sentiu um arrepio tão grande, que perdeu até a cor do rosto. Começou a enrolar a conversa e a dar desculpas esfarrapadas. Elas, que deviam ser muito sabidas, assim que perceberam a doença, deixaram-no no que ele era.

Eu, que estava comendo uns talos de couve galega, com os quais quebrei o jejum, muito inteligentemente — como moço que era — sem ser visto pelo meu amo, voltei para casa. Pensei em varrer uma parte dela, que era necessário, mas não encontrei com quê. Pus-me a pensar no que deveria providenciar. Pareceu-me que o melhor seria esperar pelo meu amo até o meio-dia, se, por via das dúvidas, ele viesse trazendo alguma coisa para comermos; mas tudo foi em vão.

Quando vi que eram duas horas e ele não chegava, e como estava com muita fome, fechei a porta e pus a chave onde ele tinha dito que a deixasse e voltei ao meu officio. Com voz baixa e doente e as mãos sobre o peito, os olhos postos em Deus e o seu nome na boca, comecei a pedir pão pelas portas e pelas casas que me pareciam mais ricas. Mas como este officio eu o tinha mamado no leite (quero dizer.

(quiero decir que con el gran maestro el ciego lo aprendí), tan suficiente discípulo salí, que, aunque en este pueblo no había caridad ni el año fuese muy abundante, tan buena maña me di, que antes que el reloj diese las cuatro ya yo tenía otras tantas libras de pan ensiladas en el cuerpo y más de otras dos en las mangas y senos. Volvíme a la posada, y al pasar por la Tripería pedí a una de aquellas mujeres, y diome un pedazo de uña de vaca, con otras pocas de tripas cocidas.

Cuando llegué a casa, ya el bueno de mi amo estaba en ella, doblada su capa y puesta en el poyo, y él paseándose por el patio. Como entré, vínose para mi. Pensé que me quería reñir la tardanza, mas mejor lo hizo Dios. Preguntóme dó venía. Yo le dije:

— Señor, hasta que dio las dos estuve aquí, y dé que vi que Vuestra Merced no venía, fuime por esa ciudad a encomendarme a las buenas gentes, y hanme dado esto que veis.

Mostréle el pan y las tripas, que en un cabo de la halda traía, a la cual él mostró buen semblante, y dijo:

—Pues esperado te he a comer, y de que vi no veniste, comí. Mas tú haces como hombre de bien en eso, que más vale pedillo por Dios que no hurta. Y ansí Él me ayude como ello me parece bien, y solamente te encomiendo no sepan que vives conmigo, por lo que toca a mi honra. Aunque bien creo que será secreto, según lo poco que en este pueblo soy conocido. Nunca a él yo hubiera de venir!

— De eso pierda, señor, cuidado —le dije yo—, que maldito aquel que ninguno tiene de pedirme esa cuenta, ni yo de dalla.

— Agora, pues, come, pecador, que, si a Dios place, presto nos veremos sin necesidad. Aunque te digo que después que en esta casa entré, nunca bien me ha ido. Debe ser de mal suelo, que hay casas desdichadas y de mal pie, que a los que viven en ellas pegan la desdicha. Ésta debe der ser, sin duda, de ellas; mas yo te prometo, acabado el mes, no quede en ella aunque me la den por mía.

Sentéme al cabo del poyo y, por que no me tuviese por glotón, callé la merienda. Y comienzo a cenar y morder en mis tripas y pan, y disimuladamente miraba al desventurado señor mío, que no partía sus ojos de mis faldas, que aquella sazón servía de plato. Tanta lástima haya Dios de mí como yo había de él, porque sentí lo que sentía, y muchas veces había por ello pasado y pasaba cada día. Pensaba si sería bien comedirme a convidalle; mas, por me haber dicho que había comido, temíame no aceptaría el convite. Finalmente, yo deseaba aquel pecador ayudase a su trabajo del mío, y se desayunase como el día antes hizo, pues había mejor aparejo, por ser mejor la vianda y menos mi hambre.

Quiso Dios cumplir mi deseo, y aun pienso que el suyo; porque, como comencé a comer y él se andaba paseando, llegóse a mí y díjome:

— Dígote, Lázaro, que tienes en comer la mejor gracia que en mi vida vi a hombre, y que nadie te lo verá hacer que no le pongas gana aunque no la tenga.

que o tinha aprendido com o meu grande mestre, o cego), saí tão bom discípulo que, apesar de nesta terra não haver caridade, nem o ano ter sido muito abundante, usei de tanta habilidade que, antes que o relógio batesse as quatro horas, eu já tinha outras tantas libras de pão guardadas no corpo e mais outras duas nas mangas e no peito. Retomei a casa e, ao passar por onde vendem tripas, pedi esmola a uma daquelas mulheres. Ela deu-me um pedaço de pata de vaca e algumas tripas cozidas.

Quando cheguei em casa, já o bom do meu amo lá estava, dobrada a sua capa e colocada no banco, e passeava pelo pátio. Assim que entrei, avançou para mim. Pensei que queria ralhar comigo por causa do atraso, mas Deus não quis assim. Perguntou-me de onde vinha. Eu lhe disse:

— Senhor, estive aqui até baterem as duas. Quando vi que Vossa Mercê não chegava, fui por essa cidade pedir ajuda às boas pessoas e deram-me isto que o senhor vê.

Mostrei-lhe o pão e as tripas, que trazia enroladas numa ponta da fralda da camisa e, ao vê-los, mostrou boa cara e disse:

— Pois esperei você para comer e, vendo que demorava, comi. Mas você nisso procede como homem de bem, que mais vale pedir por Deus do que furtar. Assim, Deus me ajude, pois isso me parece bem, mas só lhe peço que não diga que vive comigo, por causa da minha honra. Embora eu creia realmente que isto ficará em segredo, porque sou muito pouco conhecido nesta terra. Nunca a ela eu tivesse vindo!

— Não se preocupe com isso, senhor — respondi eu —, porque ninguém tem que me pedir explicações, nem eu dá-las.

— Agora, pois, coma, pecador, porque, se Deus quiser, em breve estaremos livres de necessidades. Embora lhe diga que, desde que entrei nesta casa, nunca mais tive sorte. Deve ser mal-assombrada, pois há casas desgraçadas e de mau agouro, que transmitem a desgraça a quem nelas vive. Esta deve ser, sem dúvida, uma delas; porém, eu prometo que, terminado o mês, não fico nela, ainda que me seja dada de presente.

Sentei-me à beira do banco de pedra e, para que não me tomasse por guloso, não falei nada sobre a merenda. Comecei a jantar e a mastigar as tripas e o pão e, disfarçadamente, eu olhava para o meu pobre amo, que não tirava os olhos das fraldas da minha camisa, que, naquela ocasião, me serviam de prato. Que Deus tenha tanta pena de mim como eu tinha dele, porque muitas vezes havia passado, e passava ainda, por semelhante situação. Pensava se ficaria bem convidá-lo; mas, como dissera que havia comido, temia que não aceitasse o convite. Enfim eu desejava que aquele pecador se ajudasse com o meu trabalho e matasse a fome, como fizera no dia anterior, porque era melhor a comida e menor a minha fome.

Quis Deus satisfazer o meu desejo, e creio que também o seu próprio, porque, assim que comecei a comer, o meu amo que andava de um lado a outro, aproximou-se de mim e disse:

— Lázaro, você tem uma maneira tão delicada de comer, como nunca vi em toda a minha vida. E ninguém verá você comer que não fique com vontade, embora não sinta fome.

“La muy buena que tú tienes —dije yo entre mí— te hace parecer la mía hermosa”.

Con todo, parescióme ayudarle, pues se ayudaba y me abría camino para ello, y díjele:

— Señor, el buen aparejo hace buen artífice. Este pan está sabrosísimo, y esta uña de vaca tan bien cocida y sazónada, que no habrá a quien no convide con su sabor. 245

—¿Una de vaca es?

— Sí, señor.

— Digote que es el mejor bocado del mundo, y que no hay faisán que así me sepa.

— Pues pruebe, señor, y verá qué tal está.

Póngole en las uñas la otra y tres o cuatro raciones de pan de lo más blanco. Y asentóseme al lado y comienza a comer como aquel que lo había gana, royendo cada huescillo de aquéllos mejor que un galgo suyo lo hiciera. 250

— Con almodrote —decía— es éste singular manjar.

“Con mejor salsa lo comes tú” —respondí yo paso.

— Por Dios, que me ha sabido como si hoy no hobiera comido bocado.

“¡ Así me vengan los buenos años como es ello!” —dije yo entre mí.

Pidióme el jarro de agua, y díselo como lo había traído; es señal que, pues no le faltaba el agua, que no le había a mi amo sobrado la comida. Bebimos, y muy contentos nos fuimos a dormir, como la noche pasada. 255

Y, por evitar prolijidad, de esta manera estuvimos ocho o diez días, yéndose el pecador en la mañana con aquel contento y paso contado a papar aire por las calles, teniendo en el pobre Lázaro una cabeza de lobo.

Contemplaba yo muchas veces mi desastre; que, escapando de los amos ruines que había tenido y buscando mejoría, viniese a topar con quien no sólo no me mantuviese, mas a quien yo había de mantener. Con todo, le quería bien, con ver que no tenía ni podía más, y antes le había lástima que enemidad. Y muchas veces, por llevar a la posada con que él lo pasase, yo lo pasaba mal. Porque una mañana, levantándose el triste en camisa, subió a lo alto de la casa a hacer sus menesteres, y en tanto yo, por salir de sospecha, desenvolvíle el jubón y las calzas, que a la cabecera dejó, y hallé una bolsilla de terciopelo raso, hecho cien dobleces y sin maldita la blanca ni señal que la hobiese tenido mucho tiempo.

“Éste —decía yo— es pobre, y nadie da lo que no tiene; mas el avariento ciego y el malaventurado mezquino clérigo, que, con dárselo Dios a ambos, al uno de mano besada y al otro de lengua suelta, me mataban de hambre, aquéllos es justo desamar, y aquéste de haber mancilla”.

Dios es testigo que hoy día, cuando topo con alguno de su hábito con aquel paso y pompa, le he lastima con pensar si padece lo que aquél le vi sufrir. Al cual, con toda su pobreza, holgaría de servir más que a los

“A muito grande que você tem — pensei eu — faz com que ache a minha bonita”.

Mesmo assim, pareceu-me que deveria ajudá-lo, porque ele se ajudava e abria caminho para mim, e disse-lhe:

— Senhor, o bom instrumento faz o bom artífice. Este pão está saborosíssimo e esta pata de vaca tão bem cozida e temperada, que abre o apetite de qualquer pessoa. 245

— É pata de vaca?

— É, sim senhor.

— Digo-lhe que é a melhor carne do mundo e, para mim, não há faisão que a ela se compare no paladar.

— Pois prove, senhor, e verá como está.

Pus a pata de vaca em suas mãos e três ou quatro pedaços de pão, dos mais brancos. Sentou-se ao meu lado e começou a comer cheio de vontade, roendo cada um dos ossinhos melhor do que faria um galgo. 250

— Com molho de azeite, alho e queijo — disse — é bom demais.

“O melhor molho é a fome que você tem” — eu pensei.

— Por Deus, que comi esta pata de vaca como se hoje ainda não tivesse comido nada.

“Assim a minha sorte seja tão grande como isso é verdade!” — disse para mim mesmo.

Pedi-me o jarro da água e eu o alcancei tão cheio como o tinha trazido do rio; é sinal de que, se ao meu amo não lhe faltava água, também não lhe havia sobrado comida. Bebemos e, muito contentes, fomos dormir, como na noite anterior. 255

E, para evitar certos detalhes, assim convivemos oito ou dez dias, indo o infeliz pela manhã satisfeito e com andar solene a papar o ar das ruas, tendo no pobre Lázaro aquele que esmolava para ele.

Contemplava eu, muitas vezes, a minha falta de sorte, dado que, deixando os maus amos anteriores e procurando melhorar, viesse a topiar com quem não só não me sustentava como a quem eu devia sustentar. Apesar disso, eu gostava dele, vendo que nada possuía e nada podia, antes tendo pena dele do que inimizade. Muitas vezes, a fim de levar para casa com que ele passasse bem, eu passava mal. A propósito certa manhã, levantando-se o desgraçado em mangas de camisa, foi ao piso superior fazer suas necessidades. Enquanto isso, eu, para sair da dúvida, revistei-lhe o gibão e as calças, que tinham ficado na cabeceira da cama. Encontrei uma bolsinha de veludo, dobrada mais de cem vezes e sem uma única maldita moeda, nem sinal de que tivesse tido alguma por muito tempo.

“Este — pensava eu — é pobre, e ninguém dá o que não tem. Já o avarento cego e o maldito e mesquinho clérigo me matavam de fome, mesmo recebendo ambos tudo de Deus, um de mão beijada e o outro de língua solta. É justo que àqueles não amasse e que deste tenha pena.”

Deus é testemunha de que, hoje em dia, quando encontro com alguém com aquele passo e pompa, sinto pena, lembrando-me de que talvez sofra como aquele meu amo que vi sofrer. A quem, apesar de toda a sua pobreza, eu

otros, por lo que he dicho. Sólo tenía de él un poco de descontento, que quisiera yo que no tuviera tanta presunción, mas que abajara un poco su fantasía con lo mucho que subía su necesidad. Mas, según me parece, es regla ya entre ellos usada y guardada. Aunque no haya cornado de trueco, ha de andar el birrete en su lugar. El Señor lo remedie, que ya con este mal han de morir.

Pues estando yo en tal estado, pasando la vida que digo, quiso mi mala fortuna, que de perseguirme no era satisfecha, que en aquella trabajada y vergonzosa vivienda no durase. Y fue, como el año en esta tierra fuese estéril de pan, acordaron el Ayuntamiento que todos los pobres extranjeros se fuesen de la ciudad, con pregón que el que de allí adelante topasen fuese punido con azotes. Y así ejecutando la ley, desde a cuatro días que el pregón se dio, vi llevar una procesión de pobres azotando por las Cuatro Calles. Lo cual me puso tan gran espanto, que nunca osé desmandarme a demandar.

Aquí viera, quien vello pudiera, la abstinencia de mi casa y la tristeza y silencio de los moradores; tanto, que nos acaesció estar dos o tres días sin comer bocado, ni hablar palabra. A mí diéronme la vida unas mujercillas hilanderas de algodón, que hacían bonetes y vivían par de nosotros, con las cuales yo tuve vecindad y conocimiento; que, de la laceria que les traía, me daban alguna cosilla, con la cual muy pasado me pasaba.

Y no tenía tanta lástima de mí como del lastimado de mi amo, que en ocho días maldito el bocado que comió. A lo menos en casa, bien lo estuvimos sin comer; no sé yo cómo o dónde andaba y qué comía.; Y velle venir a mediodía la calle abajo, con estirado cuerpo, más largo que galgo de buena casta! Y por lo que toca a su negra, que dicen, honra, tomaba una paja, de las que aun asaz no había en casa, y salía a la puerta escarbando los dientes, que nada entre sí tenían, quejándose todavía de aquel mal solar diciendo:

—Malo está de ver, que la desdicha de esta vivienda lo hace. Como ves, es lóbrega, triste, oscura. Mientras aquí estuviéremos, hemos de padecer. Ya deseo que se acabe este mes por salir de ella.

Pues, estando en esta afligida y hambrienta persecución, un día, no sé por cuál dicha o ventura, en el pobre poder de mi amo entró un real, con el cual él vino a casa tan ufano como si tuviera el tesoro de Venecia, y con gesto muy alegre y risueño me lo dio, diciendo:

—Toma Lázaro, que Dios ya va abriendo su mano. Ve a la plaza y merca pan y vino y carne: ¡quebrems el ojo al diablo! Y más te hago saber por que te huelgues: que he alquilado otra casa, y en ésta desastrada no hemos de estar más de en cumpliendo el mes. ¡Maldita sea ella y el que en ella puso la primera teja, que con mal en ella entré! Por Nuestro Señor, cuanto ha que en ella vivo, gota de vino ni bocado de carne no he comido, ni he habido descanso ninguno; mas ¡ tal vista tiene y tal obscuridad y tristeza! Ve y ven presto, y comamos hoy como condes.

Tomo mi real y jarro y, a los pies dándoles priesa, comienzo a subir mi calle, encaminando mis pasos para la plaza, muy contento y alegre. Mas qué

260

265

gostava mais de servir do que aos outros, conforme já disse. Só tinha dele um pouco de descontentamento, teria preferido que não fosse tão presunçoso e que diminuísse sua fantasia, na mesma proporção em que sua necessidade aumentava. Mas, segundo me parece, esta é uma regra já usada e observada entre eles. Embora não tenham um vintém, fazem questão do barrete no seu lugar. Que o Senhor os ajude, já que com esta doença morrerão.

Pois, estando em tal situação, levando tal vida, quis minha má sorte, ainda não satisfeita de perseguir-me, que mesmo aquela vida dura e vergonhosa não durasse. Como o ano, nessa terra, fosse de pouca colheita, a Municipalidade decidiu expulsar da cidade os forasteiros pobres, com a sentença de que todos os que daí em diante fossem encontrados fossem punidos com açoites. Assim, em cumprimento da lei, quatro dias depois do pregão, vi uma grande procissão de pobres sendo levados a chicote pelas Quatro Ruas. Fiquei com tanto medo, que não mais ousei esmolar.

Quem pudesse ver, aqui veria a abstinência da minha casa e a tristeza e o silêncio dos seus moradores, tanto que nos aconteceu ficarmos dois ou três dias sem comer nada, nem dizer uma palavra. Quem me salvou a vida foram umas mulherzinhas fiandeiras de algodão, que faziam barretes e viviam ao nosso lado, com que, além de vizinhar, manteve boas relações. Da miséria que ganhavam me davam alguma coisinha, com que eu ia levando a vida.

Eu não sentia tanta pena de mim como do meu desgraçado amo, que em oito dias nada comera. Ao menos em casa, sei que nada comemos, mas não posso saber por onde andava nem o que por lá comia. E vê-lo vir ao meio-dia, rua abaixo, com o corpo reto, mais esticado que o de um galgo de raça! No que diz respeito a sua maldita honra, pegava uma palha, das que não havia muitas em casa, e ia à porta da rua palitar os dentes, que nada tinham entre eles, e queixava-se sempre daquela casa mal-assombrada, dizendo:

— Não há dúvida de que é tudo por causa desta casa. Como você vê é úmida, triste e escura. Enquanto aqui estivermos, haveremos de sofrer. Não vejo a hora de que passe este mês para deixá-la.

Pois, estando nós nesta aflitiva e esfaimada perseguição, um dia, não sei por que sorte ou acaso, caiu no pobre poder do meu amo um real. Com o qual ele entrou em casa tão contente, que até parecia possuir o tesouro de Veneza. Com uma cara muito satisfeita e risonha, entregou-me a moeda, dizendo:

— Tome, Lázaro, que Deus já nos estende a mão. Vá à praça e compre pão e vinho e carne. Matemos quem nos quer matar! Também quero que saiba, para que fique contente, que já aluguei outra casa e não ficaremos nesta desventurada senão até o fim do mês. Maldita seja ela e quem nela colocou a primeira telha, porque em má hora nela entrei! Por Nosso Senhor, desde que aqui vivo, nunca mais provei uma gota de vinho nem um pedaço de carne, nem mais descanso tive, tal aspecto e tal escuridão e tristeza ela tem! Vá e volte depressa, para comermos hoje que nem condos.

Peguei o dinheiro e o jarro e, com pressa, comecei a subir a rua, dirigindo-me à praça, bastante satisfeito e alegre. Mas de que adiantava, se está escrito no

me aprovecha, si está constituido en mi triste fortuna que ningún gozo me venga sin zozobra? Y ansí fue éste. Porque, yendo la calle arriba, echando mi cuenta en lo que le emplearía, que fuese mejor y más provechosamente gastado, dando infinitas gracias a Dios que a mi amo había hecho con dinero, a deshora me vino al encuentro un muerto que por la calle abajo muchos clérigos y gente en unas andas traían.

Arriméme a la pared por darles lugar y, desque el cuerpo pasó, venían luego a par del lecho una que debía ser mujer del difunto, cargada de luto, y con ella otras muchas mujeres; la cual iba llorando a grandes voces y diciendo:

— Marido y señor mío¿, adonde os me llevan? ¡ A la casa triste y desdichada, a la casa lóbrega y oscura, a la casa donde nunca comen ni beben!

Yo, que aquello oí, juntóseme el cielo con la tierra y dije: “¡Oh desdichado de mí! Para mi casa llevan este muerto”.

270

Dejo el camino que llevaba y hendí por medio de la gente, y vuelvo por la calle abajo, a todo el más correr que pude, para mi casa; y, entrando en ella, cierro a grande priesa, invocando el auxilio y favor de mi amo, abrazándome de él, que me venga ayudar y a defender la entrada. El cual, algo alterado, pensando que fuese otra cosa, me dijo:

— ¿ Qué es eso, mozo?¿ Qué voces das?¿ Qué has?¿ Por qué cierras la puerta con tal furia?

—¡ Oh, señor -dije yo-, acuda aquí, que nos traen acá un muerto!

—¿ Cómo así? —respondió él.

— Aquí arriba lo encontré, y venía diciendo su mujer: “Marido y señor mío, adonde os llevan? ¡ A la casa lóbrega y oscura, a la casa triste y desdichada, a la casa donde nunca comen ni beben!” Acá, señor, nos le traen.

Y ciertamente cuando mi amo esto oyó, aunque no tenía por qué estar muy risueño, rió tanto, que muy gran rato estuvo sin poder hablar. En este tiempo tenía ya yo echada la aldaba a la puerta y puesto el hombre en ella por más defensa. Pasó la gente con su muerto, y yo todavía me recelaba que nos le habían de meter en casa. Y desque fue ya más harto de reír que de comer el bueno de mi amo, djome:

275

— Verdad es, Lázaro; según la viuda lo va diciendo, tú tuviste razón de pensar lo que pensaste. Mas, pues Dios lo ha hecho mejor y pasan adelante, abre, abre y ve por de comer.

— Dejálos, señor, acaben de pasar la calle —dije yo.

Al fin vino mi amo a la puerta de la calle y ábrela esforzándome, que bien era menester, según el miedo y alteración, y me tomo a encaminar. Mas aunque comimos bien aquel día, maldito el gusto yo tomaba en ello, ni en aquellos tres días tomé en mi color; y mi amo, muy risueño todas las veces que se le acordaba aquella mi consideración.

De esta manera estuve con mi tercero y pobre amo, que fue este escudero, algunos días, y en todos deseando saber la intención de su venida y estada en esta tierra; porque, desde el primer día que con él asenté,

meu destino que nenhuma alegria me venha que não esteja acompanhada por desgraça? Assim aconteceu. Pois, indo eu rua acima, fazendo minhas contas em que empregaria o dinheiro, para que fosse melhor e mais aproveitado, dando infinitas graças a Deus por ter feito com que o meu amo tivesse dinheiro, de repente, vejo vir em minha direção um morto, que muitos clérigos e outras pessoas traziam numa padiola, rua abaixo. Encostei-me à parede, para lhes dar passagem. Quando o corpo passou, vinha junto à padiola uma mulher coberta de luto, que devia ser a viúva do defunto, junto com outras mulheres, e que, chorando aos gritos, dizia:

— Meu marido e senhor, para onde o levam? Para a casa triste e desgraçada, para a casa úmida e sombria, para a casa onde nunca se come nem se bebe!

Quando ouvi aquilo, caiu-me a alma aos pés e pensei: “Ai, pobre de mim! É para a minha casa que vão levar este morto”.

Deixei o caminho por onde eu ia e atravessei pelo meio da gente e voltei rua abaixo, correndo o mais que podia, em direção a casa. Entrando nela, fechei a porta a toda pressa, pedindo o auxílio e proteção do meu amo, abraçando-me nele, para que viesse me ajudar a defender a entrada. Ele, um tanto alterado, pensando que fosse outra coisa, disse-me:

— Que é isso, rapaz? Por que grita? Que você tem? Por que fecha a porta com tanta fúria?

— Oh, senhor — disse eu —, ajude aqui, que trazem um morto para a nossa casa!

— Como assim? — respondeu ele.

— Encontrei-o ali em cima e a mulher dele dizia: “Meu marido e senhor, para onde o levam? Para a casa triste e desgraçada, para a casa úmida e sombria, para a casa onde nunca se come nem se bebe!” Só pode ser para cá que trazem o defunto, senhor!

Certamente quando meu amo ouviu isto, apesar de não ter muitas razões para estar alegre, riu tanto que, por muito tempo, não pôde falar. Entretanto, eu tinha trancado a porta e a pressionava com o ombro para maior segurança. As pessoas passaram carregando o seu morto e eu ainda temia que viessem trazê-lo à nossa casa. Quando estava mais farto de rir do que de comer, disse o bom do meu amo:

— É verdade, Lázaro; pelo que a viúva dizia, você teve razão em pensar o que pensou. Visto que Deus resolveu as coisas de outra maneira e já passaram, abra, abra e vá procurar o que comer.

— Deixe, senhor, que eles acabem de passar pela rua — pedi.

Por fim, o meu amo veio à porta da rua e abriu-a, animando-me, pois era preciso devido ao susto e à perturbação, e tomou a me encaminhar. Mas, apesar de naquele dia termos comido bem, nem deu para eu sentir o gosto. Durante três dias não voltei à cor normal do rosto. Meu amo ria muito, todas as vezes que se lembrava do que se passara comigo.

Desta maneira estive com o meu terceiro e pobre amo, que foi este escudeiro, vários dias, sempre querendo saber o motivo de sua vinda e estada nesta terra. Porque, desde o primeiro dia em que me assentei com ele, percebi ser fo-

270

275

le conocí ser extranjero, por el poco conocimiento y trato que con los naturales de ella tenía. Al fin se cumplió mi deseo y supe lo que deseaba, porque un día que habíamos comido razonablemente y estaba algo contento, contóme su hacienda, y díjome ser de Castilla la Vieja y que había dejado su tierra no más de por no quitar el bonete a un caballero su vecino.

— Señor—dije yo—, si él era lo que decís y tenía más que vos, ¿no errábades en no quitárselo primero, pues decís que él también os lo quitaba?

— Sí es, y sí tiene, y también me lo quitaba él a mí; mas, de cuantas veces yo se le quitaba primero, no fuera malo comedirse él alguna y ganarme por la mano.

— Parésceme, señor—le dije yo—, que en eso no mirara, mayormente con mis mayores que yo y que tienen más.

— Eres mochacho —me respondió— y no sientes las cosas de la honra, en que el día de hoy está todo el caudal de los hombres de bien. Pues te hago saber que yo soy, como vees, un escudero; mas, ¡vótote a Dios!, si al Conde topo en la calle y no me quita muy bien quitado del todo el bonete, que otra vez que venga me sepa yo entrar en una casa, fingiendo yo en ella algún negocio, o atravesar otra calle, si la hay, antes que llegue a mí, por no quitárselo. Que un hidalgo no debe a otro que a Dios y al rey nada, ni es justo, siendo hombre de bien, se descuide un punto de tener en mucho su persona. Acuérdome que un día deshonre en mi tierra a un oficial y quise ponerle las manos, porque cada vez que le topaba me decía: “Mantenga Dios a Vuestra Merced”. “Vos, don villano ruin —le dije yo—, ¿por qué no sois bien criado? ¿“Manténgaos Dios” me habéis de decir, como si fuese quienquiera?” De allí adelante, de aquí acullá me quitaba el bonete y hablaba como debía.

— Y no es buena manera de saludar un hombre a otro —dije yo— decirle que le mantenga Dios?

— ¡Mirá mucho de enhoramala! —dijo él—. A los hombres de poca arte dicen eso; mas a los más altos, como yo, no les han de hablar menos de: “Beso las manos de Vuestra Merced”, o por lo menos: “Bésoos, señor, las manos”, si el que me habla es caballero. Y así, de aquel de mi tierra que me atestaba de mantenimiento, nunca más le quise sufrir, ni sufriría ni sufriré a hombre del mundo, del rey abajo, que “Manténgaos Dios” me diga.

“Pecador de mí —dije yo—, por eso tiene tan poco cuidado de mantenerte, pues no sufres que nadie se lo ruegue”.

— Mayormente —dijo— que no soy tan pobre que no tengo en mi tierra un solar de casas que, a estar ellas en pie y bien labradas, dieciséis leguas de donde nací, en aquella Costanilla de Valladolid, valdrían más de docientas veces mil maravedís, según se podrían hacer grandes y buenas. Y tengo un palomar que, a no estar derribado como está, daría cada año más

280

285

rasteiro, pelo pouco conhecimento e relações que tinha com os naturais da cidade. Finalmente o meu desejo foi satisfeito. Fiquei sabendo o que queria. Porque, num dia em que tínhamos comido razoavelmente e estava um pouco alegre, contou-me a sua história, dizendo-me ser de Castela a Velha, e que havia deixado sua terra só para não tirar o barrete perante um cavalheiro, seu vizinho.

— Senhor—disse-lhe eu —, se ele era o que o senhor diz e ele possuía mais, o senhor não errou em não o cumprimentar primeiro, já que diz que ele também o cumprimentava?

280

— Ele era o que eu disse e possuía muito. Também me cumprimentava, mas eu o cumprimentei primeiro tantas vezes, que não lhe custava nada dispor-se, ao menos uma vez, a cumprimentar-me antes.

— Senhor, parece-me — disse eu — que, se fosse comigo, não pensaria nisso, principalmente com pessoas superiores a mim e que possuíssem mais do que eu.

— Você é jovem — respondeu-me — e não percebe o mérito da honra que, hoje em dia, é toda a fortuna dos homens de bem. Pois digo-lhe que eu sou, como sabe, um escudeiro. Mas, por Deus lhe asseguro que, se encontro na rua um conde e não me cumprimenta como deve ser, na próxima vez que o vir, procurarei entrar numa casa, fingindo que foi por negócio, ou meter-me noutra rua, se for possível, antes que ele se aproxime, para evitar ter de cumprimentá-lo. Porque um fidalgo não deve nada a ninguém a não ser a Deus e ao rei, nem é justo, sendo homem de bem, que se descuide um só momento de ter em grande conta a sua pessoa. Lembro-me de que, uma vez, desonrei na minha terra um artesão. Quis bater-lhe, porque todas as vezes que o encontrava me dizia: “Que Deus mantenha Vossa Mercê”. “O senhor, seu vilão ruim — disse-lhe eu — por que não sabe ser bem-educado? “Deus mantenha Vossa Mercê” o senhor tem que dizer, como se eu fosse um qualquer?” Desde aquele dia, passou a me cumprimentar à distância e a falar como devia.

— Não é boa maneira de um homem cumprimentar outro homem — observei eu — dizer-lhe que Deus o mantenha?

— Olhe, seu desgraçado! — respondeu ele —.Esse cumprimento é para homens de baixa condição, mas aos de categoria superior, como eu, não se lhes pode dizer menos que: “Beijo as mãos de Vossa Mercê” ou, pelo menos, “Beijo, senhor, as suas mãos”, se quem cumprimenta for um cavalheiro. Assim, referindo-me àquele da minha terra, que me acusava de ser mantido, nunca mais consenti, nem consentirei a nenhum homem do mundo, do rei para baixo, que me diga “Deus mantenha Vossa Mercê”.

285

“Pobre de mim—pensei eu —, porisso Deus tem tão pouco cuidado em manter você, visto que você não admite que ninguém lhe peça que o guarde.”

— Sobretudo — disse ele — porque não sou tão pobre que não tenha na minha terra um solar de casas que, se estivessem em pé e em bom estado, a dezesseis léguas do lugar em que nasci, naquela Costanilha de Valhadoli, valeriam mais de duzentos mil maravedis, porque seriam grandes e boas. Tenho um pomal que, se não tivesse caído como caiu, daria por ano mais de duzentos filhotes.

de docientos palominos. Y otras cosas que me callo, que dejé por lo que tocaba a mi honra. Y vine a esta ciudad pensando que hallaría un buen asiento; mas no me ha sucedido como pensé. Canónigos y señores de la iglesia muchos hallo; mas es gente tan limitada, que no los sacarán de su paso todo el mundo. Caballeros de media talla también me ruegan; mas servir con éstos es gran trabajo, porque de hombre os habéis de convertir en malilla, y, si no, “Andá con Dios” os dicen. Y las más veces son los pagamentos a largos plazos; y las más y las más ciertas, comido por servido. Ya cuando quieren reformar consciencia y satisfaceros vuestros sudores, sois librado en la recámara, en un sudado jubón o raída capa o sayo. Ya cuando asienta un hombre con un señor de título, todavía pasa su lacería. Pues¿ por ventura no hay en mí habilidad para servir y contentar a éstos? Por Dios, si con él topase, muy gran su privado pienso que fuese y que mil servicios le hiciese, porque yo sabría mentille tan bien como otro y agradalle a las mil maravillas; reñlle ya mucho sus donaires y costumbres, aunque no fuesen las mejores del mundo; nunca decirle cosa con que le pesase, aunque mucho le cumpliese; ser muy diligente en su persona, en dicho y hecho; no me matar por no hacer bien las cosas que él no había de ver; y ponerme a reñir, donde él lo oyese, con la gente de servicio, por que pareciese tener gran cuidado de lo que a él tocaba. Si riñese con algún su criado, dar unos puntillos agudos para le encender la ira, y que pareciesen en favor del culpado; decirle bien de lo que bien le estuviese y, por el contrario, ser malicioso mofador, malsinar a los de casa y a los de fuera; pesquisar y procurar de saber vidas ajenas para contárselas; y otras muchas galas de esta calidad que hoy día se usan en palacio y a los señores de él parecen bien, y no quieren ver en sus casas hombres virtuosos, antes los aborrescen y tienen en poco y llaman nescios y que no son personas de negocios ni con quien el señor se puede descuidar. Y con éstos los astutos usan, como digo, el día de hoy, de lo que yo usaría; mas no quiere mi ventura que le halle.

De esta manera lamentaba también su adversa fortuna ni amo, dándome relación de su persona valerosa.

Pues estando en esto, entró por la puerta un hombre y una vieja. El hombre le pide el alquiler de la casa y la vieja el de la cama. Hacen cuenta, y de dos en dos meses le alcanzaron lo que él en un año no alcanzara. Pienso que fueron doce o trece reales. Y él les dio muy buena respuesta: que saldría a la plaza a trocar una pieza de a dos y que a la tarde volviesen; mas su salida fue sin vuelta.

Por manera que a la tarde ellos volvieron, mas fue tarde. Yo les dije que aún no era venido. Venida la noche y él no, yo hube miedo de quedar en casa solo, y fuíme a las vecinas y contéles el caso, y allí dormí. Venida la mañana, los acreedores vuelven y preguntan por el vecino; mas a esta otra puerta... Las mujeres le responden:

— Veis aquí su mozo y la llave de la puerta.

Ellos me preguntaron por él, y díjeles que no sabía adonde estaba, y que

E outras coisas de que não vale a pena falar e que deixei por questões de honra. Vim para esta cidade pensando que encontraria aqui melhores condições, mas não aconteceu como eu esperava. Cônegos e dignitários da igreja encontro muitos, mas é gente tão bitolada que nada no mundo poderia tirá-los de sua limitação. Cavalheiros de meia-tigela também me solicitam, mas dá muito trabalho servi-los como escudeiro. Porque é preciso virar coringa e, senão, dizem: “Vá com Deus”. Geralmente, os salários são pagos atrasados e o mais certo é que trabalhe apenas em troca de comida. Já quando querem ficar em paz com sua consciência e pagar o nosso suor, chamam-nos à antecâmara e oferecem-nos um suado gibão, ou uma capa ou um saio surrados. Até quando um homem se põe a serviço de um senhor de título, também passa necessidades. Mas, porventura, não terei eu aptidões para servir e contentar a um desses? Por Deus, se topasse com um, penso que cativaria a sua maior confiança e que lhe prestaria mil serviços. Porque eu saberia mentir-lhe tão bem como qualquer outro e agradá-lo às mil maravilhas. Haveria de rir muito com as suas graças e hábitos, ainda que nada valessem. Nunca lhe diria palavra que o desgostasse, mesmo que fosse necessário para seu bem; seria muito diligente na sua presença, em palavras e atos. Não me mataria em fazer bem aquilo que ele não visse. Eu ralharia com os criados, onde pudesse ouvir-me, para que ele pensasse que eu zelava por seus interesses. Se ele repreendesse algum criado, eu aticaria a sua ira com agudas alfinetadas, que parecessem em favor do culpado. Falaria bem do que para ele estivesse bem e, ao contrário, seria malicioso, mofador; e delataria as pessoas da casa e os de fora dela. Bisbilhotaria e procuraria saber da vida alheia, para lhe contar tudo, e teria muitos outros dotes semelhantes, que atualmente se usam nos palácios e que muito agradam aos senhores. Eles não querem ver em suas casas homens virtuosos, pelo contrário, detestam-nos e os menosprezam. Chamam-nos de tolos e dizem que não são pessoas de negócios, nem merecem a confiança do senhor. É assim que, hoje em dia, procedem os astutos, conforme digo, como eu procedería no lugar deles; mas não quer a minha sorte que tope com um desses senhores.

Desta maneira também lamentava o meu amo a sua desventura, prestando-me contas da sua valorosa pessoa.

Pois, estando ele nisto, entraram pela porta um homem e uma velha. O homem pediu-lhe que pagasse o aluguel da casa e a velha o da cama. Fizeram as contas e, pelos cálculos de dois meses, chegaram à soma que ele não obteria em um ano. Julgo que eram doze ou treze reais. Ele deu-lhes uma boa resposta: que precisava ir à praça trocar uma moeda de dois castelhanos de ouro e que voltassem de tarde; mas quem nunca mais voltou foi ele.

Quando eles voltaram à hora combinada, já era tarde demais. Disse-lhes que o meu amo ainda não tinha voltado. Chegada a noite, e ele não, tive medo de ficar sozinho, fui à casa das vizinhas, contei-lhes tudo e lá dormi. Quando amanheceu, os credores voltaram e perguntaram pelo vizinho, mas na porta do lado... As mulheres responderam:

— Está aqui o moço dele e a chave da porta.

Então perguntaram-me por ele e eu respondi que não sabia onde estava

tampoco había vuelto a casa desde que salió a trocar la pieza, y que pensaba que de mí y de ellos se había ido con el truco. De que esto me oyeron, van por un alguacil y un escribano. Y helos do vuelven luego con ellos y toman la llave y llámanme y llaman testigos y abren la puerta y entran a embargar la hacienda de mi amo hasta ser pagados de su deuda. Anduvieron toda la casa y halláronla desembarazada como he contado, y dícenme:

—¿ Qué es de la hacienda de tu amo, sus arcas y paños de pared y alhajas de casa?

— No sé yo eso —le respondí.

— Sin duda —dicen ellos— esta noche lo deben de haber alzado y llevado a alguna parte. Señor alguacil, prended a este mozo, que él sabe dónde está.

295

En esto vino el alguacil y echóme mano por el collar del jubón, diciendo:

— Mochacho, tú eres preso si no descubres los bienes de este tu amo.

Yo, como en otra tal no me hubiese visto... (porque asido del collar sí había sido muchas e infinitas veces, mas era mansamente de él trabado, para que mostrase el camino al que no vía), yo hube mucho miedo y, llorando, prometile de decir lo que preguntaban.

— Bien está -dicen ellos.- Pues di todo lo que sabes y no hayas temor.

Sentóse el escribano en un poyo para escrebir el inventario, preguntándome qué tenía.

300

— Señores —dije yo—, lo que este mi amo tiene, según él me dijo, es un muy buen solar de casas y un palomar derribado.

— Bien está —dicen ellos—. Por poco que eso valga, hay para nos entregar de la deuda.¿ Y a qué parte de la ciudad tiene eso? -me preguntaron.

— En su tierra —les respondí.

— Por Dios, que está bueno el negocio —dijeron ellos.— ¿ Y adonde es su tierra?

— De Castilla la Vieja me dijo él que era —le dije yo. Riéronse mucho el alguacil y el escribano, diciendo:

305

— Bastante relación es esta para cobrar vuestra deuda, aunque mejor fuese.

Las vecinas, que estaban presentes, dijeron:

— Señores, éste es un niño inocente y ha pocos días que está con ese escudero, y no sabe de él más que vuestras mercedes, sino cuánto el pecadorcico se llega aquí a nuestra casa y le damos de comer lo que podemos, por amor de Dios, y a las noches se iba a dormir con él.

Vista mi inocencia, dejáronme, dándome por libre. Y el alguacil y el escribano piden al hombre y a la mujer sus derechos. Sobre lo cual tuvieron gran contienda y ruido, porque ellos alegaron no ser obligados a pagar, pues no había de qué ni se hacía el embargo. Los otros decían que

310

e que também não tinha voltado à casa, desde que saiu para trocar a moeda de ouro, e que pensava que tinha fugido deles e de mim com o troco. Assim que ouviram isto, foram chamar um meirinho e um escrivão. Eis que voltam logo com eles, pegam a chave e chamam por mim e por testemunhas. Abrem a porta e entram para embargar os bens do meu amo por conta da dívida. Percorrem toda a casa e viram que estava vazia, conforme contei, e perguntaram-me:

— Onde estão as coisas do seu amo, suas arcas, tapeçarias e os adornos da casa?

— Não sei de nada disso — respondi-lhes.

— Sem dúvida — disseram eles — carregaram tudo durante a noite e levaram para outro lugar. Senhor meirinho, prenda este moço, porque ele sabe onde está tudo. 295

Nisto, o meirinho aproximou-se de mim e agarrou-me pela gola do gi-bão, dizendo:

— Rapaz, você está preso, se não revelar onde estão os bens do seu amo.

Eu, como nunca me tivesse visto num rolo daqueles (porque agarrado pela gola sim havia sido muitas e infinitas vezes, mas com pouca força, pelo cego, para que lhe mostrasse o caminho) tive muito medo e, chorando, prometi responder a tudo o que perguntassem.

— Está bem — disseram eles —. Então diga tudo o que sabe e não tenha medo algum.

Sentou-se o escrivão num banco de pedra, para escrever o inventário, e perguntou-me o que meu amo possuía. 300

— Senhores — disse eu —, o que este meu amo tem, conforme ele me confessou, é um grande solar e um pombal em ruínas.

— Está bem — disseram eles —. Por pouco que isso valha, certamente será suficiente para cobrarmos a dívida. Em que parte da cidade ele tem esses bens? — perguntaram-me.

— Em sua terra — respondi-lhes.

— Por Deus, está ficando bonito o negócio! — exclamaram eles—. Onde é a terra do seu amo?

— Ele disse-me que era em Castela a Velha — respondi. 305

O meirinho e o escrivão riram muito, dizendo:

— Com essa informação basta para cobrar a dívida! Mesmo que fosse bem maior!

As vizinhas, que estavam presentes, disseram:

— Senhores, este menino é inocente e faz poucos dias que está com esse escudeiro. Não sabe nada dele mais do que Vossas Mercês, até porque o pobrezinho vinha aqui a nossa casa e, por amor a Deus, dávamos-lhe de comer com o que podíamos e, à noite, ia dormir com ele.

Provada a minha inocência, largaram-me, devolvendo-me a liberdade. O meirinho e o escrivão pediram ao homem e à mulher os honorários. Armou-se grande confusão e barulho, porque os queixosos disseram que não eram obrigados a pagar, já que não aconteceu o embargo dos bens. Os outros 310

habían dejado de ir a otro negocio, que les importaba más, por venir a aquél.

Finalmente, después de dadas muchas voces, al cabo carga un porquerón con el viejo alfamar de la vieja -aunque no iba muy cargado-. Allá van todos cinco dando voces. No sé en qué paró. Creo yo que el pecador alfamar pagara por todos; y bien se [*le*] empleaba, pues el tiempo que había de reposar y descansar de los trabajos pasados, se andaba alquilando.

Así, como he contado, me dejó mi pobre tercero amo, do acabé de conocer mi ruín dicha, pues, señalándose todo lo que podría contra mí, hacía mis negocios tan al revés, que los amos, que suelen ser dejados de los mozos, en mí no fuese así, mas que mi amo me dejase y huyese de mí.

Tratado Cuarto

Cómo Lázaro se asentó con un fraile de la Merced, y de lo que le acaesció con él

el negocios seglares y visitar; tanto, que pienso que rompía él más zapatos que todo el convento. Éste me dio los primeros zapatos que rompí en mi vida, mas no me duraron ocho días, ni yo pude con su trote durar más. Y por esto y por otras cosillas que no digo, salí de él.

Hube de buscar el cuarto, y éste fue un fraile de la Merced, que las mujercillas que digo me encaminaron, al cual ellas le llamaban pariente. Gran enemigo del coro y de comer en convento, perdido por andar fuera, amicísimo de

Tratado Quinto

Cómo Lázaro se asentó con un buldero, y de las cosas que con él pasó

invencciones.

En entrando en los lugares do habían de presentar la bula, primero presentaba a los clérigos o curas algunas cosillas, no tampoco de mucho valor ni sustancia: una lechuga murciana, si era por el tiempo, un par de limas o naranjas, un melocotón, un par de duraznos, cada sendas peras verdiniales. Ansí procuraba tenerlos propicios, por que favoreciesen su negocio y llamasen sus feligreses a tomar la bula.

Ofresciéndosele a él las gracias, informábase de la suficiencia de ellos. Si decían que entendían, no hablaba palabra en latín, por no dar tropezón; mas aprovechábase de un gentil y bien cortado ramance y desenvoltísima lengua. Y si sabía que los dichos clérigos eran de los reverendos (digo que más con

alegavam que tinham deixado de tratar de outro negócio mais rendoso, para tratarem daquele.

Finalmente, depois de muitos gritos, o meirinho carregou o velho colchão da velha, que não pesava muito. Lá se foram embora todos os cinco, aos berros. Não sei como terminou tudo aquilo. Creio eu que quem pagou foi o pobre colchão. Foi bem feito que pagasse, porque, numa idade em que devia descansar e estar livre de todas as canseiras, ainda se alugava.

Assim, tal como contei, deixou-me o meu pobre terceiro amo, com quem reconheci até onde chegava a minha má sorte. Pois, deixando ver tudo o que ela podia contra mim, fazia meus negócios saírem todos ao contrário. Porque, enquanto os amos são abandonados pelos criados, comigo não foi assim, mas foi a meu amo quem me deixou e fugiu de mim.

Tratado Quarto

De como Lázaro se pôs a serviço de um frade das Mercês e o que lhe aconteceu

perdido por andar fora, grande amigo de negócios seculares e de visitas; tanto que, penso eu, rompia mais sapatos que todo o convento. Foi ele quem me deu os primeiros sapatos que rompi na minha vida; mas não me duraram oito dias, nem eu agüentei com o trote dele. Por isso, e por outras coisinhas que não conto, deixei-o.

Tive de procurar o meu quarto amo e foi este um frade das Mercês, que as mulherzinhas, de quem já falei, indicaram-me e a quem elas chamavam de parente. Grande inimigo do coro e de comer no convento,

Tratado Quinto

De como Lázaro se pôs a serviço de um buleiro e o que lhe aconteceu

ções que tinha e imaginava.

Ao entrar nos lugares onde devia ser proclamada a bula, primeiro apresentava aos clérigos ou padres com qualquer coisinha, de pouco valor e importância: uma alface murciana e, se era tempo, algumas limas ou laranjas, um maracotão, um par de pêssegos, ou uma pera de casca verde para cada um. Procurava, assim, adoçar-lhes a boca, para que, em troca, favorecessem seu negócio e chamassem seus paroquianos a receber a bula.

Quando lhe agradeciam os presentes, informava-se dos conhecimentos deles. Se diziam que sabiam latim, não pronunciava uma palavra latina, para não tropeçar. Mas aproveitava-se de um belo e rebuscado vernáculo e de um desenvolvido falar. Mas, se percebia que tais clérigos eram daqueles reveren-

Para minha sorte dei com o quinto, que era um buleiro, o mais experiente e desavergonhado e o maior negociante de bulas que jamais vi, ou espero ver, nem penso que alguém viu, pelas formas e maneiras especiais e sutis inven-

dineros que con letras y con reverendas se ordenan), hacíase entre ellos un Santo Tomás y hablaba dos horas en latín, a lo menos que lo parecía, aunque no lo era.

Cuando por bien no le tomaban las bulas, buscaba cómo por mal se las tomasen, y para aquello hacía molestias al pueblo, y otras veces con mañosos artificios. Y porque todos los que le veía hacer sería largo de contar, diré uno muy sutil y donoso, con el cual probaré bien su suficiencia.

En un lugar de La Sagra de Toledo había predicado dos o tres días, haciendo sus acostumbradas diligencias, y no le habían tomado bula, ni a mi ver tenían intención de se la tomar. Estaba dado al diablo con aquello, y, pensando qué hacer, se acordó de convidar al pueblo para otro día de mañana despedir la bula.

Y esa noche, después de cenar, pusieron a jugar la colación él y el alguacil, y sobre el juego vinieron a reñir y a haber malas palabras. Él llamó al alguacil ladrón, y el otro a él falsario. Sobre esto, el señor comisario, mi señor, tomó un lanzón que en el portal do jugaban estaba; el alguacil puso mano a su espada, que en la cinta tenía.

Al ruido y voces que todos dimos, acuden los huéspedes y vecinos y métense en medio. Y ellos, muy enojados, procurándose de desembarazar de los que en medio estaban, para se matar. Mas como la gente al gran ruido cargase y la casa estuviese llena de ella, viendo que no podían afrontarse con las armas, decíanse palabras injuriosas, entre las cuales el alguacil dijo a mi amo que era falsario y las bulas que predicaba que eran falsas. Finalmente, que los del pueblo, viendo que no bastaban a ponellos en paz, acordaron de llevar el alguacil de la posada a otra parte. Y así quedó mi amo muy enojado. Y después que los huéspedes y vecinos le hubieron rogado que perdiese el enojo y se fuese a dormir, se fue, y así nos echamos todos.

La mañana venida, mi amo se fue a la iglesia y mandó tañer a misa y al sermón para despedir la bula. Y el pueblo se juntó, el cual andaba murmurando de las bulas, diciendo cómo eran falsas y que el mismo alguacil, riñendo, lo había descubierto. De manera que, tras que tenían mala gana de tomalla, con aquello del todo la aborrescieron.

El señor comisario se subió al pulpito, y comienza su sermón y a animar la gente a que no quedasen sin tanto bien y indulgencia como la santa bula traía. Estando en lo mejor del sermón, entra por la puerta de la iglesia el alguacil y, desde hizo oración, levantóse y, con voz alta y pausada, cuerda-mente comenzó a decir:

— Buenos hombres, oídme una palabra, que después oiréis a quien quisieredes. Yo vine aquí con este echacuervo que os predica, el cual me engañó y dijo que le favoreciese en este negocio y que partiríamos la ganancia. Y agora, visto el daño que haría a mi conciencia y a vuestras haciendas, arrepentido de lo hecho, os declaro claramente que las bulas que predica son falsas y que no le creáis ni las toméis, y que yo, *directe ni indirecte*, no soy parte en ellas, y que desde agora dejo la vara y doy con ella en el suelo. Y sin en algún

dos (que se ordenam mais com o dinheiro do que com estudos e recomendações), transformava-se diante deles num Santo Tomás. Falava duas horas em latim; pelo menos parecia, embora não o fosse.

Quando não lhe aceitavam as bulas por bem, procurava que as aceitassem por mal. Para isso, incomodava o povo e outras vezes com manhosos artifícios. Como levaria muito tempo para contar todos os que vi fazer, falarei de um, muito sutil e engraçado, com o qual ficará provada a sua habilidade.

Num lugar da Sagra de Toledo, ele havia pregado dois ou três dias, fazendo as suas costumeiras diligências. Não lhe haviam adquirido uma bula sequer, nem demonstravam intenção de fazê-lo. Maldizia por isso e, pensando em que fazer, combinou convidar o povo para a despedida da bula, no outro dia de manhã.

Essa noite, depois de jantar, ele e o meirinho puseram-se a jogar por uma colação. Por causa do jogo, discutiram e se ofenderam. Ele chamou o meirinho de ladrão e o outro chamou-lhe de falsário. Por isto, o senhor comissário, meu amo, pegou uma grande lança, que estava à porta da casa onde jogavam. O meirinho pôs a mão na espada que trazia à cintura.

Ao barulho e aos gritos que todos demos, correram os hóspedes e vizinhos e meteram-se no meio dos dois. Eles, bastante enfurecidos, procuravam livrar-se dos que queriam separá-los, para se matarem. Como as pessoas acorressem ao grande alvoroço e assim a casa se enchesse de gente, vendo que não poderiam enfrentar-se com as armas, ofendiam-se com palavras injuriosas. Entre as quais, o meirinho disse ao meu amo que era um falsário e que as bulas que proclamava eram falsas. Finalmente, os do lugar, vendo que não conseguiam apaziguá-los, decidiram levar o meirinho da pousada a outra parte. Com isso, meu amo ficou ainda mais irritado. Depois que os hóspedes e os vizinhos lhe pediram que se acalmasse e fosse dormir, lá se foi e assim fomos todos.

320

Na manhã seguinte, o meu amo foi à igreja e mandou tanger para a missa e para o sermão, a fim de distribuir a bula. O povo, que se aglomerou, já andava murmurando sobre as bulas, dizendo que eram falsas e que o próprio meirinho, durante a discussão, o tinha revelado. De modo que, se antes tinham dúvida em aceitá-las, depois disto nem queriam ouvir falar nelas.

O senhor comissário subiu ao púlpito e começou o seu sermão, animando as pessoas a não perderem tanto benefício e as indulgências que a santa bula lhes trazia. Estando no melhor do sermão, entrou pela porta da igreja o meirinho. Depois que fez sua oração levantou-se e, em voz alta e pausada, sensatamente começou a dizer:

— Boa gente, ouçam a minha palavra, e depois ouvirão a quem quizerem. Eu vim aqui por causa deste embusteiro que lhes está pregando, porque me enganou e disse para ajudá-lo neste negócio e que depois repartiríamos o lucro. Agora, visto o dano que causaria à minha consciência e aos seus bens, arrependido do que fiz declaro-lhes em alto e bom som que as bulas que ele prega são falsas; que não devem acreditar nem aceitá-las e que eu, nem dire-

tiempo éste fuere castigado por la falsedad, que vosotros me seáis testigos cómo yo no soy con él ni le doy a ello ayuda, antes os desengaño y declaro su maldad.

Y acabó su razonamiento, algunos hombres honrados que allí estaban se quisieron levantar y echar el alguacil fuera de la iglesia, por evitar escándalo. Mas mi amo les fue a la mano y mandó a todos que, so pena de excomunión, no le estorbasen, mas que le dejasen decir todo lo que quisiese. Y así, él también tuvo silencio, mientras el alguacil dijo todo lo que he dicho.

Como calló, mi amo le preguntó si quería decir más, que lo dijese. El alguacil dijo:

— Harto hay más que decir de vos y de vuestra falsedad, mas por agora basta.

El señor comisario se hincó de rodillas en el pulpito y, puestas las manos y mirando al cielo, dijo así:

— Señor Dios, a quien ninguna cosa es escondida, antes todas manifestadas, y a quien nada es imposible, antes todo posible: tú sabes la verdad y cuán injustamente yo soy afrentado. En lo que a mí toca, yo lo perdono, por que tú, Señor, me perdones. No mires a aquél, que no sabe lo que hace ni dice; mas la injuria a ti hecha te suplico y por justicia te pido no disimules. Porque alguno que está aquí, que por ventura pensó tomar aquesta santa bula, dando crédito a las falsas palabras de aquel hombre, lo dejará de hacer. Y pues es tanto perjuicio del prójimo, te suplico yo, Señor, no lo disimules; mas luego muestra aquí milagro, y sea de esta manera: que, si es verdad lo que aquél dice y que yo traigo maldad y falsedad, este púlpito se hunda conmigo y meta siete estados debajo de tierra, do él ni yo jamás parezcamos; y si es verdad lo que yo digo y aquél, persuadido del demonio, por quitar y privar a los que están presentes de tan gran bien, dice maldad, también sea castigado y de todos conocida su malicia.

Apenas había acabado su oración el devoto señor mío, cuando el negro alguacil cae de su estado y da tan gran golpe en el suelo, que la iglesia toda hizo resonar, y comenzó a bramar y echar espumajos por la boca y torcella y hacer visajes con el gesto, dando de pie y de mano, revolviéndose por aquel suelo a una parte y a otra.

El estruendo y voces de la gente era tan grande, que no se oían unos a otros. Algunos estaban espantados y temerosos. Unos decían: “El Señor le socorra y valga”. Otros: “bien se le emplea, pues levantaba tan falso testimonio”.

Finalmente, algunos que allí estaban, y a mi parecer no sin harto temor, se llegaron y le trabaron de los brazos, con los cuales daba fuertes puñadas a los que cerca de él estaban. Otros le tiraban por las piernas y tuvieron reciamente, porque no había mula falsa en el mundo que tan recias coces tirase. Y así le tuvieron un gran rato. Porque más de quince hombres estaban sobre él, y a todos daba las manos llenas, y, si se descuidaban, en los hocicos.

ta nem indiretamente, não tenho nada a ver com o assunto. A partir deste momento, deixo a minha vara e atiro-a ao chão. Se alguma vez ele vier a ser castigado por sua falsidade, peço-lhes que sejam testemunhas de que não estou com ele nem o ajudo, antes os desengano e denuncio a sua maldade.

Assim terminou o seu arrazoado. Alguns homens honrados que ali estavam quiseram levantar-se e pôr o meirinho fora da igreja, para evitar o escândalo. Mas o meu amo impediu-os e ordenou a todos que, sob pena de excomunhão, não o incomodassem, mas que o deixassem dizer tudo o que bem entendesse. Assim, ele também ficou em silêncio, enquanto o meirinho disse tudo o que contei.

Quando calou, meu amo disse-lhe que, se queria continuar, que o fizesse. O meirinho respondeu:

— Há muito mais a dizer a seu respeito e de sua falsidade, mas por ora basta.

O senhor comissário pôs-se de joelhos no púlpito e, de mãos postas e olhando para o céu, assim falou:

— Senhor Deus, a quem nada se pode esconder, mas tudo é evidente, e a quem nada é impossível, mas tudo é possível: o Senhor sabe a verdade e quanto sou injustamente difamado. Pelo que me toca, eu o perdôo, para que o Senhor Deus também me perdoe. Não olhe para aquele que não sabe o que faz nem o que diz; mas a injúria feita ao seu nome, suplico-lhe e, em nome da justiça, peço-lhe que não a desculpe. Porque alguns dos que aqui estão, que porventura pensaram tomar esta santa bula, dando crédito às falsas palavras daquele homem, deixarão de fazê-lo. Por ser tão grande o prejuízo do próximo, suplico-lhe. Senhor, que não o deixe passar. Mas mostre logo um milagre aqui e desta maneira: se for verdade o que ele diz e que eu trago em mim o mal e a falsidade, que este púlpito caia e se afunde comigo na terra, onde nem ele nem eu nunca mais sejamos vistos. Se é verdade o que eu digo e ele, tomado pelo demônio para prejudicar e privar os presentes de tão grande benefício, diz mentiras, também seja castigado e a sua perfídia conhecida de todos.

Mal tinha acabado sua oração o meu devoto senhor, o malfadado meirinho caiu por terra. Deu tão grande golpe no chão, que ressoou por toda a igreja. Começou a rugir e a soltar espumas pela boca, a torcê-la e a fazer caretas, sacudindo os pés e as mãos, revolvendo-se pelo chão de um lado a outro.

O estrondo e os gritos daquela gente eram tão grandes, que já não se ouviam uns aos outros. Alguns estavam cheios de espanto e de medo. Uns diziam: “Que o Senhor lhe acuda e valha”. Outros: “Ele tem o que merece, por ter levantado tão falso testemunho”.

Finalmente, alguns dos presentes, a meu ver não sem grande temor, aproximaram-se. Agarraram-lhe os braços, com os quais ele golpeava fortemente aos que estavam perto. Outros puxavam-no pelas pernas e seguravam-no com força, porque não havia no mundo mula traíçoira que atirasse coices tão violentos. Assim o seguraram algum tempo. Porque estavam em cima dele mais de quinze homens, e a todos ele distribuía socos e, se se descuidavam, acertava-lhes as fuças.

A todo esto, el señor mi amo estaba en el pulpito de rodillas, las manos y los ojos puestos en el cielo, transportado en la divina esencia, que el planto y ruido y voces que en la iglesia había no eran parte para apartalle de su divina contemplación.

Aquellos buenos hombres llegaron a él y, dando voces, le despertaron y le suplicaron quisiese socorrer a aquel pobre que estaba muriendo y que no mirase a las cosas pasadas ni a sus dichos malos, pues ya de ellos tenía el pago; mas si en algo podría aprovechar para librarle del peligro y pasión que padecía, por amor de Dios lo hiciese, pues ellos veían clara la culpa del culpado y la verdad y bondad suya, pues a su petición y venganza el Señor no alargó el castigo.

El señor comisario, como quien despierta de un dulce sueño, los miró y miró al delincuente y a todos los que alderredor estaban, y muy pausadamente les dijo:

— Buenos hombres, vosotros nunca habíades de rogar por un hombre en quien Dios tan señaladamente se ha señalado, mas, pues Él nos manda que no volvamos mal por mal y perdonemos las injurias, con confianza podremos suplicarle que cumpla lo que nos manda, y Su Majestad perdona a este que le ofendió poniendo en su santa fe obstáculo. Vamos todos a suplicalle.

Y, así, bajó del pulpito y encomendó a que muy devotamente suplicasen a Nuestro Señor tuviese por bien de perdonar a aquel pecador y volverle en su salud y sano juicio y lanzar de él el demonio, si Su Majestad había permitido que por su gran pecado en él entrase.

Todos se hincaron de rodillas, y delante del altar, con los clérigos, comenzaban a cantar con voz baja una letanía. Y viniendo él con la cruz y agua bendita, después de haber sobre él cantado, el señor mi amo, puestas las manos al cielo y los ojos que casi nada se le parecía sino un poco de blanco, comienza una oración no menos larga que devota, con la cual hizo llorar a toda la gente, (como suelen hacer en los sermones de Pasión de predicador y auditorio devoto), suplicando a Nuestro Señor, pues no quería la muerte del pecador sino su vida y arrepentimiento, que aquel encaminado por el demonio y persuadido de la muerte y pecado le quisiese perdonar y dar vida y salud, para que se arrepintiese y confesase sus pecados.

Y esto hecho, mandó traer la bula y púsosela en la cabeza, y luego el pecador del alguacil comenzó poco a poco a estar mejor y tomar en sí. Y desde que fue bien vuelto en su acuerdo, echóse a los pies del señor comisario y demandóle perdón, y confesó haber dicho aquello por la boca y mandamiento del demonio, lo uno, por hacer a él daño y vengarse del enojo; lo otro, y más principal, porque el demonio recibía mucha pena del bien que allí se hiciera en tomar la bula.

El señor mi amo le perdonó, y fueron hechas las amistades entre ellos. Y a tomar la bula hubo tanta priesa, que casi ánima viviente en el lugar no quedó sin ella: marido y mujer, y hijos y hijas, mozos y mozas.

Durante este tempo, o senhor meu amo permanecia ajoelhado no púlpito, com as mãos e os olhos voltados para o céu, transportado à essência divina, pois a choradeira, o tumulto e os gritos que soavam na igreja não bastavam para arrancá-lo da sua divina contemplação.

Aqueles bons homens aproximaram-se e, aos gritos, acordaram-no. Suplicaram-lhe que fosse socorrer aquele infeliz que estava morrendo e que não olhasse para as coisas passadas nem para as suas injustas palavras, porque já por elas havia pagado. Mas que, se alguma coisa pudesse fazer para livrá-lo do perigo e do sofrimento, pelo amor de Deus o fizesse, já que todos viam claramente a culpa do culpado e a verdade e bondade dele, pois o buleiro, a seu pedido e vingança, o Senhor não havia tardado em castigá-lo.

O senhor comissário, como quem acorda de um agradável sonho, olhou para eles e para o delinqüente e para todos os que o rodeavam e disse-lhes, pausadamente:

— Bons homens, os senhores nunca deveriam pedir por um pecador em que Deus tão claramente se revelou; porém, como Ele nos manda que não paguemos o mal com o mal e que perdoemos as injúrias, podemos rogar-lhe confiadamente que cumpra o que nos manda fazer e que a Sua Majestade perdoe a este que o ofendeu pondo obstáculo a sua santa fé. Vamos todos suplicar-lhe.

Assim, desceu do púlpito e recomendou ali que, com a maior devoção, suplicassem a Nosso Senhor houvesse por bem perdoar àquele pecador e torná-lo à sua saúde e são juízo e expulsar dele o demônio, se a Sua Majestade tinha permitido que, pelo seu grande pecado, nele entrasse.

Todos caíram de joelhos e, diante do altar, acompanhados pelos clérigos, começaram a cantar em voz baixa uma ladainha. Chegando com a cruz e a água benta, depois de ter cantado sobre ele, o senhor meu amo, erguidas as mãos e os olhos, dos que não se via senão um pedacinho do branco, começou uma oração tão comprida como devota, que arrancou lágrimas de toda a gente (como costuma acontecer nos sermões da Paixão, quando o pregador e o auditório são devotos). Suplicava a Nosso Senhor, pois não queria a morte do pecador, mas a sua vida e arrependimento, que àquele, guiado pelo demônio e persuadido da morte e do pecado, lhe quisesse perdoar e dar vida e saúde, para que se arrependesse e confessasse seus pecados.

Feito isso, mandou trazer a bula e a pôs sobre a cabeça do pecador do meirinho. Este começou a melhorar pouco a pouco, e a voltar a si. Quando recobrou os sentidos por completo, lançou-se aos pés do senhor comissário. Pediu-lhe perdão e confessou ter dito aquilo pela boca e a mando do demônio, por um lado, para causar-lhe dano e vingar-se da injúria; por outro e principalmente, pelo grande prejuízo que o demônio sofria pelo bem que ali se faria ao tomar a bula.

O senhor meu amo perdoou-lhe e fizeram as pazes. Toda a gente teve tanta pressa em tomar a bula, que quase não houve alma viva no lugar que ficasse sem ela: tomaram-na marido e mulher, filhos e filhas, moços e moças.

Divulgóse la nueva de lo acaescido por los lugares comarcanos, y cuando a ellos llegábamos, no era menester sermón ni ir a la iglesia, que a la posada la venían a tomar, como si fueran peras que se dieran de balde. De manera que en diez o doce lugares de aquellos alderredores donde fuimos, echó el señor mi amo otras tantas mil bulas sin predicar sermón.

Quando él hizo el ensayo, confieso mi pecado, que también fui de ello espantado y creí que ansí era, como otros muchos, mas, con ver después la risa y burla que mi amo y el alguacil llevaban y hacían del negocio, conocí cómo había sido industriado por el industrioso e inventivo de mi amo.

340

[Acaesciõnos en otro lugar, el cual no quiero nombrar por su honra, lo siguiente, y fue que mi amo predicó dos o tres sermones, y dó a Dios la bula tomaban. Visto por el astuto de mi amo lo que pasaba, y que aunque decía se fiaban por un año no aprovechaba, y que estaban tan rebeldes en tomarla, y que su trabajo era perdido, hizo tocar las campanas para despedirse, y hecho su sermón y despedido desde el pulpito, ya que se quería abajar, llamó al escribano y a mí, que iba cargado con unas alforjas, y hízonos llegar al primer escalón y tomó al alguacil las que en las manos llevaba, y las que yo tenía en las alforjas púsolas junto a sus pies, y tornóse a poner en el pulpito con cara alegre, y arrojar desde allí, de diez en diez y de veinte en veinte, de sus bulas hacia todas partes, diciendo:

—Hermanos míos, tomad, tomad de las gracias que Dios os envía hasta vuestras casas, y no os duelá, pues es obra tan pía la redención de los cautivos cristianos que están en tierra de moros, por que no renieguen nuestra santa fe y vayan a las penas del infierno, siquiera ayudaldes con vuestra limosna, y con cinco Paternostres y cinco Avemarias, para que salgan de cautiveiro. Y aun también aprovechan para los padres y hermanos y deudos que tenéis en el purgatorio, como lo veréis en esta santa bula.

Como el pueblo las vio ansí arrojar, como cosa que la daba de balde y ser venida de la mano de Dios, tomaban a más tomar, aun para los niños de la cuna y para todos sus defuntos, contando desde los hijos hasta el menor criado que tenían, contándolos por los dedos. Vímonos en tanta priesa, que a mí aínas me acabaron de romper un pobre y viejo sayo que traía; de manera que certifico a Vuestra Merced que en poco más de un hora no quedó bula en las alforjas, y fue necesario ir a la posada por más.

Acabados de tomar todos, dijo mi amo desde el pulpito a su escribano y al del Consejo que se levantasen, y para que se supiese quién eran los que habían de gozar de la santa indulgencia y perdones de la santa bula y para que él diese buena cuenta a quien le había enviado, se escribiesen.

Y así, luego todos de muy buena voluntad decían las que habían tomado, contando por orden los hijos y criados y defuntos.

Hecho su inventario, pidió a los alcaldes que, por caridad, porque él tenía que hacer en otra parte, mandasen al escribano le diese autoridad del

345

Divulgou-se a notícia do acontecimento por todos os lugares da região. Quando neles chegávamos, não era necessário fazer sermão nem ir à igreja, porque vinham tomar as bulas na estalagem, como se fossem peras que se davam de graça. De modo que, em dez ou doze lugares daqueles arredores aonde fomos, distribuiu o senhor meu amo outras tantas mil bulas sem fazer sermão.

Quando ele representou aquela farsa, confesso o meu pecado, também eu julguei que era verdade, como tantos outros, mas, ao notar depois o riso e a troça que o meu amo e o meirinho faziam do negócio, percebi que tudo fora engendrado pelo engenhoso e inventivo amo.

340

[Aconteceu-nos em outro lugar, que não quero nomear por sua honra, o seguinte: foi o meu amo e pregou dois ou três sermões onde, valha-me Deus, ninguém tomava a bula. Vendo o astuto do meu amo o que se passava e que estavam tão rebeldes em aceitá-la e que seu trabalho era perdido, fez tocar os sinos para despedir-se. Feito seu sermão e a despedida do púlpito, já quando queria descer, chamou o escrivão e a mim, que estava carregado com alguns alforjes, e fez-nos chegar ao primeiro degrau. Tomou do meirinho as que levava nas mãos e as que eu tinha nos alforjes, colocou-as junto a seus pés e tornou a colocar-se no púlpito, com a cara alegre, e a atirar dali suas bulas de dez em dez e de vinte em vinte, em todas as direções, dizendo:

— Meus irmãos, aceitem, aceitem as graças que Deus lhes envia até suas casas e que isto não lhes cause dor, pois é obra tão pia a redenção dos cristãos cativos que estão nas terras dos mouros. Para que não reneguem a nossa santa fé e sofram as penas do inferno, ajudem-nos ao menos com a sua esmola e com cinco padre-nossos e cinco ave-marias, para que saiam do cativeiro. Elas servem também para os pais, irmãos e parentes que os senhores têm no Purgatório, como verão nesta santa bula.

Como o povo as visse atiradas assim, qual coisa dada de graça e vinha da mão de Deus, tomava-as com todo o fervor, também para as crianças de colo e para todos os seus defuntos, contando desde os filhos até o mais humilde criado que tinham, contando-os nos dedos. Vimo-nos diante de tanta pressa, que quase acabaram por rasgar-me um pobre e velho saio que vestia, de modo que certifico a Vossa Mercê que em pouco mais de uma hora não restou bula nos alforjes e ele foi à estalagem buscar mais.

Quando todos, enfim, se deram por satisfeitos, disse o meu amo, do alto do púlpito, ao seu escrivão e ao do Conselho que se levantassem; e para que se soubesse quem eram os que haviam de gozar da santa indulgência e dos perdões da santa bula e para que ele prestasse boa conta a quem o havia enviado, se inscrevessem.

Assim, logo todos declararam de boa vontade quantas bulas haviam tomado, contando por ordem os filhos e criados e até defuntos.

Feito o inventário, pediu aos alcaides que, por caridade, porque ele tinha o que fazer em outra parte, ordenassem ao escrivão que o certificasse

345

inventario y memoria de las que allí quedaban, que según decía el escribano, eran más de dos mil.

Hecho esto, él se despidió con mucha paz y amor, y así nos partimos de este lugar. Y aun antes que nos partiésemos, fue preguntado él por el teniente cura del lugar y por los regidores si la bula aprovechaba para las criaturas que estaban en el vientre de sus madres. A lo cual él respondió que, según las letras que él había estudiado, que no, que lo fuesen a preguntar a los doctores más antiguos que él, y que esto era lo que sentía en este negocio.

E así nos partimos, yendo todos muy alegres del buen negocio. Decía mi amo al alguacil y escribano:

— *¿Qué os parece, cómo a estos villanos, que con sólo decir cristianos viejos somos, sin hacer obras de caridad se piensan salvar, sin poner nada de su hacienda? Pues, ¡ por vida del licenciado Pascasio Gómez, que a su costa se saquen más de diez cautivos!*

350

Y así nos fuimos hasta otro lugar de aquel cabo de Toledo, hacia La Mancha, que se dice, adonde topamos otros más obstinados en tomar bulas. Hechas mi amo y los demás que íbamos nuestras diligencias, en dos fiestas que allí estuvimos no se habían echado treinta bulas.

Visto por mi amo la gran perdición y la mucha costa que traía, y el aridez que el sutil de mi amo tuvo para hacer desprender sus bulas fue que este día dijo la misa mayor, y después de acabado el sermón y vuelto al altar, tomó una cruz que traía de poco más de un palmo, y en un brasero de lumbre que encima del altar había (el cual habían traído para calentarse las manos, porque hacía gran frío), púsole detrás del misal, sin que nadie mirase en ello. Y allí, sin decir nada, puso la cruz encima la lumbre, y ya que hubo acabado, la misa y echada la bendición, tomola con un pañuelo bien envuelta la cruz en la mano derecha y en la otra la bula, y así se bajó hasta la postera grada del altar, adonde hizo que besaba la cruz. Y hizo señal que viniesen adorar la cruz. Y así vinieron los alcaldes los primeros y los más ancianos del lugar, viniendo uno a uno, como se usa.

Y el primero que llegó, que era un alcalde viejo, aunque él le dio a besar la cruz bien delicadamente, se abrasó los rostros y se quitó presto afuera, lo cual visto por mi amo, le dijo.

— *Paso quedo, señor alcalde! ¡ Milagro!*

Y así hicieron otros siete o ocho. Y a todos les decía:

355

— *¡ Paso, señores! ¡ Milagro!*

Cuando él vido que los rostriquemados bastaban para testigos del milagro, no la quiso dar más a besar. Subióse al pie del altar y de allí decía cosas maravillosas, diciendo que por la poca caridad que había en ellos había Dios permitido aquel milagro, y que aquella cruz había de ser llevada a la santa iglesia mayor de su obispado, que por la poca caridad que en el pueblo había, la cruz ardía.

Fue tanta la prisa que hubo en el tomar de la bula, que no bastaban dos escribanos ni los clérigos ni sacristanes a escribir. Creo de cierto

por escrito bem como a relação das bulas que ali ficavam, as quais, segundo esse mesmo escrivão, somavam mais de mil.

Feito isto, despediu-se tranqüilamente, com muita paz e amor. Assim partimos deste lugar; mas, antes de partirmos, o padre do lugar e os rege dores foram perguntar-lhe se a bula dava proveito também às criaturas que estavam no ventre de suas mães, ao que ele respondeu, segundo o que ele tinha estudado, que não; que fossem perguntar aos doutores mais antigos que ele, e que isto era o que achava neste negócio.

Assim partimos, indo todos muito alegres com o bom negócio. Dizia o meu amo ao meirinho e ao escrivão:

—Que lhes parece, como é que esses aldeões, só com dizer somos cristãos-velhos, sem fazer obras de caridade, pensam em se salvar sem pôr nada dos seus bens? Pois, pela vida do licenciado Pascásio Gómez, que a sua custa se livrem mais de dez cativos!

350

Assim fomos até outro lugar, naqueles confins de Toledo em direção à Mancha, como se diz, onde topamos com outros mais obstinados em tomar bulas. Feitas, pelo meu amo e pelos demais membros da sua comitiva, as nossas diligências, em duas festas em que lá estivemos, não se tinham vendido trinta bulas.

Tendo visto o sutil do meu amo a grande perda e o alto prejuízo causando, a ardileza que usou para gastar as suas bulas consistiu em que, nesse dia, rezando a missa solene, terminado o sermão, voltou ao altar e tomou uma cruz que trazia de pouco mais de um palmo, e um braseiro que estava sobre o altar (que ali haviam posto para aquecer as mãos, porque fazia muito frio) ele colocou detrás do missal, sem que ninguém percebesse. Então, sem dizer nada, pôs a cruz sobre as brasas. E assim que terminou a missa e deu a bênção, tomou a cruz com a mão direita, envolvendo-a bem com um lenço, e com a outra mão tomou a bula. E assim desceu até a última grade do altar, onde fingiu que beijava a cruz, e fez sinal para que viessem adorá-la. Assim, vieram os alcaides primeiro e os mais anciãos do lugar, um a um, como é de costume.

O primeiro que chegou, que era um alcaide velho, embora tivesse beijado a cruz delicadamente, ficou com as faces coradas e se afastou apressadamente, o que foi visto por meu amo, que lhe disse:

—Calma, quieto, senhor alcaide! Milagre!

Assim fizeram outros sete ou oito, e a todos lhes dizia:

355

—Calma, senhores! Milagre!

Quando ele achou que os rostos queimados eram suficientes para testemunhar o milagre, não quis mais dar a cruz para beijar. Subiu ao pé do altar e dali dizia coisas maravilhosas, dizendo que, por causa da pouca caridade que eles tinham, Deus havia permitido aquele milagre, e que aquela cruz seria levada à santa igreja matriz do seu bispado, e que, por causa da pouca caridade que havia naquele povoado, a cruz ardia.

Foi tanta a pressa que houve em se aceitar a bula, que nem dois escrivães nem os clérigos nem os sacristães eram suficientes para escrever.

que se tomaron más de tres mil bulas, como tengo dicho a Vuestra Merced.

Después, al partir, él fue con gran reverencia, como es razón, a tomar la santa cruz, diciendo que la había de hacer engastonar en oro, como era razón. Fue rogado mucho del Concejo y clérigos del lugar les dejase allí aquella santa cruz, por memoria del milagro allí acaescido. Él en ninguna manera lo quería hacer, y al fin, rogado de tantos, se la dejó; con que le dieron otra cruz vieja que tenían, antigua, de plata, que podrá pesar dos o tres libras, según decían.

Y así nos partimos alegres con el buen trueque y con haber negociado bien. En todo no vio nadie lo susodicho sino yo. Porque me subía a par del altar para ver si había quedado algo en las ampollas, para ponello en cobro, como otras veces yo lo tenía de costumbre; y como allí me vio, púsose el dedo en la boca, haciéndome señal que callase. Yo así lo hice, porque me cumplía, aunque después que vi el milagro no cabía en mí por echallo fuera, sino que el temor de mi astuto amo no me lo dejaba comunicar con nadie, ni nunca de mí salió. Porque me tomó juramento que no descubriese el milagro, y así lo hice hasta agora.]

Y aunque mochacho, cayóme mucho en gracia, y dije entre mí: 360
“¡Cuántas de éstas deben hacer estos burladores entre la inocente gente!”

Finalmente, estuve con este mi quinto amo cerca de cuatro meses, en los cuales pasé también hartas fatigas, [*aunque me daba bien de comer, a costa de los curas y otros clérigos do iba a predicar.*]

Tratado Sexto

*Cómo Lázaro se asentó
con un capellán, y lo que
con él pasó*

Después de esto, asenté con un maestro de pintar panderos para molelle los colores, y también sufrí mil males.

Siendo ya en este tiempo buen mozuelo, entrando un día en la iglesia mayor, un capellán de ella me recibió por suyo; y púsome en poder un asno y cuatro cántaros y un azote, y comencé a echar agua por la cibdad. Éste fue el primer escalón que yo subí para venir a alcanzar buena vida, porque mi boca era medida. Daba cada día a mi amo treinta maravedís ganados, y los sábados ganaba para mí, y todo lo demás, entre semana, de treinta maravedís.

Fueme tan bien en el oficio, que al cabo de cuatro años que lo usé, con poner en la ganancia buen recaudo, ahorré para me vestir muy honradamente de la ropa vieja, de la cual compré un jubón de fustán viejo y un sayo raído de manga tranzada y puerta y una capa que había sido frisada, y una espada de las viejas primeras de Cuéllar. Desque me vi en hábito de hombre de bien, dije a mi amo se tomase su asno, que no quería más seguir aquel oficio.

Acredito que se venderam mais de três mil bulas, como tenho dito a Vossa Mercê.

Depois disso ele foi, com grande reverência, como o momento exigia, buscar a santa cruz, dizendo que, por justiça, era preciso engastá-la em ouro. O Conselho e os clérigos do lugar rogaram-lhe muito que deixasse ali aquela santa cruz, como testemunha do milagre acontecido naquele lugar. Ele, de nenhuma maneira, queria atender ao pedido, mas, como as rogativas foram tantas, concordou em deixá-la; com o que, em troca, deram-lhe uma outra cruz velha que tinham, antiga, de prata, que pesaria duas ou três libras, conforme diziam.

Assim partimos alegres com a boa troca e com o bom negócio. Ninguém percebeu o que aconteceu a não ser eu, pois eu subi rente ao altar, para ver se ficara nas galhetas alguma coisa que eu pudesse guardar para mim, como de outras vezes costumava fazer; e como ali me viu, levou o dedo à boca, fazendo sinal para que me calasse. Assim fiz, porque me cabia, embora depois de ver o milagre não me coubesse em mim por espalhá-lo; porém, o receio que tinha do meu astuto amo não me deixava comunicá-lo a ninguém, nem nunca saiu de mim, porque ele me fez jurar que eu não descobriria o milagre. Assim procedi até agora.]

Apesar de rapaz ainda, achei tudo isto uma graça e disse para mim mesmo: “Quantas destas devem fazer estes enganadores às pessoas inocentes!”

360

Para terminar, estive com este meu quinto amo perto de quatro meses, nos quais experimentei também grandes fadigas, [embora me desse bem de comer, à custa dos padres e outros clérigos de onde ia pregar.]

Tratado Sexto

De como Lázaro se pôs a serviço de um capelão e o que lhe aconteceu

Depois disto, ajustei-me com um mestre pintor de pandeiros, para lhe moer as cores, e também sofri mil tormentos.

Sendo eu já a esta altura um rapaz, entrando um dia na igreja matriz, um capelão recebeu-me a seu serviço. Entregou-me um burro, quatro cântaros e um chicote. Comecei a distribuir água pela cidade. Foi este o primeiro degrau que subi para chegar a ter uma boa vida, porque consegui tudo o que queria. Dava, todos os dias, ao meu amo, trinta maravedis dos que ganhava; ficava para mim tudo o que ganhava aos sábados e o que, nos demais dias da semana, passasse dos trinta maravedis.

Saí-me tão bem no ofício, que, depois de quatro anos em que nele estive, guardando o que ganhava, economizei para me vestir muito decentemente com roupa usada. Comprei um gibão velho de fustão e um saio puído de manga trançada e com abertura, uma capa que outrora tivera pelo frisado, das primeiras de Cuêlhar. Desde que me vi em roupas de homem de bem, disse ao meu amo que ficasse com seu burro, que eu não queria mais continuar naquele ofício.

Tratado Séptimo

Cómo Lázaro se asentó con un alguaci, y de lo que le acaesció con él

Despedido del capellán asenté por hombre de justicia con un alguacil. Mas muy poco viví con él, por parescerme oficio peligroso; mayormente, que una noche nos corrieron a mí y a mi amo a pedradas y a palos unos retraídos, y a mi amo, que esperó, trataron mal, mas a mí no me alcanzaron. Con esto renegué del trato.

Y pensando en qué modo de vivir haría mi asiento, por tener descanso y ganar algo para la vejez, quiso Dios alumbrarme y ponerme en camino y manera provechosa. Y con favor que tuve de amigos y señores, todos mis trabajos y fatigas hasta entonces pasados fueron pagados con alcanzar lo que procuré, que fue un oficio real, viendo que no hay nadie que medre sino los que le tienen. En el cual el día de hoy vivo y resido a servicio de Dios y de Vuestra Merced. Y es que tengo cargo de pregonar los vinos que en esta ciudad se venden, y en almonedas y cosas perdidas, acompañar los que padecen persecuciones por justicia y declarar a voces sus delitos: pregonero, hablando en buen romance.

[En el cual oficio, un día que ahorcábamos un apañador en Toledo, y llevaba una buena sogá de esparto, conosci y caí en la cuenta de la sentencia que aquel mi ciego amo había dicho en Escalona, y me arrepentí del mal pago que le di, por lo mucho que me enseñó. Que, después de Dios, él me dio industria para llegar al estado que ahora esto.]

Hame sucedido tan bien, yo le he usado tan fácilmente, que casi todas las cosas al oficio tocantes pasan por mi mano; tanto, que, en toda la ciudad, el que ha de echar vino a vender, o algo, si Lázaro de Tormes no entiende en ello, hacen cuenta de no sacar provecho.

En este tiempo, viendo mi habilidad y buen vivir, teniendo noticia de mi persona el señor arcipreste de San Salvador, mi señor, y servidor y amigo de Vuestra Merced, porque le pregonaba sus vinos, procuró casarme con una criada suya. Y visto por mí que de tal persona no podía venir sino bien y favor, acordé de lo hacer.

Y, así, me casé con ella, y hasta agora no estoy arrepentido, porque, allende de ser buena hija y diligente servicial, tengo en mi señor arcipreste todo favor y ayuda. Y siempre en el año le da, en veces, al pie de una carga de trigo; por las Pascuas, su carne; y cuando el par de los bodigos, las calzas viejas que deja. Y hízonos alquilar una casilla par de la suya; los domingos y fiestas casi todas las comíamos en su casa.

Mas malas lenguas, que nunca faltaron ni faltarán, no nos dejan vivir, diciendo no sé qué y sí sé qué de que veen a mi mujer irle a hacer la cama y guisalle de comer. Y mejor les ayude Dios que ellos dicen la verdad.

Tratado Sétimo

*De como Lázaro se pôs
a serviço de um meirinho
e o que aconteceu*

Após despedir-me do capelão, fui servir como beleguim de um meirinho. Mas muito pouco fiquei com ele, por considerar perigoso o ofício; principalmente porque numa noite nos puseram para correr, a mim e ao meu amo, a pedradas e a paus, uns foragidos da justiça. A mim não alcançaram, mas ao meu amo, que os esperou, trataram-no mal. Por isso desisti do trato.

Pensando num emprego do qual pudesse viver, descansar e ganhar alguma coisa para a velhice, quis Deus iluminar-me e mostrar-me o caminho e a maneira mais vantajosa. Com a ajuda que tive de amigos e senhores, todos os meus trabalhos e fadigas até então passados foram recompensados, quando alcancei o que procurava, que foi um ofício real, por ver que só progredim os que o têm. Nesta ocupação vivo e estou hoje em dia a serviço de Deus e de Vossa Mercê. Tenho o cargo de apregoar os vinhos que nesta cidade se vendem, e em leilões, e anunciar as coisas perdidas, acompanhar os que sofrem perseguições da justiça e proclamar seus delitos: pregoeiro, falando claramente.

[Neste ofício, num dia em que enforcávamos um amigo do alheio em Toledo e eu levava uma boa corda de esparto, lembrei-me e verifiquei que estava certa a previsão que o cego, meu amo, tinha feito em Escalona, e me arrependí do mal que lhe causei, pelo muito que me ensinou. Porque, depois de Deus, foi ele quem melhor me orientou para chegar ao estado em que estou agora.]

Fui tão bem-sucedido, tão facilmente me desempenhei, que quase todos os assuntos relativos ao ofício passam pelas minhas mãos; tanto que, em toda a cidade, os que querem vender vinho, ou qualquer outra coisa, se Lázaro de Tormes não se mete no caso, já sabem que não tiram daí nenhum proveito.

Por essa época, vendo a minha habilidade e o meu bom viver, tendo notícia de minha pessoa, o senhor arcipreste de São Salvador, meu senhor, servidor e amigo de Vossa Mercê, porque eu lhe apregoava seus vinhos, procurou casar-me com uma criada sua. Como vi que de tal pessoa não podia receber senão bem e favor, concordei em fazê-lo.

Assim, casei com ela e até hoje não estou arrependido, porque, além de ser ela boa moça e diligente serviçal, recebo do meu senhor, o arcipreste, todo o favor e auxílio. E sempre no ano lhe dá, em várias vezes, perto de um carga de trigo; pela Páscoa, sua carne e, por ocasião da oferenda dos pães, as calças velhas que deixa de usar. E fez-nos alugar uma casinha perto da sua; aos domingos e em quase todos os dias de festa comíamos em sua casa.

Mas as más línguas, que nunca faltaram nem faltarão, não nos deixam viver com o disse-não-disse de que vêem a minha mulher ir fazer a cama e cozinhar para ele comer. Tomara recebam de Deus ajuda maior do que a verdade que dizem.

[Aunque en este tiempo siempre he tenido alguna sospechu[e] la y habido algunas malas cenas por esperalla algunas noches hasta las laudes, y aún más; y se me ha venido a la memoria lo que mi amo el ciego me dijo en Escalona, estando asido al cuerno. Aunque, de verdad, siempre pienso que el diablo me lo trae a la memoria por hacerme mal casado, y no le aprovecha.]

Porque, allende de no ser ella mujer que se pague de estas burlas, mi señor me ha prometido lo que pienso cumplirá. Que él me habló un día muy largo delante de ella y me dijo:

—Lázaro de Tormes, quien ha de mirar a dichos de malas lenguas nunca medrará; digo esto porque no me maravillaría alguno, viendo entrar en mi casa a tu mujer y salir de ella. Ella entra muy a tu honra y suya, y esto te lo prometo. Por tanto, no mires a lo que pueden decir, sino a lo que te toca, digo, a tu provecho.

— Señor—le dije—, yo determiné de arrimarme a los buenos. Verdad es que algunos de mis amigos me han dicho algo de eso, y aun por más de tres veces me han certificado que antes que conmigo casase había parido tres veces, hablando con reverencia de Vuestra Merced, porque está ella delante.

Entonces mi mujer echó juramentos sobre sí, que yo pensé la casa se hundiera con nosotros; y después tomóse a llorar y a echar maldiciones sobre quien conmigo la había casado, en tal manera, que quisiera ser muerto antes que se me hobiera soltado aquella palabra de la boca. Mas yo de un cabo y mi señor de otro, tanto le dijimos y otorgamos, que cesó su llanto, con juramento que le hice de nunca más en mi vida mentalle nada de aquello, y que yo holgaba y había por bien de que ella entrase y saliese, de noche y de día, pues estaba bien seguro de su bondad. Y así quedamos todos tres bien conformes.

Hasta el día de hoy nunca nadie nos oyó sobre el caso; antes, cuando alguno siento que quiere decir algo de ella, le atajo y le digo:

— Mirá, si sois mi amigo, no me digáis cosa con que me pese, que no tengo por mi amigo al que me hace pesar. Mayormente, si me quieren meter mal con mi mujer, que es la cosa del mundo que yo más quiero y la amo más que a mí, y me hace Dios con ella mil mercedes y más bien que yo merezco. Que yo juraré sobre la hostia consagrada que es tan buena mujer como vive dentro de las puertas de Toledo. Quien otra cosa me dijere, yo me mataré con él.

De esta manera no me dicen nada, y yo tengo paz en mi casa.

Esto fue el mesmo año que nuestro victorioso Emperador en esta insigne ciudad de Toledo entró y tuvo en ella Cortes, y se hicieron grandes regocijos, como Vuestra Merced habrá oído. Pues en este tiempo estaba en mi prosperidad y en la cumbre de toda buena fortuna.

[De lo que de aquí adelante me sucediere avisará a Vuestra Merced.]

375

380

[Embora naquele tempo eu chegasse a ter alguma suspeitazinha e tivesse jantado mal alguma noite por ficar à espera dela até o amanhecer ou mais ainda; e me lembrei do que disse o meu amo, o cego, em Escalona, segurando o chifre. Mesmo assim, para falar a verdade, sempre penso que é o diabo quem me traz estas coisas à memória para estragar meu casamento, mas não ganha nada com isso.]

Porque, além de não ser ela mulher que goste dessas brincadeiras, o meu Senhor me garantiu, o que acredito que cumprirá. Um dia falou comigo durante longo tempo diante dela e disse-me:

—Lázaro de Tormes, quem se preocupa com o que dizem as más línguas nunca progredirá; digo isto porque não me admiraria algum falatório pelo fato de sua mulher ser vista entrando e saindo da minha casa. Ela entra honrando a você e a si mesma. Isto eu lhe garanto. Portanto, não dê importância ao que possam dizer, mas apenas ao que lhe interessa, quer dizer, ao seu proveito.

375

— Senhor — disse-lhe —, resolvi aproximar-me dos bons. É verdade que alguns dos meus amigos me falaram alguma coisa, e por mais de três vezes me asseguraram que, antes de casar comigo, ela tinha parido três vezes, falando com todo respeito a Vossa Mercê, que ela está aqui.

Então a minha mulher jurou por sua vida, a ponto de eu pensar que a casa cairia em cima de nós. Depois, começou a chorar e a lançar maldições sobre quem a tinha casado comigo, de tal modo que eu preferiria estar morto do que ter dito aquelas palavras. Mas eu de um lado e o meu amo do outro, tanto falamos e concedemos, que ela parou de chorar, com a promessa de que nunca mais na minha vida eu mencionaria nada daquilo, e que eu gostava e achava bem que ela ali entrasse e saísse, de noite ou de dia, pois estava convencido de sua bondade. Assim, ficamos satisfeitos todos os três.

Até o dia de hoje nunca mais ninguém nos ouviu falar sobre o caso; pelo contrário, quando percebo que alguém quer dizer qualquer coisa sobre ela, atalho-o e digo:

— Olhe, se você é meu amigo, não me diga nada que me aborreça, porque não considero amigo aquele que me traz contrariedade. Principalmente se querem me indispor com a minha mulher, que é a coisa que eu mais quero no mundo, e a amo mais que a mim mesmo, e por seu intermédio me concede Deus mil graças e maiores bens do que eu mereço. Porque eu jurarei sobre a hóstia consagrada que é tão boa mulher como qualquer outra que vive dentro das portas de Toledo. Quem me disser outra coisa, terá que lutar comigo até à morte.

380

Desta forma, ninguém me diz nada. Assim, eu vivo em paz na minha casa.

Isto aconteceu no mesmo ano em que nosso vitorioso Imperador entrou nesta insigne cidade de Toledo e nela reuniu Cortes, e se realizaram grandes festas, como Vossa Mercê terá ouvido. Pois, nesse tempo, estava eu na minha prosperidade e no auge de toda a boa fortuna.

[Do que de hoje em diante me aconteça, avisarei a Vossa Mercê.]

LAZARILHO DE TORMES

Este livro foi composto, paginado e fotolitado pela Divisão de Produção da
Scritta Oficina Editorial, na fonte *Times*.

A impressão foi realizada pela *Gráfica Bartira*, com
uma tiragem de 3 mil exemplares em 1^a edição.

Livros publicados

La literatura española en los textos - de la edad al siglo XXI. Felipe B. Pedraza Jiménez y Milagros Rodríguez Cáceres.

La literatura española en los textos - siglo XX. Felipe B. Pedraza Jiménez y Milagros Rodríguez Cáceres.

São João da Cruz - Poesias completas, edição bilingüe. Tradução em verso português de Maria Salete Bento Cicaroni. Prefácio e edição espanhola de Felipe B. Pedraza Jiménez.

Próximo Lançamento

Dicionário de falsos amigos - espanhollportuguês-espanhol. Dirigido por Balbina Lorenzo Feijóo Hoyos.

Em preparação

Lope de Vega: *El Castigo sin venganza,* edição bilingüe. Tradução em verso português de Maria Salete Bento Cicaroni. Prefácio e edição espanhola de Felipe B. Pedraza Jiménez.

Breve gramática española (especialmente elaborado para estudantes brasileiros). Texto em espanhol de Gala Blasco Aparicio. Notas e indicações do português de Maria Salete Bento Cicaroni.

Iniciativa conjunta da “*Consejería de Educación*” da Embaixada da Espanha no Brasil e agora da Scritta Editorial, a Coleção Orellana tem por escopo a difusão da cultura hispânica no Brasil.

Neste quarto volume apresentamos esta obra essencial, que dá início a um gênero tão característico, da literatura espanhola; a novela picaresca.

Confiamos em que este volume venha à ser um instrumento eficaz para aqueles que desejam chegar mais perto de uma das literaturas mais ricas e variadas da humanidade.